

FIDÉLIS DALCIN BARBOSA



**EU FUI
UM MARGINAL**

Prefácio de
DANTE DE LAYTANO

EST

“Eu fui um Marginal”, prefaciado pro Dante de Laytano, presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, é uma coletânea de histórias, mais ou menos reais, acontecidas quase todas na região de Lagoa Vermelha, onde o autor se encontra radicado desde 1952.

A princípio, antes de 1961, Fidélis Dalcin Barbosa limitava-se a publicações de crônicas e contos em jornais e revistas. Havendo publicado no suplemento literário “Correio do Povo” uma série de estudos acerca da imigração italiana no Rio Grande do Sul, despertou a atenção de Mansueto Bernardi, que se interessou junto a setores editoriais para que seus escritos fossem publicados em livro. Foi assim que surgiu a sua estreia com “Semblantes de Pioneiros”, título dado pelo próprio Mansueto Bernardi.

Daí por diante, o autor não parou mais de escrever e de publicar uma série de obras de contos, romances, histórias, biografias, atingindo atualmente o expressivo número de 33 títulos e um total de 54 edições, excluídas as publicações em outras línguas.

Fidélis Dalcin Barbosa

Eu fui um marginal



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Fidélis Dalcin Barbosa

Eu fui um marginal

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Contos. -Porto Alegre. Edições EST, 1984. 126p.; 22cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR).

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 06/09/2013

Capa e ilustrações de: Sandra Dalcin Fontanive

B238e Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-

Eu fui um marginal [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-047-9

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.
CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
1-EU FUI UM MARGINAL.....	18
2-AS PORTAS DO INFERNO.....	33
3-RESPEITO.....	41
4-O ÉBRIO.....	48
5-A CRUZ DE OURO	60
6-TESOIRO ESCONDIDO NO CAMPO	67
7-IMIGRANTES.....	75
8-O RABO-DE-TATU.....	82
9-O ANJO BRANCO	101
10-O PINHEIRO.....	111
11-OS CHIQUITUS.....	116
12-SEBASTIÃO PIRES	123
13-O VESTIDO AZUL	130
14-O CACIQUE DOBLE	138
15-NA ENCHENTE DE 83.....	149

APRESENTAÇÃO

UM ESCRITOR QUE AMA DE VERDADE SEU RIO GRANDE DO SUL NOVO E COLONIAL

Dante de Laytano

Fidélis Dalcin Barbosa é autor fecundo e sua abordagem de preferência as áreas de ficção literária e história constituem-se quase que uma raridade na tímida bibliografia da nossa Província, procurando um tema sem uso - o da colônia e o italiano -, escrevendo bastante. Sua operosidade impressiona tanto quanta um brilhante posicionamento que lhe permite, pelo fato de possuir forte e perene espírito criativo dosado de equilíbrio de linguagem, gramática e estilo com a expressão liberada que lhe traça as normas do entrecho proposto, um lugar de destaque na história das letras rio-grandenses.

Não somente por ter escrito, editado e publicado 30 títulos. O que já seria uma forma de defini-lo como um escritor de um dom de trabalho infatigável na busca da montagem do livro como obra de arte. Ele o faz. E bem. Trata-se na verdade de um escritor com facilidade de trânsito pelo emaranhado mundo da imaginação. Ele a explora com inteligência, lega-nos romances, contos, novelas, biografias e estudos, etc. Considere-se entretanto a grande virtude deste escritor que se impõe porque se apresenta a destacar uma região que não foi sondada por ninguém. Poucos se lembram dela. Não há duas linhas e se as há pouco são conhecidas e estão na maioria das vezes esquecidas e ninguém as encontra mais. Ele soube justamente valorizar o colono italiano, a geografia da colonização peninsular e cuidar de salientar a beleza, a paisagem, o universo e a criatura num Rio Grande do Sul ainda por ser

descoberto pelo escritor. Ele não. Investiu, e sereno, decidido e realizando uma obra imensa, caudal magnífico, obrario que se retrata o ítalo-gaúcho. Evidente que ele procurou outros assuntos, e se houve com precisão e uma perfeição diante de um diagnóstico de síntese moral e espiritual da descrição. Pronta para ser vista. Interpretada como ela na lucidez da herança antropológica.

Passando os olhos pela vasta bibliografia, e toda aproveitável no retrato de outro Rio Grande inexplorado, atende-se logo pelo planejamento literário que se propôs o autor. Cinco livros seus ele os dedica a uma temática e que logo a denomina de - Prisioneiros -. Assim um livro chama-se "Prisioneiro da Montanha" e outro denomina-se "Prisioneiros do Campo", "Prisioneiros do Abismo" e "Prisioneiros dos Bugres". A intenção do Autor está visível em sobressair a paisagem, não em dimensionar, mas colocar em ação numa natureza determinada do cenário que foi destinado e vivido pelo gaúcho de ascendência italiana. Somente conhecendo-se a geografia da colonização italiana pode-se então notar ou perceber-se que o domínio do meio físico, natural e paisagístico impõe sua influência. Não decisiva, certo. Mas interligando a criatura e o solo, a gente e a paisagem, o colono e a natureza.

A obra de Fidélis Dalcin Barbosa é um investimento proposital no pequeno tema. O assunto fica sempre na dependência do burgo, do limitado e do minúsculo. A temática sem a amplitude sofisticada das grandes teses. Mas no fundo, neste segundo escalonamento da classificação, assim meio superficial de sua obra, ele se passa, com mil cuidados para a linha colonial, o distrito e a capela ou o travessão e a própria colônia. É o caso de seu livro, aliás creio que se trata do melhor que ele escreveu - "A Coloninha" -, a biografia do elogio das virtudes e da vocação religiosa na missão piedosa de servir a Deus, Nosso Senhor. Pois, é uma catarinense, Amábile Visintainer (Madre Paulina), fundadora da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Agora surge Nova Trento, a faina agrícola, a luta material, o vencer o

deserto verde, a luta contra a prática habitual do abandono do Governo. O sistema relegando sempre os que não têm prestígio e vivem dos favores da mãe terra, com suas agruras e batalhas. O livro tem várias edições, já foi traduzido para o italiano e a TV Globo, poderosa, o usou durante uma hora num Programa do Globo Rural. Preocupado com os redutos minúsculos que legam figuras, ideias e lições, então o Autor lança - "São Virgílio da Segunda Légua" -, primor de apreciação do resumo de uma cultura. Num ambiente reduzido de contornos.

Aliás, a história o encanta. E tem tido instantes felizes como narrador, cronista e divulgador de fatos e atos que ou a própria grande história não se envolve ou nem mesmo a média história tem a coragem de enfrentar o descrever das minúcias da região perdidas no espaço territorial de poucos ou nenhuma visibilidade. Ao estudar os "Fanáticos de Jacobina", ele parte para uma história expurgada, uma nova história. Agora até de filmes abacaxis ou reportagens algumas tão infelizes quanto seus próprios autores cometendo um erro crasso de informação do passado em cada linha escrita. Com aquela antiquada imagem que a história é de uso de todos. Esquecendo a que a história se não se portar sua interpretação como ciência, investigação ou análise de documento e avaliação de fontes não é história. Fidélis Dalcin Barbosa concorre para valorizar justamente este esquema da história, sua importância. Porque a história se faz de provas. Mesmo escrevendo a respeito de - "Luis Bugre" - existe uma tentativa exigível de entrar nos "Campos dos Bugres" -. Os bugres lhe inspiraram vários livros, os prisioneiros, o campo e Luís Bugre. Velha Caxias nascendo, seu começo e surgindo para ser a capital do polo geográfico e cultural e econômico de vinte e cinco ou mais cidades que os italianos plantaram no Rio Grande do Sul. Italianos e seus descendentes, evidente. Mesmo quando usa um outro de seus temas prediletos - os prisioneiros - ele então evoca os - "Anjos Prisioneiros". Uma retrospectiva da vida interior na sua decência e nos respeitáveis costumes pautados pela que já está em via de extinção: o comportamento interior diante/vida objetiva

ou sexual que domina a vida espiritual. A voz de Deus que é ouvida pelos simples. Os poderosos não tem tempo para Deus.

Duas biografias de santos ele também as escreveu, como obras de divulgação muito úteis, necessárias e para o aprendizado e iniciação das personalidades que ficaram na história como exemplo de santidade de alma, coração e corpo. "São Domingos Sávio" e "São Tomás de Aquino", dois lindos trabalhos captando o retrato invulgar e a face nobre de grandes figuras de uma época extinta.

O historiador infatigável presta culto, como convém, a sua Lagoa Vermelha. Uma de suas "Lagoa Vermelha" mereceu o Prêmio Grupo Gerdau do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal, outorgado justamente para elogiar a micro história e a revelação pesquisada é luz de tudo inédito. Agora, em 1981, saiu sua - "Nova História de Lagoa Vermelha". Já tinha escrito uma "História do Rio Grande do Sul", para a iniciação do passado gaúcho. "O Relógio de Tapera" é a volta de misto de história e narração, sempre cuidando de não desprezar o pequeno burgo da vida colonial. "Antônio Prado e sua História" - e - "Vacaria dos Pinhais" - e está trabalhando com afincos e paixão verdadeira numa - "História da Diocese de Vacaria" - que neste 1984 completa jubileu de prata. Ele de fato não é homem de deixar de executar seus projetos. Promete e cumpre. Já terminou um livro que deve estar dentro de seu clima preferencial - "Daniel Bertelli, Hoteleiro" -. Que será o quadro de um hotel de interior e seu dono, o papel de clube, centro político e núcleo de informações que desempenha um hotel. E o papel de prestígio do hoteleiro. Será, sem dúvida, mais um bom livro e interessante porque vai é procura de um material virgem, não cuidando quase nunca ou nunca.

Escritor inimigo da preguiça. Não conhece a inércia e sua atividade é uma permanente lição de, arte literária. Quando em 1961 Lançou seu primeiro livro - "Semblantes de Pioneiros" -, revelava-se o decidido em enfrentar o tema que o acompanharia para sempre: a colonização, o colono, a agricultura martirizada e

explorada mas que fez a riqueza circular no Rio Grande do Sul e o desempenho italiano, do gaúcho italiano já aculturado, dos CTGs a bombacha, chimarrão e cigarro de palha que abandonou por que o cigarro de palha também desapareceu. Mas vinculou: se a tradição luso-brasileira de uma forma definidora de uma filosofia da aculturação, agregamento, através da influência que sofreu e a influência que trouxe.

Pois, seu - "O Prisioneiro da Montanha" - o segundo livro que publicou virou roteiro de - filme - de Paulo Machado, do Rio de Janeiro.

Conferencista, autodidata, participante de Feira de livro, dando palestras em colégios, clubes e instituições e até *best-seller* já foi. É um legítimo vencedor.

A brilhante editora que Frei Rovílio Costa, grande figura, idealizador de uma das mais atuantes editoras rio-grandenses, vai reeditar e publicar mais algumas obras de Fidélis Dalcin Barbosa. Ele não para, o Autor, que agora mesmo está cuidando da tradução espanhola em Buenos Aires de seu - "Prisioneiro da Montanha". Outro livreiro preocupado com rio-grandense, e só publica rio-grandense, é o prestimoso Martins livreiro, um abnegado e um benfeitor da criatura gaúcha.

"Eu Fui um Marginal" - que é este livro de contos que me agrada, e me honra mesmo, de apresentá-lo, com este prefácio que o Autor não precisa em absoluto dele e que mais dignifica a quem o escreve do que ao elogiado. Mas devo apresentar o livro, como o farei em seguida. "São histórias quase todas reais, acontecidas na região de Lagoa Vermelha", como me informa o Autor, que tenho a maior satisfação de conhecer pessoalmente.

Como afirmei no início destas palavras-prefácio: Fidélis Dalcin Barbosa escreve muito, tem uma bibliografia vasta e é autor dos mais abundantes. Isto é raridade. Até ele uma raridade bibliográfica. E depois partiu para um assunto que ninguém se importou com ele: o do colono, a colônia e os italianos dos

lugarejos. Digo e repito.

Claro que Rovílio Costa quebrou este padrão com sua Editora que lançou uma imensa quantidade de livros, quase mil, um assombro, sobre a contribuição histórica ítalo-gaúcha e ele mesmo escrevendo obras clássicas, preciosas e sábias, como - "Assim Vivem os Italianos" -, uma enciclopédia histórico-antropológica da influência, presença e contribuição dos gaúchos de gens italianas, e a devida importância.

Mario Gardelin, um dos mais notáveis pesquisadores dos estudos italianos e o Rio Grande do Sul, foi o pioneiro legítimo. Que merece o respeito pela sua atuação de divulgador, jornalista e professor. O que ele escreveu e publicou na imprensa é monumental. É obrigatório que se digam estas coisas.

Claro que existe uma pesquisa sociológica magnífica e brilhante de Thales de Azevedo e há pelo menos uns cento e cinquenta títulos de livro sobre o assunto. Louvável, evidente. Mas não esquecer quem desencadearam este movimento foram um jornalista de formação humanística que é Mario Gardelin e um filósofo, religioso e erudito que é Frei Rovílio Costa. Eles começaram esta grande tarefa. Que parecia ingrata mas que terminou gloriosa. E por isto que precisam estar em evidência. Nomes e mais nomes existem de pesquisadores. Para falar nos mais velhos: Mansueto Bernardi, Leonardo Truda, Eduardo Duarte, Alfredo Varela. João Maria Balem, Ernesto Pelanda, etc. Mais novos e atuais. Mas o motor que impulsionou agora tudo que se vê, lê e escreve foram de fato dois que novamente devem ser evocados. E sempre lembrados. Frei Rovílio e Dr. Gardelin. E a Universidade de Caxias funcionando como centro de irradiação de ensino, cultura e levantamento do trabalho tarefa italiano-riograndense, e seu Reitor Prof. Abrelino Vazatta, que atua elegantemente. Poetas vários. Ernani Fornari e Olmiro Azevedo e quantos mais? As omissões perseguem as citações de nomes. Seria injusto não falar por exemplo num Luiz A. de Boni e Zagonel, Itálico Marcon, Busatta, Liberalli, Giacomel, Galeazzi, Giusti,

Rizzardo, Nani Contastorie, Lazzari, Giron, Fochesatto, Giasson, Righez, Merlotti, Ducatti, Lazarotto, Longhi, Adami, Adamatti, Molon e Alberto Victor Stawinski e sua monumental gramática vêneta-gaúcha ou Arlindo Batistel e sua modelar investigação na coleta dos informes testemunhais ou Italo Balen e sua saborosa poesia dos "Os Pesos e Medidas". Ou Aquiles Bernardi e a criação excelente da Nanetto Pipetta no "Stafetta Riograndense". Um Julio Posenatto, com a arquitetura do colono, e as revelações de uma arte regional baseada no comovente da simplicidade. Impossível um levantamento da contribuição aos estudos italianos de ontem e de hoje. Alguns nomes figuram nesta relação incompleta. Muito incompleta, mesmo. Achei que não devia neste prefácio deixar de falar no que representa parcela grandiosa da literatura riograndense não alinhada e nem mencionada.

"Eu fui um Marginal" são quinze contos, narrações agradáveis, evocações de uma Lagoa Vermelha ao natural e retrato de uma paisagem sociológica. O Autor registra tudo em termos legíveis, próprios para as diversificadas categorias de frequentadores dos textos literários e se empenha na descrição e no entrecho, jamais desassociando o retrato natural da eterna coreografia da colônia com o bravo povoador heróico que vive, não a influência dos meios mas que o meio deve servir de fundo para a ação. E Lagoa Vermelha está presente. O primeiro conto dá o título do livro. Um filho de prostituta, de sangue africano, assaltante e ladrão. Regenerado, senhor de um bom emprego. A luta está no aprender e comportar-se novamente. E descobrir o próprio pai. Uma trama agitada num romance quase, e encurtado num conto até o personagem descobrir o próprio pai. "As Portas do Inferno" - é o conto seguinte quando o personagem que é o Prof. Atílio, diretor da Casa do Menor, se acha no dever de salvar os que se encontram à beira do abismo, e naturalmente o menor abandonado. A mãe solteira, finalmente o casamento com o primeiro sonho pecaminoso que se transforma de realidade em

tragédia. O terceiro conto é o, Autor que se expressa para afirmar que cachorro também é criatura de Deus. Um conto bonito, e o papel do cão, sua bravura e a caça do tatu. Uma descrição límpida de um costume campeiro e de quanto vale o cachorro. O quarto gira sobre o que é um ébrio e a Cruz de Ouro como história de uma Regina casamenteira e que terminou feliz com seu noivo como um casal de canários depois do casamento. O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo, como diz o evangelho e baseada na verdade dos livros santos então decorre a história de Gomercindo, a serraria em Barracão e depois a colônia, a plantação e a riqueza saudável da terra generosa nos frutos, no trabalho, no plantio. "Imigrantes" é a narração da religiosidade do colono e a devoção de Nossa Senhora do Caravágio, mas nas cercanias de Veranópolis e as oito primeiras famílias vindas de Treviso na Itália do Norte. Todos os contos versam imaginosos assuntos completamente diferentes um dos outros, como é natural, mas a figura central sempre é o colono e a paisagem agreste, selvagem e exuberante da colônia. Assim o conto - "O Rabo de Tatu", que é o maior do livro para dizer da luta dos vinicultores e seus problemas, o dinheiro e a proteção dos santos para melhorar a miséria, a necessidade e a falta de recurso. O conto - "O Anjo Branco" - que é a história de um advogado de sucesso mas ateu, um desastre aéreo, a conversão e o júri agora em Porto Alegre. Outro conto é a história do pinheiro derrubado para a casa do capataz da fazenda. O elogio da árvore. O pinheiro senhor da paisagem e o desprezo pelo eucalipto que vinha nascendo no lugar do pinheiro. O conto - "Os Chiquitus" - narra a história de pioneiros fundadores de Lagoa Vermelha. Outro conto se passa na cidade de Ciríaco e descreve um crime num enredo que tem por título - "Sebastião Pires" -, que e a própria vítima. "O Vestido Azul" - também é uma história trágica de morte de uma menina de quase quinze anos que se chama Maria Elizabeth de Oliveira, uma passofundense de família da Lagoa Vermelha. Segue uma história da melhor qualidade que é a biografia de - Cacique Doble -, um restauro de uma figura que passou a história e terminou nome na

Geografia do Rio Grande do Sul. O que por si valeria o livro todo. Quem sabe qualquer coisa de Cacique Doble? Cezimbra Jacques? E quem mais? Um ou dois ou quatro ou cinco pessoas trataram de Cacique Doble mas ligeiramente, vagamente, quase sempre. O conto final - "Na enchente de 83" - a trama pequena e rápida adquire traços de um apólogo de mendigo que é feliz e do relativo abastado que tudo perde na enchente. O pobre não tem o que perder.

São quinze contos, ao mesmo tempo históricos e reais, misturados com delicadas invenções e tudo com a presença eterna da colônia e da igreja, do solo generoso na sua expressão protetora dos que a estimam com paixão e a presença da religião, traço admirável da espiritualidade do ítalo-gaúcho voltado para Deus.

Fidélis Dalcin Barbosa escreveu uma obra literária com sabor documental, respeitando os cânones do espírito da terra, da santidade, da colônia e da capela, da agricultura, a filharada numerosa e os frutos e as serrarias e os vinhedos, as casas nascendo dentro da floresta grandiosa e as cidades surgindo aos poucos de cada linha, travessão é colônia que, juntas com a capela, o oratório, a igreja criaram o núcleo urbano, uma civilização cidadina na periferia do universo virgiliano da agricultura soberana na sua imensidão de servir.

Um livro, enfim, para ser lido degustado e evocar os pequeninos mundos grandiosos da colônia italiana, sua vida, suas histórias, sua presença e sua infindável sugestão de beleza nativa e amorosa nos sonhos de gerações que se sucederam no respeito ao chão natal e a devoção a Nosso Senhor Jesus Cristo.

1-EU FUI UM MARGINAL

Eu fui um marginal. Fui assaltante e ladrão. Estive na iminência de me tornar assassino. Uma dezena de vezes, revolver em punho, fiz pontaria para matar...

A história é longa e dramática, triste e humilhante para mim. Todavia, no áspero caminho que eu trilhava, um dia brilhou um raio de luz. No meio desse raio de luz, surgiu uma mão poderosa e amiga. Mão poderosa e amiga que me conduziu do charco às estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao céu...

Recuperei-me. Agora, recuperado, sinto prazer em narrar a minha história. A minha dramática história.

-0-0-0-

Sou filho de uma prostituta. Prostituta com sangue africano. É claro, se dependesse de mim, eu escolheria outra mulher para mãe, em que pese o elogio de Cristo, que a muita gente-bem faz preceder as prostitutas à entrada do reino de Deus (Mt. 21,31).

Filho da zona do meretrício, criado sem pai e sem padrinho, começou a gatinhar entre marginais. Vida bruta. Ambiente sombrio de vício e miséria.

Vivia de esmolas, passando fome e sofrendo os rigores do inverno, por falta de roupa e coberta, num barraco miserável. Roupa minguada, rasgada, suja e fedorenta.

Com oito anos, sala pelas ruas da minha cidade, junto com alguns companheiros de infortúnio, a bater de porta em porta.

Nesses peditórios, em geral, era bem sucedido. Ganhava

hoje um prato de comida. Amanhã, um pedaço de pão. Depois de amanhã, algum dinheiro.

-0-0-0-

Mas lá um dia, nessas minhas andanças, sofri uma decepção. A maior decepção de minha vida de marginal. Um tombo feio. Um tombo que seria o começo de uma série de trambolhões.

Bati à porta de bela moradia de um dos maiores empresários da minha cidade. Sua esposa costumava me atender bem, dando-me sempre alguma ajuda. Infelizmente, nesse dia, quem me recebeu foi o seu marido, o seu Alfredo, que era uma fera para os pequenos marginais.

Quando o Seu Alfredo abriu a porta e me viu, levantou a voz, esbravejando blasfêmias na língua dos gringos: *Brutti negri, maledeti!* Vão trabalhar, vagabundos!

Eu saí correndo, mas uma pedra me acertou nas costas, e logo, duas balas passaram assobiando perto dos meus pés, sobre o calçamento da rua.

A violenta pedrada me deixou a marca nas costas. Uma marca que até hoje conservo e que irá comigo é sepultura.

Qualquer pessoa, por mais educada e crista que fosse, se revoltaria, diante de um gesto de tanta selvageria. Imaginem, então eu, um pequeno marginal, criado na escola dos marginais, vivendo a filosofia dos marginais.

-0-0-0-

Pois o demônio tomou conta de mim. Fiquei um demônio. Um diabinho. Jurei vingança. Vingança diabólica, infernal. Jurei que haveria de matar aquele bruto. Fiz promessa. Promessa solene. Fiz promessa de matá-lo. De matá-lo com a mesma arma com que ele acabava de me atirar.

Na execução dá meu plano diabólico, eu tive sorte. Tive a

proteção, não do céu. Tive a proteção do demônio. O demônio que nessa negra empreitada me abençoou escandalosamente.

O que me parecia quase impossível, tornou-se a coisa mais fácil do mundo. Entrar na casa o Seu Alfredo sem ser visto e sair dela com o revólver, foi uma façanha extraordinária, de que até hoje me admiro.

-0-0-0-

Não tive mais sossego. Não pensei mais em nada. Eu só queria entrar na casa do Seu Alfredo e sair dela com o seu revólver. O revólver com que ele me havia atirado duas vezes. Com esse revólver eu haveria e matá-lo.

Durante alguns dias, às escondidas, nas proximidades da suntuosa casa, estive espreitando uma oportunidade. Ao cabo de uma semana, fiquei sabendo que de manhã o Seu Alfredo saía para a sua empresa os filhos iam à escola, ficando em casa apenas a D. Ernesta, com o filho menor e a empregada.

Um dia, por volta das dez horas da manhã, escondido por trás das árvores da avenida; vi com alegria a D. Ernesta sair de casa junto com o filho menor e a empregada, deixando a casa deserta.

A casa ficou deserta, mas fechada à chave e, nos fundos, bem guardada por enorme cachorro policial. Um cachorrão medonho, capaz de estraçalhar um adulto, não apenas uma criança como eu.

Mas eu ignorava a presença do animal. Fui penetrando afoitamente, pela garagem, aos fundos. Num pulo passei da garagem a cozinha, sem que o cachorro desse por mim. Devia com certeza estar dormindo, providencialmente.

-0-0-0-

Atravessei duas salas ricamente atapetadas e mobiliadas. Andei por um corredor, de onde avistei a cama de casal, coberta

com colcha dourada. Penetrei no bellissimo quarto, carpetado e perfumado. Abri uma gaveta da cômoda. Fiquei radiante. Lá estava o revólver. Um revólver pequeno, de cano curto, calibre 22. Fácil de levar escondido no bolso das calças.

Estava carregado. Ao lado, uma caixa de balas. Agarrei a arma e a caixa de balas. Enfiei nos bolsos.

Minha alegria não parou aí. Na mesma gaveta estava uma faca prateada, com bainha floreada. Vendo aquela faca tive uma ideia. Uma ideia ingênua, infantil. Uma ideia absurda, diabólica, infernal.

Com o revólver eu mataria o Seu Alfredo. Em seguida, com a faca, lhe abriria o peito, para verificar se ele tinha coração...

Meti a faca na cintura, por baixo das calças, o cabo encoberto pela camisa. E saí, triunfalmente.

Num pulo, estava na garagem. O cachorro, amarrado por longa corrente, disparou atrás de mim, sem conseguir pegar-me. Levei um susto, do qual me refiz em seguida, por que eu acabava de realizar uma façanha espetacular.

-0-0-0-

De posse do revólver, eu vibrava, prelibando um segundo feito, que era derrubar o Seu Alfredo com a sua própria arma, a arma com a qual ele me havia disparado dois tiros.

Eu cuidava que matar o Seu Alfredo seria fácil, mais fácil do que entrar em sua casa e furtar-lhe o revólver, a caixa de balas e a faca. Mas eu estava enganado, redondamente enganado. Matar o Seu Alfredo seria para mim a empreitada mais difícil do mundo. Empreitada impossível de realizar.

Sabia eu que o Seu Alfredo, aos sábados e domingos, à noite, ia ao cinema. Diante do Cinema Guarani, no outro lado da rua, era a praça com árvores frondosas, oferecendo ambiente favorável para me ocultar, horas mortas da noite, e dali disparar a

arma sem ser visto.

No primeiro sábado, fiquei mais de uma hora zanzando por ali, a espera do final da sessão cinematográfica. Por volta das 11 horas, o alto-falante abriu a goela, anunciando a saída dos espectadores.

Fiquei vibrando. Sufocando a emoção e o nervosismo, postei-me, de revólver em punho, atrás de uma palmeira, na qual me escorei para fazer pontaria.

Sem demora, reconheci o Seu Alfredo no meio da multidão, trajando um terno claro, axadrezado. Vinha saindo do cinema conversando com os amigos. Levantei a mão e fiz pontaria.

Aguardei que ele se afastasse dos companheiros, que eu poderia atingir com uma bala, sem querer. Mas ele foi andando sempre ao lado de outras pessoas.

-0-0-0-

Desapontado, fiquei aguardando o dia seguinte, domingo. Outra decepção. Tudo correu como no sábado. O Seu Alfredo, sempre perto de amigos, saiu da casa de espetáculos e foi seguindo para o café.

No outro sábado e no outro domingo, repetiu-se a minha frustração, sempre pelo mesmo motivo. Foram cerca de dez tentativas, sempre em vão.

Resolvi mudar de lugar de espera. Coloquei-me diante da primeira esquina, escondido no meio da profusão de árvores da avenida. O Seu Alfredo, que nunca faltava ao cinema, veio saindo e descendo a rua, acompanhado da esposa.

Fiz pontaria. Não sei por que, a mão começou a tremer. Assim a tremer, eu poderia atingir a esposa, coisa que de maneira nenhuma poderia consentir, pois D. Ernesta foi sempre muito atenciosa e generosa para mim. Mais um fracasso.

-0-0-0-

Ainda com o pensamento em buscar novos meios para atingir meu objetivo, naquela mesma semana sobreveio um fato decisivo nos rumos de minha vida. Fui recolhido à Casa do Menor Abandonado.

Fui para lá, mas não perdi a esperança de assassinar o Seu Alfredo. Por isso, levei comigo o revólver, as balas e a faca. No dia seguinte, temendo vir a ser descoberto com aquele meu pequeno arsenal, tratei de escondê-lo no mato próximo, pertencente aquela instituição.

Descobri lá, um oco de árvore e nele encafuei minhas armas. Cada semana eu ia lá ver se não tinham desaparecido. De vez em quando, eu lubrificava o revólver e a faca com óleo das oficinas mecânicas, para que não enferrujassem.

-0-0-0-

Fazia uma semana que eu me encontrava internado na Casa do Menor, quando assumiu a direção o professor Atílio. Era um jovem, solteiro, baixinho, forte, mas extremamente simpático e apaixonado por menores carentes.

No primeiro dia, ao vê-lo chegar, nós até ficamos com algum receio dele. Mas chegou sorrindo e distribuindo balas e frutas para nós. Todos ficamos logo gostando do professor Atílio.

Formado em Técnicas Agrícolas, tratou imediatamente de transformar o vasto terreno da Casa do Menor numa lavoura imensa. Plantou árvores frutíferas, figueiras, macieiras, pessegueiros e um vinhedo.

A horta, que jazia abandonada, transfigurou-se numa linda sementeira em flor. Com os produtos hortigranjeiros dela, nos abastecíamos os supermercados da cidade.

A seguir, organizou um aviário, com centenas de galinhas poedeiras e de corte. Então, para nós, era aquela fartura de ovos e carne de frango. Três vacas de leite. Um chiqueirão com dezenas de porcos da raça Duroc. Cada três meses, abatíamos um porco

de 300 quilos, que nos fornecia carne, linguiça, salame, banha e dinheiro.

De toda essa enorme abundância de produtos da lavoura, da horta, do aviário, das vacas e da porcada, nós é que aproveitávamos. Uma fartura colossal, coisa que nunca ninguém vira antes da chegada desse novo administrador.

-0-0-0-

Depois das aulas, o professor nos acompanhava nos trabalhos da terra, ensinando-nos a plantar a lavoura, colher milho, batatas, feijão...

Um dia chegaram procedentes de Porto Alegre, para visitar a nossa casa, duas distintas senhoras da direção da FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor). Ao se aproximarem, viram o professor trabalhando na terra, com as mãos sujas. Cuidando que fosse um empregado qualquer, falaram:

- Escute, moço, por favor, pode nos chamar o diretor?

- Pois não - respondeu o professor. - Vamos entrar. Elas entraram, sentaram na sala, enquanto o professor foi lavar as mãos, para em seguida se apresentar.

- Mas e o diretor? - insistiram as senhoras.

- O diretor - respondeu humildemente o professor - o diretor sou eu mesmo. Desculpem.

-0-0-0-

Nós ficamos querendo muito bem ao professor Atílio. Era o nosso grande amigo. O nosso pai. A nossa mãe. Era tudo para nós. Mas não deixava de ser exigente. Não tolerava abusos e desordens. Depois de um malfeito nosso, vinha logo o castigo, que nós aceitávamos com agrado.

Uma noite, depois de nos acomodar no dormitório, o professor foi visitar o pai, que aniversariava naquele dia. Nós

aproveitamos a sua ausência para nos divertir. Quando ele retornou, o dormitório estava virado num campo de batalha, cujas balas, de grosso calibre, eram os travesseiros.

O professor não gostou. Chamou-nos para fora. Mandou que ficássemos só de calção, todos em fila. E, agarrando um balde de água, nos deu um banho naquela noite fria de inverno.

A seguir, ordenou:

- E agora, todos já no mato carregar para aqui aquela árvore que o temporal derrubou. Amanhã vocês vão transformá-la em lenha.

Lá fomos nós, alguns resmungando: Mas, professor! Na escuridão da noite, a árvore parecia uma enorme folha carregada por formigas, movimentando-se lentamente.

-0-0-0-

Uma série de episódios, ocorridos na Casa do Menor durante o tempo em que lá permaneci, mereceriam registro.

Vai apenas um.

As normalistas de uma escola da cidade visitavam a nossa casa, a fim de prestar alguma ajuda, nas aulas de catequese. Pois uma dessas estudantes, aos poucos, foi se apaixonando pelo professor Atílio, que naquele tempo ainda era solteiro.

Vai até que um dia ela não se contém e larga na cara dele uma declaração de amor:

- Professor, eu gosto muito de você; mas não suporto vê-lo aqui entre os marginais.

O professor não gostou da segunda parte dessa declaração de amor. E protestou com veemência:

- O que?! Marginais? Marginais coisa nenhuma, minha filha! Então você não sabe que estes meninos são filhos da alta sociedade? Sim, senhora, filhos da alta sociedade, embora

nascidos na zona do meretrício! Você quer ver uma coisa?

O professor foi para perto dos garotos que jogavam bola e gritou:

- Flávio, venha cá.

O rapazinho, a cabeleira desgrenhada, suado dos pés à cabeça, chegou correndo e parou diante do professor, que se encontrava perto da normalista.

- Minha filha - falou o professor - esta vendo esse "marginal"? Olhe bem para cara dele. Veja os traços fisionômicos. Não é parecido com você? Pois este marginal, minha filha, é teu irmão.

- Que horror, professor! - exclamou ela.

- Sim, senhora. É teu irmão. O pai dele é teu pai. O teu pai em carne e osso, embora a mãe seja uma prostituta.

- Ai, professor, não diga uma coisa dessas! - tornou ela, começando a chorar.

Era a pura verdade. Verdade nua e crua. Mais tarde fiquei sabendo que o professor não estava mentindo. Naquele momento eu fiquei com pena dela. Aquela normalista sofria ali, diante de nós, a mais arrasadora humilhação.

No dia seguinte, ela retornou à Casa do Menor. Veio sozinha, de automóvel. Trazia um enorme embrulho, que entregou ao diretor. Era uma coleção de finíssimos lençóis. Duas dúzias de lençóis, que ela oferecia para nós, os pequenos marginais, um dos quais era seu irmão.

-0-0-0-

O professor Atilio gostava muito de nós. Gostava tanto daquele seu cargo, gostava tanto da Casa do Menor, que um dia, correndo boato que a casa poderia cerrar suas portas por falta de recursos e de colaboração da sociedade local, declarou para o

presidente da entidade mantenedora:

- Se a sociedade não quiser colaborar, não será por minha causa que esta casa vai fechar. Venderei meu carro e uns terrenos que tenho, para sustentá-la.

O professor dispunha de uma camionete "Brasília". Era de sua propriedade. Com ela nos levava ao centro da cidade, em várias viagens. Levava-nos a festas. Levava-nos à missa. Por vezes, levava-nos ao centro para descarregarmos algum caminhão, quase sempre carregado de tijolos.

Fazia tantas viagens por própria conta. Nunca pedia à entidade mantenedora dinheiro para o combustível. Tudo corria por conta do seu minguado ordenado de professor.

-0-0-0-

Passado algum tempo, eu ainda vinha alimentando a esperança de matar o Seu Alfredo. Volta e meia, ia examinar minhas armas. Elas continuavam lá bem guardadas, a revelia do professor, a revelia de todo mundo. Nunca falei nada a ninguém acerca do meu plano sinistro e acerca do revólver.

Passado algum tempo, como fazia muitas vezes aos domingos, o professor nos levou a missa na Matriz de Santo Antônio. Pois essa missa foi o começo da minha salvação, da minha conversão.

Durante a homília, o Vigário, o Frei Manuel, falou a respeito de um assunto que muito me interessou. Falou do valor da vida humana. Falou da preciosidade da nossa personalidade. Disse que ninguém pode tirar a vida de ninguém. A gente não pode tirar a vida de si mesmo e nem tirar a vida dos outros. Esse direito pertence a Deus, a Deus tão somente.

Fiquei pensativo. Pensativo e preocupado: Então eu não posso tirar a vida do Seu Alfredo. Não posso, embora ele tenha tentado tirar a minha vida.

Naquela noite quase não dormi. Não tive mais sossego. Resolvi tirar aquele peso que me esmagava a alma. Resolvi abrir-me para professor Atílio.

Foi o que fiz naquela segunda-feira. Uma histórica segunda-feira:

- Professor, eu tenho uma coisa muito importante para lhe contar. Mas estou com medo.

- Com medo de quem, Roberto? Então tu não tens confiança no teu diretor?

- Eu tenho, professor. Mas estou com medo que aquilo que vou contar chegue aos ouvidos de outras pessoas. Gostaria que o professor guardasse segredo.

- Claro, meu filho. Eu tenho obrigação de guardar segredo profissional. Podes ficar descansado, Roberto.

-0-0-0-

Animei-me de coragem e fui desenrolando minha história. O professor foi ouvindo atentamente. Por vezes ele sorria e dizia: Está bem, e depois? Por fim, convidou:

- Roberto, vamos lá no mato ver o revólver.

Estava tudo em ordem. O revólver, a faca, as balas. O professor, querendo testar a arma, puxou o gatilho e pum! Saiu um tiro forte que me fez tremer. Olhei em redor. Não, não havia ninguém que pudesse nos ver.

- Roberto, - falou o professor - agora tu ficas rezando, que o professor vai fazer uma coisa muito importante.

- Professor, - exclamei assustado - o senhor não vai querer me denunciar?

- Nada disso, meu filho. Por amor de Deus! O professor nunca faria uma coisa tão absurda. Podes ficar descansado.

-0-0-0-

Mas então o que é que fez o professor? Pois na noite daquele mesmo dia, ele foi à casa do Seu Alfredo e contou toda a história.

O Seu Alfredo, ao tomar conhecimento da minha tentativa de assassinio contra ele, enfureceu-se e exclamou:

- Eu quero saber quem é esse bandido. Ele vai me pagar.

- Calma, Seu Alfredo, - disse o professor. – Calma. Esse moreninho pode ser teu filho. E, se você, por acaso, não for o pai dele, seja pelo menos o seu padrinho.

- Nem falar, professor!

- Seu Alfredo, você deve dar graças a Deus por não estar morto. Por isso, você deve ajudar o guri a se recuperar. Eu vou trazê-lo aqui para lhe devolver o revólver.

Na noite seguinte, lá fomos nós, o professor e eu, à casa do Seu Alfredo. Eu ia com certo receio, em que pese toda a confiança que o professor me dava.

Entramos naquela casa de tantas recordações para mim, de tantos sobressaltos. Era a mesma casa, atapeta a com os mesmos lindos tapetes floridos. A mesma mobília.

Sentamos na sala principal. O professor falava. Falava da sua obra. Falava de outros casos acontecidos com os garotos da Casa o Menor.

Eu, em silêncio, refletia nas voltas que a vida dá. Nas surpresas que nos reserva. Que transformação a nossa! Éramos dois inimigos de morte, eu e o Seu Alfredo. Agora nos tornávamos amigos...

Eu refletia na radical mudança da minha mentalidade de marginal. Um marginal de revólver na mão, fazendo pontaria, e agora, um manso cordeiro...

O Seu Alfredo, outro valentão como eu, que antes dava tiros de revólver contra os moleques da rua... O Seu Alfredo era outro cordeiro. Um leão transformado em cordeiro.

Eu não falei nada. Não disse uma palavra. Por fim, chegando o momento de entregar o revólver, eu queria falar, queria pedir perdão. Mas não pude abrir a boca. As lágrimas me saltaram aos borbotões e me sufocaram...

O Seu Alfredo, ao receber a arma e a caixa de balas, deu-me um grande abraço. Ele também não resistiu. Rompeu a chorar feito criança...

D. Ernesta abraçou-me apertadamente, beijou-me sufregamente. Ela estava banhada num mar de lágrimas, ali diante do olhar satisfeito do professor...

Aquele foi o momento mais sublime de toda a minha vida. O momento do perdão e da reconciliação...

A seguir, o professor disse:

- A faca, Seu Alfredo, eu vou guardar. Vou guardar como recordação dessa história, que está acabando tão lindamente.

- Está bem, professor. Pode ficar com ela.

A seguir, o Seu Alfredo puxou da carteira e entregou dois mil cruzeiros. Dois mil cruzeiros que época era muito dinheiro.

Dias após chegou na Casa do Menor e me entregou mais cinco mil cruzeiros. Fez mais. Levou-me um dia à casa Renner e me comprou um belíssimo terno azul-claro. Nunca na vida eu havia vestido roupa tão bonita. Com ela no corpo eu me sentia gente.

Mas para que eu pudesse me realizar plenamente na vida, o professor conseguiu que eu trabalhasse na Caixa Econômica Federal, na agência local.

Estudava de manhã e de tarde trabalhava na Caixa. O gerente da Caixa, instruído pelo professor, dava-me serviço de

responsabilidade. Entregava-me dinheiro para transportar a outros bancos. Uma ocasião fui buscar no Banco do Brasil vários milhões de cruzeiros. Tão grande a confiança que em mim depositavam!

Esta escola, a Caixa Econômica, completava minha recuperação e minha formação, para as lides futuras. Formei minha personalidade. Tornei-me responsável.

-0-0-0-

Estou recuperado. Sou um marginal recuperado. Estudei mais alguns anos, depois que deixei a Casa do Menor, e me empreguei em outra cidade, uma cidade industrial, bem maior do que a minha pequena cidade natal.

Fiz concurso e fui promovido. Fiz novo concurso. Fui aprovado. Mudei-me para outra cidade mais importante Caxias do Sul. Tenho um emprego invejável, que me proporciona um ordenado bem superior ao do meu querido professor Atílio.

Desde que comecei a trabalhar na Caixa Econômica, passei a ajudar minha mãe. Hoje graças à minha invejável situação financeira, pude recuperar minha mãe . Recuperei-a financeiramente e socialmente. Como aconteceu comigo, eu pude conduzir minha mãe do charco às estrelas, do diabo a Deus, do inferno ao céu.

-0-0-0-

Mas por falar em minha mãe, devo esclarecer que esqueci um detalhe importante de toda a minha história. Um detalhe que não posso omitir.

Quando o Seu Alfredo me ofereceu aquele belíssimo terno do casa Renner, fui um domingo visitara minha mãe. Fui bem trajado, com aquela finíssima roupa da casa Renner, presente do Seu Alfredo.

A mãe ficou muito satisfeita ao ver-me assim, tão bem vestido. Mas, como eu ainda não trabalhava na Caixa Econômica,

quero dizer, ainda não ganhava ordenado algum, ela ficou estranhando e quis saber a origem daquela roupa.

Até ali eu havia ocultado tudo à minha mãe. Ela ignorava inteiramente o incidente da casa do Seu Alfredo. Ignorava a pedrada que eu recebi nas costas. Ignorava os tiros de revólver do Seu Alfredo contra mim. Ignorava o furto do revólver. Ignorava tudo, tudo.

Agora, entretanto, eu fui obrigado a contar tudo. A mãe, que ouvia atentamente a minha história, fazendo aquelas exclamações de horror, quando falei no nome do Seu Alfredo, ficou perturbadíssima. E começou a chorar.

- Mãe , não chore. Eu estou recuperado. Eu já me penitenciei do meu pecado.

- Não, meu filho. Não é por isso que eu estou chorando.

- Por quê, então, mãe?

- Por causa do Seu Alfredo.

- O que tem o Seu Alfredo?

- Pois você sabe quem é o Seu Alfredo, meu filho?

- Pois agora ele é meu padrinho.

- Não, Roberto. Ele é teu pai. Juro por Deus, ele é teu pai...

-0-0-0-

2-AS PORTAS DO INFERNO

Sinto prazer em andar em busca da ovelha do menor abandonado, do menino delinquente, transviada...

Quem falava assim era o professor Atílio, o diretor da Casa do Menor. Para afastar alguém da beira do abismo, ele é capaz de correr todos os riscos, de fazer as maiores despesas.

- Professor, - disse-lhe eu um dia - conte-me outra de suas fantásticas façanhas. Outra como aquela que tem por título "Eu fui um marginal".

- Está - respondeu ele. - Hoje então vou contar um caso de uma menina que esteve às portas do inferno e eu consegui arrancá-la das garras do demônio.

Foi assim: Entrei um dia no bar do Seu Moreira, que ficava defronte da Escola Normal, ali perto da Estação Rodoviária velha. Sentados à mesa, tomando cerveja, três rapazes conversavam animadamente, tratando um programa para a noite. Prestei atenção e ouvi:

- Hoje de noite, nós vamos faturá-la. É a primeira noite dela no cabaré. Não podemos perder aquela linda flor do campo.

Percebi logo que falavam da Ana, a normalista que acabava de ser expulsa da escola, por sua conduta irregular. Inexperiente da vida, a coitada acabou nos traíçoeiros do demônio.

A conversa da cidade agora era o triste destino da infeliz normalista - a prostituição. Aquela seria a sua primeira noite de inferno.

Ela não merecia tamanho castigo. Flor de garota. Loira. Linda. Filha de colonos de origem italiana. Pensei comigo: não posso perder tão bela oportunidade de praticar uma boa obra, salvando esta menina. Eu vou lá. Custe o que custar. Vou arrancá-

la das garras do demônio. Vou livrá-la da boca do inferno.

De noite, tomei o táxi do Seu Fausto e me mandei para a zona. Cheguei na hora exata. Na hora H. Ana acabava de entrar naquele meretrício, que era uma casa de madeira, pintada de vermelho, à beira da rodovia federal. As paredes exibiam furos de bala e talhos de facão.

A garota encontrava-se na sala de recepção, à espera de ser conduzida para o aposento. Eu já a conhecia. Aproximei-me. Perguntei por que estava lá. Ela, ao ver-me, sentiu-se como envergonhada. Ruborizou-se e começou a chorar. Abafando os soluços, principiou a dizer:

- Professor, eu não tive outro jeito. Eu amava e ainda amo o Otávio. Mas ele me desprezou. Aproveitou-se de mim. Naquele dia, ele me convidou a beber. Bebi demais fiquei transtornada. Perdi a cabeça. E ele não teve pena de mim.

Abafou um gemido e prosseguiu: Estou grávida de três meses. As freiras me expulsaram da escola. Os pais me expulsaram de casa. Os pais de Otávio são contrários ao nosso casamento. Otávio, por fim, me jogou na rua da amargura. Professor, eu não queria vir parar aqui. Mas não tenho aonde ir. Sou obrigada.

- Ana - falei - você não vai ficar aqui. Nem falar. Por amor de Deus. Isto aqui é o inferno. Você não pode ficar aqui nem mais um minuto. Eu vou levar-te e darei um jeito para te colocar em casa de meus parentes. Depois vamos tratar da tua recuperação. Você tem um futuro brilhante, Ana. Não pode perder-se. Perder-se nesta casa imunda, lugar de crimes e pecados.

Fui logo falar com D. Eulália, a proprietária do bar. Mulher gorda, alta, possante, de olhar feroz, de vestido extremamente decotado.

- D. Eulália, - menti - esta moça é minha prima. Não posso permitir que fique parando aqui.

- Professor, - respondeu, arrogante. - A Ana é minha. Você, não vai meter a mão nela, ouviu? Era só o que faltava. É a primeira normalista que entra aqui.

- Vou, sim, D. Eulália, - respondi. - E é já.

Agarrei a moça pela mão. A mulher, de navalha em punho avançou contra mim, feito uma fera, berrando impropérios . Passei a mão na primeira cadeira à vista e com um golpe violento amontoei-a num canto da sala.

Enquanto ela se levantava, agarrei a Ana com uma mão. Com a outra peguei sua mala. E ambos voamos porta afora, onde o Seu Fausto nos aguardava com o táxi.

- Toca depressa, Seu Fausto - gritei, enquanto D. Eulália tentava abrir a porta do carro, aos berros.

O motorista achou muita graça e falou:

- Professor Atílio, mas você hoje está de malandragem não é?

- Estou, sim, Seu Fausto. Esta é minha. Esta eu não vou perder.

-0-0-0-

Fui direto para a pensão do Seu Moisés, ali perto do Posto Texaco. Vendo-me com aquela linda garota, ele também pensou bobagem a meu respeito.

- Moisés, quero falar com tua mãe. Assunto importante.

A sós com D. Emília, narrei o drama da Ana e a minha tentativa de salvá-la. Ela ouviu atentamente, comoveu-se e chorou dizendo:

- Professor, pode contar comigo. Deixe aqui a moça.

- É só por uns dias, D. Emília, - acrescentei.

No dia seguinte, viajei para Vacaria, onde eu tenho uma tia

materna.

- Tia, - eu disse - é o seguinte. E narrei a história, solicitando a compreensão e ajuda. A tia também se comoveu, chorou e disse:

- Meu querido sobrinho, pode contar conosco. Nós estamos sozinhos. Precisamos de alguém que nos acompanhe e ajude. E se a criança nascer, nós a criaremos com todo o prazer, com todo o carinho, com todo o amor. Para nós será uma grande alegria, uma festa, agora que nossos filhos casaram e se dispersaram pelo mundo.

Ana passou então a morar com os tios, a quem ajudava na lida da casa. Decorridos seis meses, nasceu um lindo menino, foi um presente do céu para eles.

Ana reencetou seus estudos na Escola Normal São José, por conta dos tios.

A situação de viver o resto da vida na condição de mãe solteira, além de constrangedora para Ana, não estava nos meus planos. Minha missão não estava concluída. Como Ana continuasse disposta a casar com o Otávio, fiz das tripas coração. Queimei todos os cartuchos. Durante vários dias, sem me importar com o tempo e com o dinheiro, tratei do assunto.

Viajei pelo interior do município de São José do Ouro, à procura dos pais de Otávio. Moravam na colônia, numa bela propriedade. Um vasto prédio de madeira, estilo típico da zona colonial italiana do Rio Grande do Sul.

Um farto pomar de figueiras, pereiras, laranjeiras, macieiras, bergamoteiras, prolongava-se até o vinhedo. À sombra daquela acolhedora sombra, estacionei o meu jipe. E tratei logo de saber do Otávio.

- O Otavio está na roça colhendo abóboras.

- Posso ir até lá falar com ele?

- Pode, sim. Mas por quê?

- Assunto particular.

O Otávio não me conhecia. Ao vê-lo, exclamei:

- Boa pinta, rapaz! Pelo jeito você, embora morando na colônia, deve ser um bom conquistador. Você é como eu. Já conquistei muita garota bacana.

O rapaz foi na conversa. Assim não foi difícil chegar até onde eu queria.

- Escute, Otávio, você é pai de um lindo garoto, que é a tua cara. A coisa mais linda do mundo! Você não pode desprezar um filho tão lindo. Sabe que tanto ele como sua mãe encontram-se sob minha responsabilidade. Mas você precisa colaborar. Você deve casar com a Ana.

- Nem falar. Meus pais não querem.

- Eu vou falar com eles.

Deixei meu endereço ao rapaz, dizendo:

- Fico te esperando, Otávio. Não me decepcione. Você vai ser feliz. Você ainda vai ser grande. Vou te tirar da colônia. Você vai deixar dessa vida dura e obscura, embora honrosa. Eu vou te ajudar.

A seguir, falei com os pais do rapaz, que declararam ser contrários ao casamento do filho com a Ana.

- Vocês têm um neto que é um amor! - Um neto que será o vosso orgulho um dia. Podem ficar certos. O vosso neto não pode continuar vivendo como filho de mãe solteira. Vocês que são católicos devem fazer o possível para que se regularize a situação do vosso filho e do vosso neto.

Continuei falando durante mais de meia hora com aquele pai de família, um forte agricultor de mãos calejadas e rosto queimado. Prometi que arranjaría um bom emprego para o filho na

cidade. Por fim, declarei: Vosso neto será doutor um dia.

Os pais declararam que iriam pensar, para depois resolver.

-0-0-0-

A batalha mais dura foi com os pais de Ana. Estavam furiosos com a filha:

- Não queremos saber dessa filha ingrata, que desonrou nossa família.

- Meus amigos, o que aconteceu com vossa filha, poderia ter acontecido até com vocês.

- Não. Nós somos gente de Igreja. Rezamos o terço todos os dias. Vamos à missa.

- Não importa. Se Deus quiser provar alguém, não adianta terço nem missa. O que aconteceu com a Ana, pode ter sido mesmo um meio de promovê-la. Os caminhos do Senhor são cheios de curvas, de pedras e de espinhos.

Continuei falando, argumentando, até que chegou a hora do almoço e fui convidado a sentar à mesa. Família numerosa. Uma filharada linda, sadia, gorducha. Rapazes e meninas, em número de nove. Com a Ana seriam dez.

Mesa comprida. O patrão sentou na ponta. No centro da mesa, fumegava uma enorme polenta. Mesa farta. Uma canja gostosa. Depois, carne de galinha, de porco. Massa, arroz, verduras e um bom vinho tinto.

- Vosso neto - disse eu - será grande. Será doutor. Já imaginaram ter um neto doutor? Ele, o Robertinho, não pode continuar como filho de mãe solteira. Vamos legitimar a situação. Para vocês será uma honra. Desonra é deixar como está.

Os pais estavam calados. A mãe, volta e meia, enxugava uma lágrima. Eu continuei: o Otávio está de acordo em casar. Os pais dele também.

- Verdade? - perguntou o pai.

- A pura verdade.

- Escute, professor. E a nossa filha Ana como vai? - perguntou a mãe .

- Vai muito bem. Encontra-se sob minha responsabilidade. Está concluindo o Curso Normal e em seguida fará o Curso Superior. Ela será professora. Será doutora.

- É mesmo? - perguntou o pai, arregalando os olhos.

- Pois é. A dura provação servirá para promovê-la.

- Está bem - concluiu o pai. - Se é mesmo assim, que ela seja feliz. Ela então terá o nosso perdão e a nossa benção.

- Muito bem. Vocês fiquem rezando. Um dia vocês vão abençoar também o meu trabalho.

-0-0-0-

Passado algum tempo, Otávio bateu na escola onde eu lecionava naquele tempo, antes de assumir a direção da Casa do Menor.

- Professor, - disse ele, soltando um fundo suspiro. – Estou resolvido a casar com a Ana.

- Muito bem, Otávio. Então, vamos lá, sem perder tempo.

Confiei os meus alunos aos cuidados da diretora da escola e me mandei para Vacaria.

Chegando diante da casa dos tios, falei:

- Otávio, dá licença. Vou entrar um pouco aqui nesta casa.

Entrei. Conversei com a tia em particular. Mandei entrar o rapaz, que sentou no sofá da sala. Fui à cozinha, onde Ana lidava com o fogão, e o Robertinho, sentado no chão, brincava com carrinhos.

- Ana, - disse eu - faça o favor de levar um copo de água para uma visita ali na sala.

Enquanto ela levava a água, numa bandeja, eu e a tia ficamos espiando por trás da cortina.

Quando ela deu com os olhos no Otávio, levou um choque tão forte, que deixou cair bandeja, copo, água, tudo. O rapaz ficou ali teso um instante. Depois se abraçaram e se beijaram.

Otávio teve então ocasião de ver seu filho. Tomou-o nos braços, cobrindo-o de beijos.

Tratou-se logo do casamento. Otávio, com apoio de meus tios, arranhou um bom emprego na cidade. Ana, concluído o Curso Universitário, principiou a destacar-se no magistério e na sociedade local, sendo, atualmente, um dos elementos mais estimados e atuantes da comunidade. Roberto ocupa sempre as primeiras classificações na escola que frequenta.

De vez em quando, lá na Casa do Menor, tenho o prazer de receber sua visita. Visita de gratidão, de estima. O casal, com três filhos, o Roberto, a Marisa Helena, é um dos mais felizes que eu conheço.

3-RESPEITO

Era um cachorro de unha perdida. Cachorro de unha perdida é o melhor cachorro do mundo. Não importa a raça.

São raríssimos. Meu pai levou anos procurando, procurando. Finalmente, o compadre e vizinho Alberto chegou um dia em nossa casa trazendo um recém-nascido.

- Olhe aqui a unha dele, compadre. Bem no alto, quase na metade da perna.

Lindo bichinho. Preto, todo preto. Uma festa para todos nós. O pai deu-lhe o nome de Respeito, na certeza de que, crescendo, seria um cachorro de respeito.

Nós fomos criando com todo o carinho, tratando-o, a princípio, com leite, e, a seguir, com carne. Em poucos meses, ficou um enorme cachorro de meter medo.

O pai ia ensinando: Ensinando a cuidar da casa, da propriedade, da criação, e a caçar. Respeito aprendia tudo quanto se lhe ensinasse. Aprendia com a maior facilidade.

Quando o pai saía a viajar, recomendava:

- Respeito, eu vou viajar. Tu fica aqui cuidando da casa, sim?

Respeito obedecia. Nos dias de ausência do pai, não saía de perto de casa, nem para procurar comida. Não deixava que alguém se aproximasse sem a presença de uma pessoa da casa. Nem gente nem bicho. Dia e noite.

Quando o pai vinha chegando de volta, o cachorro sabia mesmo sem ver. Só pelo pateado do cavalo do cruzar pelo capão. Fosse outra pessoa, não dava demonstração. Não confundia nunca o pateado do cavalo baio do pai com o pateado de outro

cavalo. Começava a pular, a fazer festa. Então nós dizíamos: O pai vem chegando. Nunca nos decepcionou. Nunca.

-0-0-0-

O pai ensinou a caçar. Nossa casa era na boca do sertão. Principiava ali, a menos de cem metros, um matão de bicharada bravia. Até onça havia naquela imensa floresta.

Respeito caçava veado, tateto, porco-de-mato, mão-pelada, guará, graxaim, paca, cutia, tatu e cobra-cascavel. Interessante! Para cada bicho, ele tinha um latido diferente, distinto. Pelo latido, o pai sabia que espécie de bicho Respeito perseguia.

Muitas vezes, à noite, o pai dizia: Respeito, eu hoje quero um tatu. Pronto, o cachorro saía a bala e afundava no mataréu. Daí a pouco lá vinha o latido característico do tatu.

Numa dessas caçadas de tatu, Respeito foi infeliz. A única vez. De repente fez ouvir o latido. Mas era um latido diferente, estranho, nunca visto. Bicho desconhecido.

O pai ficou desconfiado. Armou-se de facão e archote e foi tirar a limpo aquela inquietante situação. Inacreditável o que o pai viu então. O cachorro, rijamente abraçado por enorme tamanduá-bandeira, ia rolando morro abaixo, abrindo estradão, no meio de bambus, samambaias e arbustos.

Sem a menor preocupação consigo mesmo, o pai precipitou-se em defesa do seu cão. Foi um desastre! O tamanduá vendo ali o dono do cachorro, não teve dúvidas. Largou a este para abraçar o pai. Abraçou tão fortemente, neutralizando qualquer meio de defesa.

Vendo-se perdido, o pai gritou: Respeito! O cachorro então, num pulo elétrico, com muita raiva, como vingando-se, agarrou o tamanduá pelo focinho e, com dois violentos safanões, o estraçalhou.

Agora, retornando para casa, Respeito vinha choramingando. Choramingava por haver entrado numa fria. Por haver-se deixado agarrar por um tamanduá vagabundo, logo ele, o mais valente cachorro do mundo. E, pior ainda, por haver permitido que o seu dono fosse preso! ...

-0-0-0-

Foi a única vez. Nunca mais bicho algum lhe faltou dá respeito. Mais tarde, haveria, não bicho, mas um homem mesquinho, que o mataria à traição.

Antes disso, porém, o nosso cachorro praticou muita bravura. Era o amigo fiel de todas as horas. Acompanhava-nos à roça, fazendo de cavalo. Transportava a mala-de-pano com provisões e o pequeno Mário, o caçula.

Acompanhava-nos também na reza. Sim senhores, na reza como se fosse gente. Nós tínhamos o costume de rezar o terço à noite, antes de deitar. Todos ajoelhados na sala grande.

Então Respeito entrava. Ajoelhava-se sobre as patas dianteiras, num canto da sala. Respondia às orações da melhor forma possível, o coitado. Fazia uma força danada, movimentando as mandíbulas... O pai disse um dia: Nunca a palavra em bicho fez tanta falta.

Terminada a recitação do rosário, levantava-se, saía pulando, fazendo festa. A hora do recolhimento, da oração, havia chegado ao final.

Nossa alegria, nossa felicidade, com um cachorro tão extraordinário, acabou um dia. Passados dois anos, sobreveio a desgraça, fruto de inveja, quem sabe.

Respeito havia matado o cachorro de um vizinho. Um cachorro de estimação, mas que havia entrado em nosso potreiro e perseguia as vacas.

Pois sabem qual foi o castigo? Bola de vidro. Deram bola

de vidro ao nosso cachorro. O pai, percebendo, ministrou-lhe um vidro de óleo de rícino, salvando-o de morrer na hora.

Mas não prestou mais. Perdeu toda aquela vivacidade. Perdeu a vontade de caçar. Deixou de fazer festa. Deixou de entrar na sala para rezar o terço. Foi definhando, definhando, até que morreu.

O pai, de tão indignado e revoltado, esteve a ponto de matar o vizinho. Não o fez por falta de provas concretas e também por que o vizinho jurava não ter sido ele o autor do crime.

Mal se pode imaginar a dor, a tristeza, a desolação, que tombou em nossa casa. Era como se houvesse morrido um membro da família. O que choramos!

A fim de mitigar um pouco a nossa dor e prestar a última homenagem de amor e gratidão para o incomparável amigo, organizamos um velório e um funeral solene. Lindo caixão coberto de flores.

A cova foi aberta no campestre, um campinho gramado, onde nós costumávamos jogar bola, no meio do mato. A seguir, em grande silêncio, rezando, em religioso cortejo, transportamos para lá o nosso querido defunto. Eu ia na frente, levando a cruz.

Uma pausa para reflexão e lágrimas. E o ataúde desceu à sepultura, auxiliado por duas cordas. A seguir, de acordo com o costume da época, cada um de nós agarrou um punhado de terra e jogou na cova fazendo ruído no caixão.

Completamos a piedosa tarefa com a pá. Ajeitamos a terra caprichosamente, dando-lhe a forma de sepultura humana. A cabeceira, cravamos a pequena cruz de madeira, abraçada por uma grande e linda coroa de flores. Espalhamos rosas e cravos por sobre a sepultura. Ficamos lá mais alguns minutos, recolhidamente, em nossa imensa dor.

Seguiram-se dias e semanas de pesado luto e profunda desolação em nossa casa. Passado algum tempo, o pai, como que

aborrecido com a desgraça, resolveu transferir-se para outro estado. Vendeu a terra para seu irmão, o qual, entretanto, nunca foi morar ali.

Aquilo tudo virou tapera. Os vizinhos também, um após outro, foram se mudando, imitando o exemplo do pai, que descobrira umas terras fertilíssimas no oeste do Paraná.

O mato foi tomando conta de todo aquele rincão. Dentro de poucos anos, um grosso matagal veio juntar-se aquela floresta sem fim, habitada por feras.

-0-0-0-

O tempo foi passando. O mato crescendo. Lá um dia, velho caçador, conhecido apenas pelo nome de Resto-de-onça, vagando por aquele sertão, acabou perdendo-se.

Extraviado, quanto mais buscava o caminho de casa, mais dela se afastava, afundando cada vez mais na mata. Dia e noite andando à toa, dando voltas inúteis, sem jeito de descobrir o fio da meada.

No dia seguinte, prosseguiu, trôpego, mal arrastando as pernas, já sem esperança de se salvar. De repente, um brilho de luz. Uma claridade. Correu para lá e descobriu um campestre, um belo campinho gramado.

Aquela bendita claridade, para quem passara dias na sombra negra da selva, era algo tombado do céu. Mas não parou aí a alegre surpresa de Resto-de-onça. Viu ali, a um canto, uma velha sepultura, presidida por tosca cruz de madeira, coberta de musgo.

Criou alma nova. Suspirou fundo. E não vacilou. Caiu de joelhos. Avidamente. Ergueu as mãos para o alto e rezou, com o maior fervor deste mundo: Senhor, por alma deste defunto, fazei que eu me salve, que encontre o caminho para sair deste sertão.

Palavras não ditas, surge, ali perto, saindo do mato e

atravessando o campinho, o vulto negro de um enorme cachorro preto.

Estou salvo - pensou Resto-de-onça - é só seguir este cachorro, que me levará seguramente à casa do seu dono.

E tratou de acompanhar o providencial animal, que, por sorte, como sabendo da sua nobre missão, caminhava devagar, para dar chance aos trôpegos passos do caçador.

Andaram, um atrás do outro, cerca de um quilômetro, quando o cachorro desapareceu, mas já à vista de um rancho de caboclos. Resto-de-onça aproximou-se com sofreguidão. Quando viu a figura pálida do sertanejo assomado à porta da humilde habitação, caiu de joelhos, causando surpresa. Com dificuldade, mal podendo falar, com voz trêmula e fraca, levantando as mãos, exclamou:

- Muito obrigado, amigo!

- Obrigado por quê, vizinho? - perguntou o caboclo, de olhos arregalados.

- O seu cachorro. O seu cachorro me salvou a vida.

- Que cachorro, homem? Eu não tenho cachorro.

-0-0-0-

A notícia daquela milagrosa sepultura correu mundo. Não tardou que um doente, vítima de câncer incurável, visitasse com fé a misteriosa sepultura. Orou por alma do defunto ali sepultado. E, milagre! Ficou curado. Inteiramente curado.

Um paraplégico lá deixou suas muletas e saiu andando sobre seus pés. Um tropeiro, que perdera seu cavalo, foi levar aquela sepultura uma dúzia de velas, e não é que encontrou lá, amarrado a uma árvore, o seu cavalo!

A romaria de doentes e devotos cresceu. Cresceu expressivamente. Não faltou quem montasse ali uma tenda, para

venda de velas, mantimentos, bebidas. Foi construída uma casinha. Mais outra.

Tratou-se então da construção de uma capela, para nela entronizar os restos mortais daquele defunto, que era um santo, que fazia tantos milagres.

Construída a capela, com donativos dos romeiros, marcou-se o dia da inauguração. Uma grande festa. Tão numerosa foi a afluência de pessoas, que foram sacrificadas nada menos que dez vacas para alimentá-las.

Antes da inauguração da capela, procedeu-se à exumação dos ossos do misterioso defunto. Todo mundo queria ver. Todos curiosos por conhecer de perto aquilo que operava tantos prodígios, tantas curas.

O Pe. João, que precedia ao cerimonial, puxou a recitação de uma dezena do terço. Um pequeno coral de jovens entoou um cântico. A seguir, o Vigário deu ordem para abrir a sepultura.

Dois operários, armados de pá e cavadeira, em poucos instantes, diante da enorme expectativa geral, descobriram as tábuas podres do ataúde. A seguir, apareceu um osso pequeno, como de criança. Mais outro. Um punhado de ossos miúdos e, oh, espanto! Uma caveira canina.

A exclamação da multidão tinha ecos de uma explosão. Não faltou algum riso sacrílego, logo abafado. Naquele mesmo instante, logo após a exclamação, todos os olhares, todos instintivamente, voltaram-se para o Vigário.

O Pe. João, sem demonstrar a menor admiração, a mínima surpresa, olhou atentamente para toda aquela gente e falou simplesmente:

- Pois é, meus filhos. Cachorro também é criatura de Deus. Nosso Senhor pode servir-se dos restos mortais de um animal irracional para manifestar seu infinito poder e fazer um pouco de bem à humanidade. Por que não? O que vale é a nossa fé.

4-O ÉBRIO

O namoro surgiu como, de repente, sem preâmbulos, sem comentários. Namoro violento, prometendo casamento logo de saída.

Foi durante uma excursão estudantil ao Taimbezinho. No ônibus, por acaso, sentaram na mesma Poltrona, ele ao lado dela. Conversa animada. Anedotas. Piadas. Cânticos, que toda a turma acompanhava, desafinada, numa algazarra infernal.

Ao voltar, noite alta, juntinhos, agarradinhos, ocupando os mesmos lugares, a Lenita vinha apaixonada pelo Pedrinho.

Todo mundo notou. A Otília gostou. A Leni ficou com ciúmes. Mas a Isabel rosnava: Esse namoro não presta. A Lenita começa a namorar aquele borracho, apaixona-se e, no final, vai casar com ele. Uma infelicidade! É moça distinta e correta demais para casar com um bêbado...

Um dia brigaram. Muita gente ergueu as mãos e os olhos para o céu: Graças à Deus! Que sorte tem a Lenita. Parecia que iria casar com aquele bebedor.

Mas as hostilidades duraram apenas duas semanas. E o namoro recomeçou ainda mais quente, trazendo decepção para a Isabel.

Brigaram de novo. Fizeram as pazes. Outra briga. Quantas vezes? Ninguém mais sabia ao certo. Eram tantas!

Afinal, que foi que aconteceu? Ora, que é que havia de acontecer? Noivaram. E tornaram a brigar. Mas a paz voltou e marcou-se o dia do casamento.

A Teresinha, colega de turma da Lenita, falou sem

rebuços:

- Lenita do céu. Você pensou bem? Já imaginou o seu futuro, vivendo ao lado de um bêbado? Se eu fosse você, já teria acabado com tudo.

- Teresinha, o Pedrinho é igual a todos os moços de sua idade e de sua condição social. Todos bebem como ele. São coisas da idade. Ele já me prometeu. Depois de casado, não beberá mais.

- E você acredita, Lenita?

- Acredito. Em todo o caso, eu cuidarei dele. E você não tem nada de se meter com a vida alheia, tá legal?

- Escute, Lenita. Eu não desejo que um dia alguém lhe diga: Boba, quem mandou você casar com um borracho?

-0-0-0-

Casamento soleníssimo, o mais solene dos últimos anos. Mais de trezentos convidados. O prefeito, o delegado, o juiz de Direito. Toda a alta sociedade. Foi convite do Pedrinho, convite arrojado, concebido no fogo da bebedeira.

Ao meio-dia, o noivo já andava chumbeado, cambaleando. Ainda bem que durante a cerimônia religiosa na igreja se manteve firme de pé, porque no civil, foi uma autêntica palhaçada.

Mas o melhor aconteceu durante a festa, no Clube Comercial. A certa altura entrou a discursar, inflamado. Dizia as maiores besteiras contra dois padrinhos que não compareceram. Rogou-lhes pragas. Proclamou que preferia casar no mato ou ficar solteiro o resto da vida, trabalhando de engraxate ou vendedor de bananas.

Tinha rasgos de energúmeno. Gesticulava violentamente. Chorava. O diabo.

A Lenita, envergonhada, envergonhadíssima, fugiu a

esconder-se num quartinho, sacudida de soluços.

O prefeito municipal tentou salvar a situação usando de sua palavra autorizada, para saudar o jovem casal. Mas o Pedrinho, aparteando, interrompia-lhe o discurso a cada passo.

Os convidados, todos os convidados, foram debandando, debandando. A festa acabou cedo, deixando assunto obrigatório em toda a cidade por longas semanas.

-0-0-0-

Durante quinze dias, ninguém viu os dois recém-casados. Andavam por longe, em viagem de núpcias, em plena lua de mel. Gostosa lua de mel! Mel e cachaça!...

Voltaram. Vexadíssimos, não ousaram aparecer em público. Findo o mês de férias de gala, Lenita, que já ingressara no magistério, retornou a lida das aulas. O Pedrinho tornou ao balcão da loja.

Dava pena ver o constrangimento dos coitados. Aquele tremendo fiasco, no dia em que realizavam o sonho de sua felicidade, a felicidade de toda a vida, jamais se apagará da memória dos moradores da pequena cidade serrana. O caso era tão lamentável, que pouca gente se atrevia comentá-lo. Ninguém. Nem mesmo a Teresinha.

A Lenita cantou as verdades para o marido, que logo no primeiro dia faltava tão sacrilegamente à promessa. Ameaçou divorciar-se.

Pedro não ligou às zangas e ralhos da esposa. Ele já a conhecia demais. Se hoje brigava, amanhã o adorava. Cobria-o de beijos, de carinhos. Segredava-lhe palavras amáveis. Jurava não existir marido mais encantador do que ele...

Ocorrido um mês de harmonia e felicidade, Pedro até aí abstinência, regressou uma noite, altas horas, fedendo a cachaça e vinho, cambaleante. Lenita não se conteve. Atirou-lhe na cara

guincho aterrador, desabafando a insopitável indignação. Ora, quem dizia? Logo agora que parecia regenerado.

Ele acobardou-se. Mansinho, carinhoso, aproximou-se da esposa. Tentou beijá-la. Lenita, enojada, assentou-lhe sonora bofetada no rosto, que o miserável, já mole e sem equilíbrio, rolou pelo chão num tombo espetacular, fazendo tremer a casa.

- Toma, canalha! Tu fizeste promessa de não beber. E eu fiz promessa de te quebrar a cara. Toda a vez que voltares embriagado, levarás uma sova de criar bicho, ouviste bem? Está legal? Se tu não sabes cumprir a promessa, eu sei.

Serviço perdido. Lenita perdia seu tempo inutilmente. No dia seguinte, Pedro regressou de madrugada, ébrio como um bote. A mulher quis agredi-lo, mas ele se defendeu. Derrubou cadeiras, quebrou pratos, copos, tigelas. Fez o diabo.

Daí por diante o inferno mudou-se para aquela casa.

Todas as semanas, absolutamente todas, aos sábados e domingos, mugia o pandemônio.

Na rua, fazia Pedro o ridículo papel de palhaço. Às vezes, caía e passava a noite dormindo na sarjeta, cozinhando a bebedeira. Outras, um companheiro de infortúnio o levava para casa, aos tombos. Na próxima oportunidade, Pedro, menos embriagado, retribuía o obséquio conduzindo o benfeitor para casa.

A polícia já cansara de prender a infeliz vítima do alcoolismo. Agora nem mais se incomodava. Andar atrás de ébrios incorrigíveis era lavar burro com sabonete. Perde-se o tempo e o sabão.

O povo, sobretudo a gurizada, divertia-se à custa de Pedro. Suas extravagâncias já eram famosas. Alguns casos constituíam legítimas piadas de palco, podendo formar um anedotário notável.

Uma linda noite de lua cheia, Pedro ziguezagueava pelas ruas. Vai até que se encontra com outro companheiro de taberna.

Fala-lhe:

- Escute, amigo, você pode me dizer uma coisa? Aquilo ali no alto é o sol ou a lua?

- Oh, compadre, você me desculpe, eu não sou daqui, não posso informar.

O guarda, uma noite, viu Pedro forcejando por colocar a chave no buraco da fechadura da casa.

- Escute - diz o policial- não quer que o ajude a enfiar a chave?

- Não, eu queria era que você segurasse a casa que não para quieta.

Uma feita, fora a cavalo a uma festa campeira no Capão do Cipó. Por volta da meia-noite, alguns gaiatos convidaram-no a voltar para casa, tendo antes preparado uma cilada. Colocaram os pelegos do seu cavalo sobre a taipa de pedra, e obrigaram-no a montar. Pedro montou, meteu as esporas, vibrou o chicote, e o "cavalo" ali, imóvel, insensível...

-0-0-0-

Infeliz esposa, que além de aguentar o cruel martírio, sofria o oprobrioso vexame perante a sociedade. Muitas vezes pensou em separar-se do marido. Todavia, tinha personalidade. Recordava, com mágoa, o desprezo que dera aos conselhos das amigas, quando solteira. Ia, por isso, suportando calada. Já nem mais batia no marido embriagado, evitando, assim, lamentáveis consequências.

Os anos foram rolando, lentos e amargos, trazendo ao fim de cada tarde uma noite de agonia. Nasceram quatro filhos, todos com algum defeito ou tara - triste herança daquele vício.

Lancinava a alma o sofrimento da infeliz mulher. Por fora da sua casinha, a natureza cantava, envolta na poesia dos pinheiros gemedores. Ao cair da tarde, a terra sorria ao espetáculo

do funeral do sol, morto como um justo, aureolado de fulguração de ouro.

Os campos, exalando hálitos de lilás e violetas, adormeciam ridentes em leito perfumado. Os montes, as coxilhas, diluindo-se em manto opalino, evaporavam-se em sonhos, extasiados pela lua... Nas casas, em todos os lares, a família sentava alegre à mesa farta. Nos salões de gala, festivais dançavam de prazer e glória...

Só na casa da professorinha, a tormenta soprava sombras sinistras, espalhando fantasmas a uivar. Ao jantar, os filhos mordiscavam côdea de pão que o pranto amolecia e temperava... A perspectiva da noite de insônia e pancadaria recordava tristezas funéreas. Espectro da morte, circundada pelas quatro velas dos filhos, mamando a cera das lágrimas...

Lenita perdera toda a esperança de recuperar Pedro mediante recursos humanos. Voltou-se então para Deus. A Ele confiou a cura do seu marido.

Orava, orava. Uma novena atrás de outra. Comunhão quase diária. Durante as missões, pediu aos pregadores que martelassem contra o alcoolismo. Então, o Pe. Eliseu proferiu uma das suas melhores peças oratórias sobre o tema, chegando a arrancar lágrimas dos duros corações viris.

Longa e minuciosa exposição das candentes verberações da Bíblia, dos escritores sacros e profanos, contra o execrando vício do álcool. Corroborou a lição com terrificantes exemplos de famílias infelizes, de lares desmantelados, de crimes hediondos, de acidentes de trânsito...

Os ouvintes prometeram, juraram fugir e combater a embriaguez com todos os meios possíveis. Pedro; entretanto permanecia indiferente, frio, gelado.

Lenita viu assim frustrada mais esta oportunidade de

converter o marido, que agora deu de beber todos os dias. Noites de martírio! Pedro transformara-se em carrasco. Espancava a esposa e os filhos. Faltava com frequência ao serviço na loja. Até que enfim, a firma o despediu definitivamente.

Pior a emenda que o soneto. Agora, Pedro vivia na taberna...

-0-0-0-

Será que Deus não me atende? - murmurava Lenita. Será que tantas preces, tanto sofrimento, não merecem conversão do meu marido?

Um dia resolveu pedir socorro na vizinha cidade, no Colégio São José, cuja superiora, a Ir. Dulce Maria, fora sua mestra do curso normal. Expôs o seu terrível drama, sua tragédia.

A religiosa comoveu-se e chegou a chorar, acompanhando as lágrimas da sua antiga discípula. Condoída, prometeu as orações de toda a comunidade.

- Irmã, - pediu Lenita - Talvez a senhora possa, além das preces, apresentar algo de prático para resolver o meu problema. Gostaria que o Pedro ficasse internado aqui no colégio durante uns dias, sob os cuidados das irmãs.

- Pois não, Lenita. Nós podemos dar-lhe serviço. Trabalharia na horta, na carpintaria. Cuidaria das galinhas, dos coelhos... E nós o vigiaríamos cuidadosamente para que ele não saia à rua para beber.

- Oh, Irmã, seria uma graça muito grande para ele. Se ele concordasse... Reze, reze, Irmã para que ele aceite vir parar aqui alguns dias.

- Deus dará um jeito, Lenita. Pode ficar descansada.

Lenita regressou para casa exultante. Com muito jeito falou ao marido acerca do convite da Ir. Dulce Maria. E ele - pasmem! - aceitou com muito prazer. Carecia trabalhar e ganhar algum

dinheiro. Já andava apreensivo por falta de dinheiro. A taberna não fiava, e poucos eram os tragos oferecidos pelos companheiros.

Principiava agora nova vida aquele incorrigível beberão. Trabalhava descansadamente. Alimentava-se bem. Às refeições, as boas Irmãs serviam-lhe meia garrafa de vinho, que ele escorropichava, lambendo-se gulosamente. Aos sábados, recebia um dinheirinho.

Dormia num quarto contíguo à sacristia. Um quarto pequeno e com pouca claridade. À noite, a superiora fechava a porta à chave, afastando para ele qualquer tentação de fuga.

Pedro acostumou-se logo a vida solitária do colégio. Lamentava apenas a falta da cachaça. Sentia uma saudade infinita. Passava o dia e horas da noite pensando na branquinha e nalgum meio para chegar a ela.

Às vezes, em meio aos violentos desejos de retornar a beber, refletia com seus botões: Era uma tirania, uma escravidão abominável! Coisa terrível, o vício! Nada mais triste do que um homem dominado pela paixão. Um tigre, um leão, miseravelmente arrastado por mesquinha cabrita...

Estas reflexões desapareciam sem deixar rastro. Pedro voltava logo a pensar na cachaça. Não tinha mais sossego. O canto da sereia o fascinava. A taberna o convidava sedutoramente, irresistivelmente.

Ao cabo de duas semanas, após contínuo matutar, Pedro descobriu o caminho da tasca. Que alegria lhe trouxe a sensacional descoberta! Tardava-lhe o momento de chegar aos lábios ardentes o copo embriagador!

A parede do seu quarto, no lado da sacristia, decerrava no alto uma janelinha envidraçada, por onde se coava a claridade. Por aquela estreita abertura, com jeito, passaria um ladrão. Pedro passaria também. Pularia para a sacristia e daí para a capela, cuja, porta central ficava de noite trancada por dentro sem chave nem

cadeado. Apenas uma grossa tranca, fácil de remover.

Não hesitou. Horas mortas da noite. As religiosas dormiam o sono dos justos. Profundo silêncio dominava um imenso casarão. O coração aos pulos, encostou a mesinha à parede, sobrepôs a cadeira, formando uma como escada, cujos degraus galgou nervoso. Com as mãos trêmulas, bem de mansinho, alçou a vidraça. Enfiou a cabeça pela janelinha aberta. Apoiou as mãos, os braços, e, a custo, arrastou o corpo. Foi se esgueirando, escorregando o ventre. Das calças saltou um botão que tiniu sobre a mesa. Descansou um bocado, ofegante. Recobrou ânimo. Mais alguma ginástica e pronto.

Na parede do lado da sacristia, bem abaixo da janelinha, pendia enorme cristo de madeira. Fortemente presa ao muro de alvenaria, estava ali aquela escada providencial para ele. Colocou os pés sobre a cabeça da imagem, que resistia galhardamente ao peso. A seguir, firmando-se com os braços na beirada da janela, foi descendo de costas, as mãos no vértice da cruz. Seus pés, descendo, acabaram firmando-se sobre os pés de Nosso Senhor, digo, da imagem de Nosso Senhor. Por fim firmou os pés sobre o genufletório apoiado à parede sob o crucifixo. Fácil, pensou. Fácil a subida, fácil a descida. Tudo parecia convidá-lo para o bar. Até Cristo com sua imagem dava-lhe uma mão, com aquela escada posta ali como encomenda.

Entretanto, um arrepio correu-lhe o corpo ao pensar no sacrilégio que acabava de praticar, calcando aos pés a imagem: de Cristo. Mas o escrúpulo foi logo afastado pelo pensamento da taberna. Da sacristia entrou na capela pelo presbitério. A lâmpada votiva do Santíssimo palpitava de dor derramando raios de sangue, tingindo o altar com tênue claridade. No ar viciado, pairava perfume de flores, misturado com cheiro de cera e azeite queimado.

Pedro dobrou o joelho em rápida genuflexão mal feita, evitando levantar os olhos para o sacrário. Receava que um ralo de luz ou alguma voz misteriosa lhe chamasse a atenção contra o

pecado que ia cometer.

Atravessou o corredor entre as filas de bancos da nave central. Chegou-se à porta. Ergueu a tranca de ferro.

Abriu sem ruído. E ganhou a rua num pulo, triunfalmente. No primeiro boteco, sorveu um copão de cachaça, sofregamente, gulosamente lambendo-se.

Voltou embriagado. Foi, por isso, dificultosa a escalada da parede, sempre calcando aos pés a sagrada imagem de Cristo, impregnando-a com a fedentina do álcool.

-0-0-0-

Agora, todas as noites a mesma hora, repetia a aventura e o sacrilégio. Por vezes, sentia repugnância e remorso. Por fim, a consciência calejou. Descia tranquilamente por aquela escada divina rumo à tasca, como se andasse pela rua em direção da igreja. A alma e o coração completamente insensíveis.

Vai senão quando, uma noite de sexta-feira, Pedro experimenta nervosa palpitação ao pisar sobre o corpo de Cristo. Depois, diante do altar, recrudescer a sensação. Tem medo. Treme. E - coisa estranha! - faz o que até então nunca fizera. Ajoelha e reza.

Dirige-se ao bar, inquieto. Beberica apenas um traguinho, às pressas. Volta cedo. Vago pressentimento anuvia-lhe a alma, e uma angústia infinita oprime-lhe o peito. Misterioso, aquilo! Estaria sendo descoberto com a botija na boca? As freiras teriam notado alguma coisa?...

Na capela, outra vez aquela ânsia, ânsia de orar, de pedir proteção ao céu. Ajoelha-se. Tenta balbuciar as palavras do Pai-Nosso. As palavras trancam-se-lhe na garganta. Uma angústia estranha, esmagadora. Senta num banco. Apoia a cabeça às mãos. Vontade de chorar.

Não era possível. O coração não mentia. Algo de

impressionante estava para acontecer. Sabia ele, pois a superiora lhe dissera, que a comunidade terminava naquela sexta-feira uma novena ao Sagrado Coração de Jesus. Uma novena visando a recuperação daquele viciado no álcool.

Miserável! Desgraçado que sou! Infelicitei uma família. Tenho uma santa mulher que vive orando por mim. Estou aqui preso por minha culpa, neste lugar sagrado, em casa destas almas abençoadas, pertinho de Deus. Coitadinhas, em boa fé a meu respeito! E, apesar de tanta solicitude delas, apesar de tantos avisos, de tantos exemplos, de tantos prodigiosos meios de corrigir, não consigo romper os laços que me acorrentam a este rochedo maldito da paixão, do vício e do pecado!...

Tenta um ato de contrição, de arrependimento. Mas falta-lhe a coragem de formular um propósito firme. É duro, difícil, impossível, declarar guerra aberta, sem quartel, à gostosa bebida.

Só um milagre. Não havia outro jeito, outro recurso. Deus precisava vibrar o golpe decisivo, o golpe mortal. Cortar sem piedade a cabeça do dragão. Só um milagre. Sim, um milagre.

Ajoelha-se. Levanta a cabeça, os olhos, as mãos trêmulas em prece: Senhor, tende piedade de mim.

Ergue-se, aliviado. Na sacristia, coloca os pés sobre o genuflexório. Agarra-se à cruz. Pisa nos pés da imagem do crucificado. Ao tocar com as mãos os braços frios, duros, da imagem, súbito pensamento excêntrico fulmina-lhe a mente: E se, naquele instante, Cristo se animasse e desprendendo as mãos da cruz o abraçasse?!

Como um raio, o pensamento cristaliza-se em palpitante realidade. Os enormes e frios braços do crucificado soltam-se do madeiro e estreitam fortemente o corpo de Pedro, num abraço carinhoso e quente. Ao mesmo tempo, com acento de indizível ternura, com lágrimas na voz, os lábios divinos, exalando perfume de rosas, proferem esta atordoante expressão:

- Meu filho, até quando?!...

Depois disso, Pedro não viu nem ouviu mais nada. Lembra-se apenas de ter sentido o calor do abraço e percebido o hálito perfumado da voz. Quando acordou, jazia estatelado no soalho da sacristia. Num esforço supremo, ajoelhou-se, olhou para a imagem que estava no seu lugar, imóvel como sempre... Instintivamente, soltou um grito: Perdão, Senhor!

Era o tombo no caminho de Damasco. Partindo dali, o novo Saulo, ajoelhando aos pés do capelão do colégio, deixou cair as escamas do vício e do pecado.

Retornou para casa triunfante, dando a tão suspirada notícia à sua esposa e filhos. Agora, Pedro, transformado em apóstolo, comparece a todas as reuniões da AAA - Associação dos Alcoólicos Anônimos - contando o milagre de sua recuperação.

-0-0-0-

5-A CRUZ DE OURO

Regina não tinha sorte com os namorados. Um azar atrás do outro. Uma infelicidade sem fim.

Mortinha por casar, construir um ninho, criar alguns filhos; e sempre caindo, caindo sem parar. Desde os 14 anos de idade. Agora já completara 22. Sem jeito de desencantar o príncipe.

Príncipes sobravam na pequena cidade serrana de Regina. Mas todos príncipes encantados, teimosamente encantados, que acabavam sempre rio abaixo.

O José Antônio fora o primeiro. A princípio, humilde, carinhoso. Semanas depois, mostrou-se logo exigente. Exigências absurdas, sintomáticas de uma terrível neurose.

Imaginem: Regina não podia ir ao cinema sem ele. Proibiu-lhe que ela jogasse vôlei com as colegas da escola. Não devia excursionar. Indo à praia, não devia andar de maiô se não estivesse ao lado dele.

Depois foi o Gerson. Bonitão, alto, dono de uma voz maravilhosa de cantor. Exímio locutor de rádio. Prometia um político de expressão, por causa da fluência dos seus discursos.

Mas era vaidoso. Extremamente vaidoso. Só queria andar exibindo-se com discursos bonitos, com frases e palavras peregrinas, rebuscadas. Às vezes, por causa disso, cometia fiascos que envergonhava Regina. Um dia, tentando imitar um orador, saiu-se com esta expressão: "Não encontro palavras silepse da língua..." confundindo silepse por léxico.

O Odon também durou pouco tempo, porque namorava todo mundo. Mal largava o serviço do banco, pegava no volante de sua linda barata, enchia-a de moças e passava o resto da tarde e entrava noite adentro dando voltas pela cidade.

Quando ela se agradava do rapaz, era este que tomava a iniciativa de dar-lhe o fora, deixando-a numa prostração sem fim.

-0-0-0-

Regina era bonita. Rostinho oval. Cabelo louro. Estatura média. Cintura fina. Um pouco magrinha demais.

Noivara duas vezes. O enxoval prontinho. E ela, sempre naquela agonia, marcando passo, vendo as amiguinhas, as colegas da escola, casarem uma após a outra.

Dezena de vezes recomeçara o namoro. Frequentemente sofria terrível perseguição. Recebia cartas anônimas, com desaforos descabelados. Inventavam histórias absurdas acerca do rapaz. O diabo.

No baile, não raro, encontrava um bom namorado. Dançava. Gostava dele. Estava tão feliz! No baile seguinte, o rapaz já andava indiferente, apático. Dançava um pouco com ela e depois deixava-a de lado, envergonhada.

Voltava para casa chorando. Passava a noite em pranto. No outro dia, não tinha ânimo pra nada. Um sofrimento moral incrível. Permanecia dias e semanas aborrecidíssima. Doente do fígado.

Seria uma fatalidade, um destino cruel? - pergunta ela a si mesma. - Ou, quem sabe, castigo de minhas leviandades, dos meus pecados?

Resolvia, então ir à igreja orar. Um dia, estando a rezar, viu o Pe. Mário. O Pe. Mário era um jovem sacerdote, amigo da mocidade. Regina sentiu vontade de conversar com ele. De abrir sua alma, numa espécie de confissão

Expôs ao padre todo o seu drama. Todo aquele seu infortúnio. Aquela falta de sorte com os namorados. E perguntou ao confessor se tudo aquilo poderia ser um castigo.

- Castigo, Regina? Não creio. Talvez seja uma provação.

Decerto Nosso Senhor lhe quer muito e quer provê-la. Quem sabe, Regina? Você com seus namoros, não estará profanando o amor, essa coisa tão bela que Deus colocou em seu coração?

A moça concordou. Ela não se portava sempre como devia se portar uma jovem cristã que se prepara ao casamento. Sim, mais de uma vez ela profanara o amor com o seu mau comportamento.

- Minha filha, - disse o Pe. Mário - a jovem que profana o amor, torna-se escrava de um tirano, como o filho pródigo que renunciara ao amor de um pai. Em vez de um palácio para morar, ele acabou vivendo num curral, disputando o alimento dos animais.

Veja, minha filha, que até os pagãos, como Platão e Cícero, dizem coisas terríveis acerca da profanação do amor. Chegam a declarar que o prazer carnal ilícito, a impureza, é o nutrimento dos corações.

A corrupção provocou o dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra; de Pompéia e do próprio Império Romano.

Outra coisa, Regina. Acho que você deveria aceitar a sua situação, aceitar a cruz, essa cruz que você declara ser demasiado pesada. No dia em que você se aceitar como é, Regina, no dia em que se convencer de que a sua cruz não é tão pesada assim, verá que as coisas vão melhorar.

-0-0-0-

A moça arrependeu-se. Prometeu comportar-se melhor com os namorados. Sim, por que toda aquela infelicidade devia na verdade ser fruto da sua vida pecaminosa.

Nós, as moças, somos em geral as culpadas, as responsáveis por muito desastre. Saíamos sempre desacompanhadas. Frequentamos bailes pagãos. Vamos com vestidos escandalosos, excessivamente decotados. Começamos seduzindo os rapazes e, por fim, somos seduzidas.

Os rapazes em geral parecem loucos. Já briguei com

alguns só por causa de seus modos imorais de namorar, de dançar. Perdi bons partidos.

Que o Pe. Mário me desculpe, mas a minha cruz é realmente pesada. Faz oito anos que namoro. Já me chamam de banzaqueana. O parapsicólogo me disse que estou com a membrana da amizade já gasta de tanto amar. Disse que eu não posso viver sem um grande amor.

Quanto mais a gente ama, mais sofre. Oito anos de lágrimas, de cruéis desenganos, de inúteis tentativas. Oito anos de tantalismo, rolando em vão a pedra de Sísifo. Quando me encontro perto do cimo, prelibando o prazer do vitória, lá me vou outra vez para o abismo. Oito anos de esperanças frustradas, vendo o espectro da solteirona desenhar-se em minha frente.

Não, ninguém venha me dizer que a minha cruz é pequena. É grande, demasiado grande para mim.

-0-0-0-

Com estes pensamentos, Regina, à noite, adormeceu. Dormiu profundamente e teve um sonho. Um lindíssimo sonho.

Nosso Senhor lhe apareceu. Era um jovem encantador, com olhar de doçura inefável. Falou:

- Regina, vem comigo.

Ela foi acompanhando Nosso Senhor. Andando, acabaram entrando num imenso casarão, largo e comprido. Lá dentro só havia cruzes. Estava abarrotado de cruzes. Umhas encostadas às paredes. Outras amontoadas pelo chão. Cruzes de todos os tamanhos, de todos os feitios, de todas as cores. Cruzes de madeira, cruzes de ferro, de pedra, de bronze e algumas de ouro.

Quando os dois se encontravam no centro do casarão, Nosso Senhor lhe disse:

- Regina, se a tua cruz é demasiado grande e pesada, escolhe outra aqui.

A moça, muito contente andou por todo o casarão. Foi andando, até que a um canto descobriu o depósito das cruzes pequenas. Havia algumas do tamanho de um alfinete.

Ela foi remexendo, remexendo. Por fim, encontrou uma pequena, de ouro, com um brilhante no centro. Comentou sozinha: Esta é a mais linda, a mais preciosa, e menos pesada. Vou prendê-la na minha correntinha de ouro. Um amor de cruzinha.

Acercou-se de Nosso Senhor, sorrindo:

- Jesus, já escolhi. Veja que linda.

Nosso Senhor tomou a cruzinha na mão, olhou atentamente e perguntou:

- Esta é a cruz que tu escolheste Regina?

- É, Senhor.

- Mas, minha filha, está é a tua cruz. Vê aqui o teu nome.

Nosso Senhor virou a cruzinha e mostrou. A moça leu, em letras brancas, bem miúdas: REGINA.

Ela abriu cara de espanto.

- Pois é, minha filha, a cruz que tu escolheste é a cruz que eu te dei quando nasceste, a cruz que levas todos os dias. Vês como é pequena e bonita? Serve até de adorno de enfeite.

Nosso Senhor pegou Regina pela mão e foi andando. Depois falou:

- Olha para estas enormes aqui. Esta grande é de um rei. Aquela é de um Papa. Aqueloutra, de uma princesa. E vê agora esta enorme aqui no meio. Regina olhou. Parecia um tronco de angico, nodoso, com manchas de sangue.

- Minha filha, esta é a minha cruz.

- Que grande, Senhor!

- Ela é grande, Regina, porque a tua é pequena. Foi sob o peso dessa cruz que eu subi o Calvário, aos tombos, abaixo de açoites.

- E foi nessa que o Senhor morreu, Jesus?

- Sim, os homens me pregaram neste madeiro.

- E este sangue é seu, Jesus?

- Sim, minha filha. Eu derramei muito sangue. Derramei todo o meu sangue. Este pouquinho aqui foram os teus pecados que o derramaram. Foi por teu amor, Regina.

Ela sentiu um arrepio. Lembrou-se de seus pecados. Quis pedir perdão. Não teve coragem. Apenas olhou, com ar de piedade, para Nosso Senhor, tão lindo no seu rosto divino, e balbuciou, a chorar:

- Coitadinho do meu Jesus!

Duas lágrimas saltaram dos olhos de Regina. Nosso Senhor enxugou-as com suas mãos de veludo:

- Não chores, minha filha.

E abraçou Regina, apertando-a ao coração que pulsava forte. Ela, sentindo o suavíssimo aroma celestial e o calor do coração divino, soluçou:

- Ah! Eu queria tanto ajudar o Senhor a carregar essa enorme cruz.

- Regina, se quiseres ajudar-me a levar a minha cruz, debes levar com alegria a tua pequena cruz.

- Dê-me força, Jesus.

- Vai, minha filha, e não me ofendas mais.

- Tenha dá de mim, Senhor.

- Vai. Os teus pecados te são perdoados. E daqui por

diante vai levando alegremente a tua pequena cruz, sem mais uma queixa, sim?

- Muito obrigado, Senhor!

-0-0-0-

Daquele dia em diante, Regina mudou de vida e mudou o seu modo de pensar. Correu à igreja e narrou ao Pe. Mário o lindo sonho.

- É isso mesmo, Regina. Embora tenha sido apenas um sonho, ele encerra ótimos ensinamentos. Não te queixes mais da Divina Providência. E procure não mais ofender o Nosso Senhor.

Regina tratou logo de frequentar a roça de rapazes que se reuniam naquela boate. Começou a ir muitas vezes à casa da Helena, sua colega. A Helena tinha um irmão de nome Nereu. Um rapaz direito. Acabou namorando-o.

Namoro legal, sem o menor abuso. Noivou. Seis meses após realizava com aquele jovem o seu tão suspirado sonho. Felizes como um casal de canários, Regina e Nereu moram numa linda casinha, ao lado do Posto Texaco, de que Nereu é proprietário. Diante da casa, um jardim com flores em profusão.

6-TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO

O rapaz era pobre. Descendente dos tropeiros paulistas que povoaram os Campos da Vacaria e os Campos do Passo Fundo, podia ser um abastado pecuarista, dono de milhões de léguas de campo e de milhares de cabeças de gado. Todavia, como ocorreu com a maioria desses descendentes, Gomercindo Ferreira acabou marginalizando-se.

Sentia prazer em recordar a nobreza de sua origem. Não escondia que ele poderia ser rico, como foram seus antepassados. Dizia-se mesmo bisneto de alguns dos primeiros povoadores de Lagoa Vermelha e Barracão. Simão Lopes de Estilita, sogro de Francisco Ferreira Bueno, assim como Felipe de Sousa e Pedro Vieira Gonçalves, teriam sido seus ancestrais.

Morava no município de Barracão, proximidades da Reserva Florestal do Espigão Alto. O pai tinha lá sua pequena propriedade, uma rocinha, umas vaquinhas, um cavalo, porcos, galinhas.

Com a idade de 16 anos, Gomercindo empregou-se na serraria de Hilário Kohl, que era natural de Carazinho. O alemão chegara aqui com 15 anos. Chegou sem nada e quase analfabeto. Começou a trabalhar na serraria da família Provenzi e conquistou logo a simpatia do patrão, por ser correto e esforçado. Passados dois anos, assumia ele a gerência de um dos engenhos da firma.

Com a idade de vinte anos, o Hilário estabelecia-se com indústria madeireira própria. Hoje ele tem várias serrarias, é pecuarista, granjeiro, comerciante e dono de uma frota de caminhões. Estudou por correspondência, podendo, com essa instrução e por seu poder econômico, tornar-se um líder da comunidade local. Elegeu-se vereador, tendo sido até indicado para candidato a prefeito.

-0-0-0-

Gomercindo, trabalhando na indústria madeireira do Seu Hilário, passou a admirar e invejar a espantosa evolução progressiva do seu patrão. Ele também fora pobre, tendo enfrentado rudes batalhas para atingir a privilegiada situação atual.

Dominado por espírito de emulação, Gomercindo sonhava seguir idêntico rumo de vida, ladeira acima, subindo, sempre subindo, até ficar rico. Era um sonhador. De tanto sonhar em riqueza, uma noite sonhou de verdade. Sonhou que ficara rico da noite para o dia. Sonhou com uma panela de dinheiro enterrada à beira de um banhado, perto da Reserva Florestal do Pontão.

A reserva do Pontão era uma ponta de serra que vinha da encosta do rio Pelotas e avançava pelo campo, colocando uma mancha negra em meio ao verde da campina. Um enorme pinhalão, que durante longos anos foi preservado como reserva estadual de pinho-araucária.

Os tropeiros paulistas, quando chegaram aqui, batizaram o lugar com o nome de Pontão, por causa dessa ponta de mato. Até o atual Passo do Barracão era conhecido por Passo de Pontão.

No ano de 1848, o governo provincial mandou construir aqui um quartel para os guardas encarregados da cobrança do imposto do gado que saía para São Paulo e outras províncias, e também para defesa dos moradores contra os assaltos dos índios Coroados, numerosos e extremamente ferozes. Lugar de gentio brabo, como dizem os antigos documentos oficiais.

O engenheiro Afonso Mabilde, encarregado da abertura da estrada do Pontão, caiu um dia prisioneiro nas mãos desses indígenas, permanecendo cativo durante dois anos, podendo, nesse período de tempo, aprender a língua e os costumes da tribo. Deixou-nos Mabilde um verdadeiro tratado acerca dos indígenas do Pontão e de toda a região.

Ao lado do quartel foi construída uma capela, dedicada a

Nossa Senhora das Dores. Começou então a afluir gente, e foi surgindo um povoado, com o nome de Capela do Pontão. Entretanto, por causa do quartel, que era um enorme barracão de madeira, o povoado passou a ser conhecido pelo nome de Barracão, nome que acabou firmando-se definitivamente.

-0-0-0-

Perturbado por aquele estranho sonho, que lhe roubou a tranquilidade e o sossego foi um dia para junto da reserva do Pontão, na esperança de descobrir o banhado do sonho, o banhado da panela de dinheiro.

Com espantosa surpresa, deu logo com o banhado, o banhado do sonho. O mesmíssimo banhado, perto da reserva do Pontão. Banhado típico da região, no meio do campo, com alto macegão e muito caraguatá.

Ficou de perna mole o rapaz. Estaria ele realmente com sorte, prestes a se tornar rico, assim da noite para o dia? Tornar-se dono de uma fortuna? Excessivamente crédulo por natureza, convenceu-se de que era rapaz privilegiado e digno de tamanha bênção do céu, que seria decerto a recompensa de sua extrema ambição, de sua louca vontade de enriquecer.

Saiu logo à procura do proprietário do campo, convencido de que ele, o Seu Anastácio, lhe venderia aquele banhado a preço de banana, pois naquele tempo campo e gado tinham pouco valor.

O fazendeiro espantou-se com a absurda proposta do Gomercindo:

- Mas por que você quer comprar esse banhado horrível, onde nem ga

- Sabe, Seu Anastácio, é que me deu na cabeça que ali está enterrado uma cabedal, uma panela cheia de ouro.

Anastácio soltou uma gargalhada, sacudindo os vastos bigodes:

- Mas, Gomercindo, decerto você sonhou, não é?

- Sonhei Seu Anastácio.

- E acredita no sonho?

- Acredito. É por isso que vim aqui. Desejo comprar o terreno. O banhado e uma tira de campo em redor.

- Pois olhe, Gomercindo, eu lhe vendo com prazer o banhado, um pedaço de campo e o mato, aquele belo capão ao lado, com altos pinheiros.

- Obrigado, Seu Anastácio. Eu não disponho de muito dinheiro. Vou comprar apenas o banhado e um pedacinho de campo. Mais tarde, quem sabe.

-0-0-0-

Realizado o negócio, o ingênuo rapaz, cegado pela ambição de enriquecer rapidamente, sem tanto esforço, tratou logo de abrir um valo perto do banhado, precisamente no local indicado pelo sonho.

Trabalhou afanosamente todo o dia. Trabalhou no dia seguinte e no outro, sem que lhe surgisse o menor sinal do enterro do cabedal. Nem mesmo o carvão, o carvão que os enterradores de dinheiro costumavam colocar para impedir o deterioramento do recipiente, da panela.

No terceiro dia, resolveu construir ali um rancho, onde pudesse passar as noites, sem ter de retornar diariamente à casa, e, desta maneira, trabalhar sem perda de tempo.

Sábado de tarde, o Anastácio, sempre incrédulo e rindo da ingenuidade do rapaz, foi vê-lo a trabalhar naquela lida estafante.

- Mas, então, Gomercindo, que dê a panela do dinheiro? - perguntou, fingindo seriedade.

- Pois é, Seu Anastácio, aqui não existe sinal de enterro algum. Estou desconfiado que esteja mais para cá, mais perto do capão. Se tivesse dinheiro, eu lhe compraria esse capão. Estou até

com vontade de retornar ao meu emprego na serraria a fim de ganhar o dinheiro necessário.

- E então, por que não vai?

- Sim senhor, eu vou.

E o rapaz voltou a trabalhar na serraria do Seu Hilário. Passados dois meses, com o dinheiro do ordenado e um pequeno empréstimo, efetuou a compra do capão. Capão lindo, com aqueles altos pinheiros, em cujos galhos os bugios e os papagaios faziam um barulhão infernal.

Instalou-se no velho rancho, que ainda permanecia de pé. E, agora, desde o clarear do dia até o anoitecer, foi abrindo um valo atrás do outro, deixando um montão de terra vermelha sobre a grama do campo. Parava apenas ao meio-dia para comer o seu feijão de panela.

Um dia, já um tanto desanimado, vendo aquele terreno esplêndido, beira de banhado e de mato, terreno excelente para uma lavoura, levantou um cercado e fez uma roça. Plantou milho, feijão, aipim, batata doce, abóboras.

Em pouco tempo farfalhava ali uma bela seara, exuberante e promissora, no meio da paisagem agreste, como flor em pleno deserto. Havia sempre canto de pássaros. Perdizes e perdigões piando durante todo o dia. Veados pastando, passeando perto. Ao entardecer, o bando de curucacas voltava do campo, cacarejando, para empoleirar-se nos galhos dos pinheiros.

Recanto lindíssimo aquele para moradia. O rapaz, com seu espírito de ambição e criatividade, pensou até ficar morando ali o resto da vida.

Aumentou o cercado e plantou mais milho e feijão. Reformou o rancho e construiu ao lado uma pequena mangueira, com vistas numa vaquinha de leite.

Dono daquele capão de altos e grossos pinheiros, decidiu

vender alguns ao Seu Hilário. O patrão foi lá, mandou cortar os pinheiros e felicitou o rapaz pela escolha de lugar tão lindo para morar.

Colhido o milho, Gomercindo comprou uma vaca, umas galinhas e um porquinho. Vendeu mais alguns pinheiros, e, com o fruto da venda, adquiriu outro pedaço de campo, aumentando assim a sua pequena propriedade rural.

Tratou de construir uma casinha confortável, aproveitando a madeira dos pinheiros, que o Seu Hilário serrou de graça para o seu antigo empregado. Além da casa, construiu o galpão, o chiqueiro e o galinheiro.

Tudo correu tão depressa e favoravelmente, que quando se deu conta, já estava casado com a Maria Eugênia, uma ex-colega de escola, pela qual sempre esteve apaixonado desde os tempos de garoto.

Quando nasceu o segundo filho, ampliou outra vez a sua propriedade, adquirindo mais uns hectares, com o fruto de sua lavoura e de sua criação. Dispunha agora de meio milhão de metros quadrados de terra, entre campo, mato e banhado.

A jovem esposa era forte e trabalhadeira. Com sua ajuda aumentou a lavoura, aumentou o rebanho, as galinhas, realizando sempre gordos negócios, com a venda de cereais, queijo, ovos, porcos e galinhas.

-0-0-0-

O tempo foi passando. Nasceram mais três filhos. Eram agora três rapazes e duas meninas. Filharada linda, sadia, disposta, criada naquela fartura de leite, ovos, carne de frango, num ambiente saudável, respirando o ar puro da serra.

Os filhos foram, em seu devido tempo, recebendo instrução em escolas municipais e particulares. Quando o mais velho atingia a idade de 16 anos, iniciava-se na região a era da lavoura mecanizada. A pecuária, pouco lucrativa naquele tempo, cedia

lugar à agricultura.

Não poucos criadores transformaram então seus campos de pastagens nativas em granjas de trigo, que ofereciam aquele sublime espetáculo de um oceano de ouro, ondulando ao sopro da brisa, ao sabor das coxilhas.

Gomercindo vinha irresistivelmente fascinado pela agricultura. Por isso, aderiu agora com paixão ao revolucionário movimento renovador da paisagem pampeana. Com empréstimo bancário, comprou um possante trator. Auxiliado pelos filhos, igualmente apaixonados pela mecanização da lavoura, que era uma extraordinária novidade, lavrou o seu campo e mais uma parte do vizinho, por arrendamento.

Ao cabo de algumas semanas a manobrar o trator, ronco rompia o silêncio daquele sertão, em lugar do verde das pastagens, surgiu um poema vermelho de terra lavrada, enfeitado, aqui e acolá, por airosos capões pinheiros, guamirins e aroeiras.

Lançada à terra a semente, as planícies e as coxilhas tornaram a vestir-se de verde, um verde uniforme, obedecendo à simetria das carreiras formadas pela máquina semeadeira, dando a impressão de versos paralelos de um poema.

-0-0-0-

No mês de outubro, o trival principiava a lourejar, ondulando, num espetáculo estonteante. Um dia, em vésperas da colheita, Gomercindo sentiu-se na obrigação de agradecer ao Senhor pelo inestimável dom daquela fartura de trigo, que nunca sofreu os insultos das intempéries e que colocava a ele, caboclo humilde e pobre, entre os abastados granjeiros do município.

Organizou uma festa. Carneou um boi gordo. Fez um grande churrasco, para o qual convidou os pais, os parentes, o Seu Hilário, as autoridades, os vizinhos e os amigos. Convidou o Padre Alexandre, o vigário, para celebrar a missa em ação de graças.

A missa e o churrasco tiveram lugar à sombra aprazível de

um capão, no meio da granja. Depois da missa, enquanto o churrasco assava, impregnando o ar de apetitoso odor, a comitiva saiu pare o alto da granja, de onde se descortinava, em toda a sua vastidão, em toda a sua beleza, em todo o seu esplendor, aquele oceano de ouro.

O trigal cobria toda a extensão do campo nativo, sendo, aos fundos, moldurado pela mancha negra da reserva do Pontão, oferecendo aquele contraste surpreendente e belo. O trigal bem louro, ondulando, e lá longe o petrumo do grosso pinhalão.

Todos estavam encantados diante daquela maravilha. Todos felicitavam o proprietário, naquele dia bem trajado como um gaúcho. Bombachas, botas, lenço ao pescoço, chapéu de aba larga, preso ao queixo por longo barbicacho.

Gomercindo, agradecendo as felicitações, contou então a curiosa história da origem daquela granja. A fantástica história do sonho, que a todos impressionou.

Tomando então a palavra o sr. Vigário, disse, com franco sorriso nos lábios:

- Graças a Deus que você acreditou no sonho, Gomercindo. Você acreditou e fez o que diz o Evangelho. Você sabe, Gomercindo, o que diz o Evangelho?

- O quê, sr. Vigário - perguntou esbugalhando os olhos, numa incrível curiosidade.

- O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. Você acreditou que nesse campo havia um tesouro escondido. Comprou o campo e, depois de algum trabalho, descobriu o tesouro. Agora enquanto vai desfrutando o tesouro, colabora na construção do reino de Deus, dando ao povo brasileiro o pão nosso de cada dia.

Todos bateram palmas e abraçaram o novo triticultor do Barracão, o qual, de tão comovido, chegou a derramar uma lágrima.

7-IMIGRANTES

Estrada secundária, de terra batida. Em Barro Preto, partindo da rodovia pavimentada São Vendelino- Passo Fundo, segue cortando a colônia, em meio à profusão dos vinhedos.

Subindo e descendo morro, em lançantes e aclives tremendamente íngremes, espantallo dos caminhoneiros, leva-nos ao município de Antônio Prado, beirando temerariamente profundos abismos, à vista dos quais arrepiam-se os passageiros da primeira e da segunda viagem.

A certa altura, vencido violento repecho, para quem ruma em direção de Antônio Prado, surge, à beira da estrada, em pleno descampado, um belo monumento. Monumento que deveria presidir uma praça de nossas metrópoles, que não ali, naquela solidão, onde apenas meia dúzia de transeuntes pode admirá-lo.

Monumento de pedra, com esculturas em alto relevo, ostenta no alto uma imagem de Nossa Senhora do Caravágio. Foi em 1975, durante as comemorações do centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, que a comunidade local ergueu o monumento, à beira da estrada deserta e silenciosa.

Por qual razão esta ignota paragem mereceu a honra de um monumento? Um artístico monumento, longe de qualquer cidade, ali à beira do caminho silencioso.

Certamente ocorreu ali algum fato importante, relacionado com a imigração italiana. Exatamente. Um caso singular, significativo e comovente, verificou-se ali, quando chegaram os pioneiros que fundaram a Capela de Nossa Senhora do Caravágio, no distrito de Vila Flores, município de Veranópolis.

-0-0-0-

Compunha-se de oito famílias a pequena leva de imigrantes que se embrenharam naquele sertão bravo, proximidade do rio da Prata, afluente do rio da Antas.

Eram os Carbonera, os Brunetto, os Omizzollo, os Perin, os Margan, os Pertile, os Sangalli, os Maschio, os Bavaresco e os Pasquallon.

Vinham da província italiana de Treviso, mas seus antepassados eram sicilianos. Daí a cor morena de sua pele e a sua tendência para desenhar em alto relevo.

No fim do século XIX, no norte da Itália, já não havia ambiente para milhares de agricultores que viviam marginalizados, à mercê dos poderosos latifundiários que usurparam suas terras.

Após a reunificação da Itália, o governo, incapaz de efetuar reformas radicais no campo econômico e político não se opunha à emigração, considerada um benefício para a nação.

As sacrificadas famílias, a braços com guerras contínuas, deviam submeter os filhos a três anos de serviço militar. Cansadas de tanta guerra, de tanta miséria de tanto sofrimento, suspiravam emigrar, fugir das garras dos tirânicos proprietários, a quem serviam como escravos.

Foi quando irrompeu ruidosa campanha publicitária, incitando a imigrar para a América, autêntica terra de promessa. O Brasil, notadamente, anunciava promessas estonteantes: Viagem de graça. Terra de graça. Sementes e instrumentos de trabalho. Tudo gratuitamente.

A América tomou conta de toda a humilde população do norte da Itália. Não se falava em outra coisa. De dia e de noite. De noite eram os sonhos que perturbavam o sono. De dia, todos viviam cantando: *Mérica, Mérica, Mérica. Um bel massolino di fior!*...

Êxodo incontrolável, arrasador. No espaço de 25 anos, um milhão de italianos emigraram para o Brasil, onde imensas

extensões de terras devolutas e a abolição da escravidão abriam campo infindo para o braço imigrante.

Em 1875 chegavam ao Rio Grande do Sul os primeiros italianos. Levas e levadas de famílias numerosas, com sacrifícios inauditos, sofrendo naufrágios, sulcaram o oceano embrenharam-se nas montanhosas florestas, numa aventura épica.

-0-0-0-

As oito famílias que fundaram a Capela de Nossa Senhora do Caravágio levaram 40 dias para atravessar o oceano. Durante a longa e penosa travessia, irrompeu gravíssima epidemia a bordo, dizimando sobretudo as crianças. Para evitar a propagação do mal pelo contágio, toda criança atacada era jogada ao mar, ainda com vida.

Em meio aos gritos desesperados das mães, vendo seus filhinhos tombarem vivos ao fundo do mar, uma senhora pertencente às oito famílias, Domingas Guzzo, implorou a proteção do céu em favor do seu filhinho Luís, vítima do terrível mal.

Numa estratégia que só as mães conhecem, aquela mulher, quando o fiscal passava recolhendo as crianças pesteadas, escondeu o pequeno Luís no avental, salvando-o da morte.

Luís Guzzo chegou são e salvo ao Brasil. Criou-se no seio da comunidade da Capela de Nossa Senhora do Caravágio, integrando a legião de pioneiros que semearam o sertão alpestre do Rio Grande do Sul com tantas cidades, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

De Porto Alegre, as oito famílias seguiram por via fluvial até São Sebastião do Caí. A seguir, a pé e a cavalo, galgando a serrania atravessando a floresta, chegaram à Colônia da Princesa Isabel hoje Bento Gonçalves.

Deixando as mulheres e crianças no barracão dos imigrantes em D. Isabel, os homens partiram para o local que lhes

era destinado pelo engenheiro Júlio da Silva Oliveira, no atual distrito de Vila Flores, município de Veranópolis.

À frente ia Pedro Carbonera, abrindo picada em meio de altos pinheiros e de tantas árvores, gigantescas, todas desconhecidas para eles. Chegaram enfim ao lugar do destino, ao seu lote colonial, na Páscoa de 1886.

Acamparam sob a enorme galharia de gigantesca sapopema. No tronco da árvore, desenharam uma cruz em alto relevo. A seguir, acenderam o Círio Pascal que lhes fora doado pelo Vigário de sua aldeia natal, quando partiram da Itália.

À sombra da sapopema, como se fosse um templo, com voz forte e com grande fé, rezaram o terço do rosário da Virgem, que era pitorescamente acompanhado pelo canto da passarada. Era a primeira prece na nova pátria, a implorar as bênçãos do Senhor para a vida incerta que ora encetava.

Volvidos longos anos, quando todos os membros das oito famílias repousavam no cemitério ao lado da capela, os descendentes destes heróicos pioneiros quiseram imortalizar o histórico ritual, à sombra da gigantesca sapopema, com um belo monumento...

Desmataram o terreno. Na clareira aberta da selva, construíram um rancho provisório para, em seguida, iniciar o trabalho sistemático da construção das casas e do plantio de cereais.

A alimentação, a princípio, baseava-se na caça, na pesca e nas frutas. Tudo em grande abundância. Felizmente, quando chegaram, o pinhão principiava a debulhar.

Alimento providencial o pinhão! Com ele muito imigrante salvou-se de morrer de fome.

Mais tarde, com a primeira colheita de milho, feijão e abóboras, modificou-se a mesa frugal. Mas ocasião houve em que passaram 40 dias alimentando-se de abóboras, caça e frutas.

No esporte da caça, que constituía praticamente o seu único lazer, aconteceu um dia um caso digno de registro. Os caçadores perseguiram uma anta que acabou atolando-se num banhado. Não foi fácil abater o enorme paquiderme. O chumbo dos tiros de espingarda não penetravam no couro, como também de nada adiantavam ou golpes de facão. Mas deu sempre 70 quilos de carne limpa. Uma festa!

Em poucos dias construíram uma casa ampla, capaz de comportar as oito famílias. Retornaram então a D. Isabel e trouxeram as mulheres e crianças, que lá os aguardavam ansiosas no barracão dos imigrantes.

Aos poucos, todas as famílias tinham a sua moradia, construída com a colaboração de todos. Incrível a euforia daquela gente que nunca tivera propriedade e agora, como num sonho, via-se de posse de um belo lote de terra fertilíssima, embora totalmente coberta de mata virgem, com predominância do pinheiro!

Quando as condições permitiam o luxo de possuírem animais, como vacas, cavalos, porcos, galinhas, volta e meia vinha a onça e levava hoje um porco, amanhã um cavalo, depois de amanhã uma novilha.

Como medida de precaução, algumas casas dispunham de dois pisos. No primeiro ficava a cozinha, com a sala de refeições. O segundo, que se destinava ao dormitório, vinha ligado ao inferior por uma escada móvel e um alçapão. Ao deitar de noite, retirava-se a escada, neutralizando assim qualquer possibilidade de assalto às pessoas durante o sono.

Vai até que um dia acontece um fato estranho, ao mesmo tempo trágico e cômico. A família Brunetto tinha um burro, de enorme serventia. De noite, o animal, amarrado a uma árvore próxima da casa, desprende-se e vai coçar-se na parede da moradia.

É a onça! - pensou o chefe da família. - De machado em punho, no meio da escuridão, com três valentes golpes, acabou matando o pobre animal. Julgando haver praticado a maior façanha da vida, matando uma onça, o Seu Brunetto dormiu tranquilamente o resto da noite.

Só de manhã, com suprema dor no coração, tomou conhecimento da tragédia. Imaginem a tristeza da família, sobretudo das crianças, que o paciente burro transportava da casa à roça!

-0-0-0-

Os produtos agrícolas eram em geral comercializados em São João de Montenegro, quase sempre em troca de sal, açúcar, café... Tecido para o vestuário, as próprias donas de casa fabricavam.

Pela estrada, que eles mesmo abriram, lá iam a pé até D. Isabel, transportando um saco de milho, numa viagem de quatro dias, ida e volta. Retornavam com o saco de farinha, com que preparavam a gostosa e nutritiva polenta.

Trataram logo de construir a capela. De madeira, com tábuas serradas a mão. Nela foi entronizada a histórica imagem de Nossa Senhora do Caravágio, trazida da Itália por João Franzon, antes mesmo que de lá chegasse a que se venera no renomado Santuário de Caravágio em Farroupilha.

Em 1.5.1905 foi lançada a pedra fundamental da nova capela, de alvenaria, em terreno doado pelas famílias Carbonera e Omizzollo. Foram gastos 40 mil tijolos, fabricados a mão por José Pasqualli e Luís Selva. Os pedreiros foram: Antônio Fontana, Emílio Cherubini, Pedro Carbonera e Pio Carbonera. Estilo gótico. Inaugurada solenemente, em 26.5.1906.

Ao lado da capela, o cemitério. Em 1927 foram importados da Alemanha três enormes sinos, que passaram a encher de harmonia toda a região, fazendo-se ouvir até além do rio da Prata,

em Antônio Prado.

O sineiro, Pio Carbonera. Fiel em sua honrosa missão, todas as manhãs, ao meio-dia e à hora de Ângelus, de tarde, fazia soar o sino maior, convidando a comunidade à prece.

Uma noite de intenso luar, o sineiro acordou altas da madrugada. Viu o clarão da lua e cuidou que o dia começasse a clarear. Sem demora, à voz do sino, no silêncio da noite todos levantam sobressaltados. Vão à procura de baldes: de escadas, na intenção de apagarem o incêndio que o sineiro parecia estar anunciando, dando alarme... Que fiasco, Pio!

8-O RABO-DE-TATU

O território do Rio Grande do Sul, descoberto o Brasil, permaneceu abandonado, como terra de ninguém, durante 200 anos.

A seguir, lagunenses, paulistas, açorianos, sacramentinos e outros, entraram a povoar as planícies do litoral e as imensas campinas onde pastavam infindas manadas de gado, deixadas pelos jesuítas das Reduções.

A partir de 1824, imigrantes alemães, iniciando uma era de progresso, colonizaram os ubertosos e ridentes vales dos rios do Sinos, Caí e Taquari, semeando-os de pujantes cidades, como São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Continuaram no abandono as encostas escarpadas do rio das Antas. Região quase inacessível, coberta de densa mataria com predominância do pinheiro-araucária. Escarpas fragosas, montanhas alcantiladas, fundas socavas escancelando-se em despenhadeiros, vales profundos e sinuosos, onde roncavam soturnas torrentes impetuosas.

Esta ingrata região alpestre, desprezada pelos colonizadores lusos e germânicos, coube, a partir de 1875, ao imigrante italiano, que, na escalada da montanha bruta, escreveu soberba epopeia de heroísmo, superior à dos seus predecessores no povoamento do solo gaúcho.

Em poucas dezenas de anos, a montanha transfigurou-se como por encanto. Encostas e vales despiram a rude vestimenta da mata, e enfeitaram-se de vinhedos e lavouras, formando um cinturão verde a uma série de esplêndidas cidades, pletóricas de estabelecimentos industriais e comerciais.

Foi um toque de magia, que fez surgir, prodigiosamente,

risonhos e opulentos centros urbanos, cujos alicerces foram argamassados com suor e sangue, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves, farroupilha e Garibaldi, flores da Cunha e Veranópolis.

-0-0-0-

Sílvio Antoniazzi foi um dos milhares de heróicos vanguardeiros dessa jornada épica. Recém-casado, emigrara para o Brasil, seguindo para Porto Alegre e daí, galgando penosamente a montanha, foi levantar sua humilde moradia numa clareira da mata, nas proximidades do Campo dos Bugres, depois batizado com o nome de colônia Caxias.

Uma de suas primeiras preocupações, além de uma lavoura de milho e trigo, foi um vinhedo, que lhe forneceria o precioso vinho, capaz de matar as saudades da terra natal.

A fertilidade da terra, fazendo nascer com luxuriante exuberância, ricas searas e as primeiras uvas sumarentas, compensava-lhe cabalmente as agruras do exílio e as asperezas do solo.

No porão da pequena casa, transformado em cantina, as pipas enchiam-se de vinho, para animá-lo na dura trabalhadeira, como também para alegrar as reuniões da incipiente comunidade, em que se entoavam as belas canções da velha Itália, nunca faltando *La Verginella* e *La Mérica*.

O êxito de suas tímidas experiências fez com que Sílvio viesse a pensar numa indústria, indústria rudimentar, mas que poderia evoluir e agigantar-se, porque Campos dos Bugres crescia rapidamente, chegando mesmo a cortar pelo meio, com o traçado de uma avenida, o seu parreiral.

Viu-se obrigado a formar um grande vinhedo longe do povoado, junto do qual levantou uma cantina. O primitivo ranchinho havia sido substituído por uma bela casa, ao longo da nova avenida.

A filharada, linda e sadia, aumentava quase todos os anos.

O desenvolvimento surpreendente fez com que a Colônia Caxias se emancipasse politicamente. Quando Campo dos Bugres se transformava na cidade de Caxias, os Vinhos Antoniazzi já gozavam de fama nacional, exportados como eram para São Paulo.

Em sociedade com os filhos, já numerosos e crescidos, Sílvio formou uma poderosa empresa industrial. Escolheu o segundo filho, o Albino, para estudar na Europa a técnica da fabricação do vinho. Do velho mundo, o filho voltou como químico formado.

Agora a Antoniazzi não fabricava apenas vinhos finos, fabricava também champanha, que era uma revolucionária novidade no Brasil.

Os anos foram passando e o velho imigrante encontrava-se satisfeito por haver cumprido sua missão. Antes de morrer, transformou a firma em Sociedade Anônima, deixando aos seus dez filhos um gigantesco patrimônio, uma herança fabulosa.

-0-0-0-

Oswaldo, que se orgulhava da sua condição de filho primogênito e gerente da Antoniazzi S.A., não soube corresponder à dignidade do velho progenitor. Entrou logo a abusar de sua autoridade, tornando-se despótico para com os irmãos, que humilhava e mal tratava.

Quem mais sofria os desmandos e maus tratos de Oswaldo, era o químico, a pessoa mais importante e eficiente da empresa.

Em pouco tempo, o usuário gerente, insuflado pela esposa com insistente maldade, acabou consumando o plano diabólico que vinha alimentando desde a morte do pai.

Oswaldo chamou o irmão, e, sem o menor preâmbulo, foi declarando-lhe:

- Albino, a nossa indústria precisa atualizar-se, para acompanhar as novas exigências da vinicultura. Por isso, a diretoria resolveu contratar um novo técnico, recentemente chegado da Europa.

Embora não fosse propriamente surpresa a indigna atitude do irmão, Albino sofreu profundo abalo. Sentiu-se arrasado. Tão arrasado, que não disse palavra em resposta.

Chegando em casa, naquela prostração incrível, a esposa adivinhou o drama. Rosália era mulher esclarecida e corajosa. Foi logo dizendo:

- Pois é, Albino. Quer dizer que já estás despedido, sem emprego, não é? Eu estou prevendo. Estou prevendo tudo. Vais cair na rua e, em pouco tempo, estaremos sem meios de sustentar a família educar os filhos.

Rosália, como o marido, era filho de imigrantes italianos. Frequentara o Colégio São José, dirigido por religiosas francesas do mesmo nome. Tinha boa formação, excelentes qualidades morais e intelectuais, aliadas a um carácter enérgico e impulsivo, que a tornava respeitável.

Efetivamente, passados uns meses, Albino não pode resistir à imposição de assinar o seu afastamento do quadro de funcionários da Antoniazzi S.A. Como indenização, recebeu uma soma irrisória.

Agora seu abalo moral e físico foi terrível. Noites de insônia. Preocupações com o futuro da numerosa família fizeram com que iniciasse um regime de austeridade e economias.

-0-0-0-

Um dia, reconhecendo que devia mudar de atitude, resolveu reagir e começar tudo de novo. Como? Fundando outro firma do mesmo ramo, contando com o aval de seus conhecimentos e de sua experiência.

Confiava receber os dividendos da firma fundada pelo pai. Mas a Antoniazzi S.A. deixou agora de distribuir os dividendos aos seus associados.

Era mister lançar mão de um advogado. Mas advogado que trabalhasse de graça. Esse advogado surgiu na própria família. Rosália será a mais competente advogada, capaz de pôr cobro aos desmandos de Osvaldo.

Religiosa desde criança, depositava ela ilimitada confiança na Providência Divina e na proteção de Santo Antônio, o milagroso santo que nunca a desamparava.

Em vésperas do Natal, doía-lhe o coração ver as crianças pedindo um presente e não poder atendê-las. Contudo, um pobrezinho, fazendo de cambista lotérico, vendeu-lhe um bilhete, garantindo que seria premiado. Realmente, foi premiado com cinco mil cruzeiros.

Outra ocasião, Rosália não dispunha de dinheiro para saldar uma duplicata de 40 mil cruzeiros. Apelou, outra vez, confiadamente, ao Santo dos Milagres, que lhe valeu na hora, com um bilhete premiado com 43 mil cruzeiros.

Ao cabo de seis meses de marchas e contramarchas, Albino, encontrava-se, finalmente, prestes a formar, junto com dois sócios, uma sociedade operando na exploração de uma indústria vinícola.

Dias antes da assinatura do contrato, a notícia chegava aos ouvidos do invejoso irmão. Osvaldo, sem perder tempo, montou uma máquina de intrigas e calúnias, visando desmoralizar o Albino diante dos futuros sócios.

Perguntou a estes: Então vocês querem se afundar antes de começar? O Albino é meu irmão, mas não vale nada. Se eu não tivesse me livrado dele a tempo, a empresa Antoniazzi já não existiria. Por amor de Deus, não formem sociedade alguma com o Albino. Estou avisando.

Resultado: Albino, que seria o químico da nova firma, não foi aceito na sociedade. Rejeitado misteriosamente, quando tudo indicava um final feliz.

Rosália procurou soerguer o caipora do marido, que o rude golpe havia prostrado outra vez. Prometeu-lhe que haveria de lutar, que haveria de rezar, de fazer promessas a Santo Antônio romarias ao santuário de Nossa Senhora do Caravágio em Farroupilha.

De fato, a fé da esposa transportava montanhas. Ganhou, pela terceira vez, pasmem todos, ganhou na loteria Estadual. Agora uma soma bem maior: Noventa mil cruzeiros!

- Rosália - falou Albino, esfregando as mãos - vamos saldar nossas dívidas e depositaremos o resto na firma, a fim de aumentar o nosso capital,

- Não, Albino. Por amor de Deus, não vamos dar mais dinheiro para aquele ladrão. Chega. Com este dinheiro, eu quero comprar um carrinho que está à venda por 60 mil cruzeiros. Nós precisamos de condução para levar os filhos ao colégio, para dar nossas voltas...

E comprou mesmo aquele carrinho, um "Austin" usado, declarando: Este é um presente do céu. Um presente de Santo Antônio.

-0-0-0-

Agora, mais confiado, Albino tentou, outra vez, formar uma sociedade. Mas esta, como a anterior, acabou morrendo no seu nascedouro, mercê da imediata e proterva interferência do Osvaldo.

Meses de dissabores e ansiedades. Por fim, surge nova oportunidade de emprego para o Albino. Entraria de sócio de uma firma em formação, sempre no ramo da vinicultura, que era a sua especialidade. Parecia que desta vez saberia driblar o satânico irmão.

Assim pensava o Albino. Puro engano. Alberto, o organizador da nova empresa industrial, recebe, uma noite, alarmante telefonema de Osvaldo! Escute, Alberto, você vai mesmo formar sociedade com o Albino?

- Vou, sim. Por quê?

- Escute o que lhe digo, Alberto. Cinco dias após a assinatura do contrato, o Albino morrerá.

- Não é possível, Osvaldo? Como você sabe uma coisa dessas?

- Você verá. Dou-lhe minha palavra.

Não há palavra que pinte a prostração em que tombou o infeliz Albino, quando soube do trágico agouro, daquela praga diabólica do irmão. Caiu de cama e não pode falar. Foi a muito custo que Rosália conseguiu arrancar-lhe o motivo de tamanha depressão moral...

- Não seja bobo, Albino. Não fale e nem pense em tal bobagem. Morrer agora você, jovem e forte, com saúde pra vender? Largue mão da tolice, Albino. Vamos criar coragem.

A lição enérgica da mulher trouxe um pouco de alívio àquele combalido coração. Mas durou poucos dias este alívio. Sim, por que, uma semana depois, os irmãos lhe anunciaram que pelo fim do ano, não receberia, como fora prometido, os cem mil cruzeiros de dividendos que lhe cabiam. Receberia apenas a metade.

Foi o golpe mortal. Daquele dia em diante, o estado moral de Albino tornou-se cada vez delicado, preocupante.

Uma noite, acordou a esposa:

- Estou sentindo forte dor no lado esquerdo e falta de ar.

Rosália não se amedrontou. Considerou o caso de pouco importância. Um mau jeito. Levantou-se para agarrar o vidro de

álcool. Naquilo Albino queixou-se outra vez, num gemido.

- Albino! - gritou a mulher.

Ele não respondeu. Tomou-lhe o pulso. Parado. Estava parado.

- Albino! Meu Deus, será possível?! Albino morreu!

Eram duas horas da madrugada do dia dez de janeiro precisamente no quinto dia após a data da fundação da sociedade industrial dirigida por Alberto.

Rosália, naquele momento de suprema dor lembrou-se das palavras do cunhado: Miserável! Ele tem parte com o demônio - exclamou. - Matou meu marido. Atirou-me na desgraça, a mim e meus filhos!... Mas Deus sabe o que faz. Que tenha compaixão desta infeliz viúva e de seus filhos.

-0-0-0-

Viúva, com uma penca de sete filhos, todos menores. A mais velha, 18 anos, noiva; o mais novo, menino de um ano.

O que não choraram os órfãosinhos! A cidade em peso, que sabia da desgraça da família, acompanhou a dor e o luto desta mãe e de seus filhos, os pequenos sem o arrimo do pai.

Após a missa do sétimo dia, os parentes, todos os parentes, sumiram. Afastaram-se por completo da infeliz família. Só por que receavam que a viúva os abordasse para pedir dinheiro emprestado.

A morte daquele esposo e pai não representava todo o infortúnio. Este vai começar agora. Albino, desaparecido prematura e inesperadamente, não deixara os papéis em dia. O inventário, que absorveu boa soma de dinheiro, revelou surpresas pasmantes.

Além dos cinco milhões de ações na firma Antoniazzi S.A., Albino possuía, em sociedade com os irmãos, cem lotes de pinhal, cem colônias, no Estado de Santa Catarina, e dez colônias de café

no Paraná.

Pois bem, o nome de Albino não aparecia na lista dos proprietários das terras de pinheiros, e a questão do cafezal andava numa embrulhada sem fim, encontrando-se na possibilidade de não caber direito algum aos herdeiros de Albino.

As dívidas aumentavam assustadoramente. Não havia dinheiro para pagar o armazém. Impunha-se retirar os filhos do colégio, por falta de meios para manter em dia as mensalidades escolares. Devia adiar o casamento da filha. Pôr à venda o carrinho e um lote junto à residência.

Todavia, D. Rosália, por sua coragem, por sua fé, pelas clamorosas injustiças de que era vítima, pela meiguice de seus filhos, conquistara a simpatia geral. Todos lhe queriam muito e procuravam ampará-la. Desta forma, o armazém continuou fornecendo os mantimentos. O colégio manteve a matrícula dos filhos. A loja entregou o enxoval da noiva. Todos se condoíam. Todos, menos os parentes. Estes nunca mais puseram pé na modesta casinha de madeira da avenida Itália.

-0-0-0-

Osvaldo e demais membros da diretoria da Antoniazzi S.A., que mais temiam a pessoa de D. Rosália do que a de Albino em vida, deram de intensificar a campanha de perseguição contra a herdeira de cinco milhões de capital da firma. Queriam adquirir por uma bagatela todas as suas ações, enquanto os dividendos eram todos levados para o fundo de reserva.

D. Rosália reclamava seus legítimos direitos, invocando a penúria em que vivia, a braços com a trabalhadeira para sustentar sete filhos menores. Por fim, após terríveis ameaças, a diretoria resolveu conceder-lhe uma ridícula parcela de seus dividendos. Cinco mil cruzeiros reais.

A todos as assembleias da sociedade, D. Rosália comparecia para advogar seus direitos. Não adiantava.

Encontrava-se diante de corações de pedra, insensíveis diante do desespero e da desgraça que rondavam a família.

Um dia, durante o almoço, teve uma ideia, uma ideia genial. Parecia ouvir uma voz que dizia: Arma-te do rabo-de-tatu e enfrenta aqueles malvados. Vai, de chicote em punho, e quebra a cara daqueles prepotentes.

A voz continuou a martelar-lhe a cabeça, sem parar. Lutou por afastar o pensamento. Mas ele voltava, voltava sempre, com pertinaz insistência, azucrinando-a, sem dar-lhe o menor sossego: Vai Rosália, e quebra-lhes a cara.

Não encontrou outra solução mais viável. Viu-se obrigada a se transformar na Judite da Bíblia, a viúva de Manassés. Como Judite, no dia da reunião da assembleia, orou: Senhor Deus, dai-me força neste momento. Pediu também a proteção de Santo Antônio. Colocou o chicote de couro dentro da bolsa e rumou para o edifício da empresa, acompanhada pelo filho Gabriel, de 12 anos.

Durante a sessão, a diretoria tratou de vários assuntos. No final, chamaram D. Rosália para assinar um documento. Era o meio de se livrarem das importunas reclamações daquela indesejável acionista, que agora assinaria a renúncia de todos os dividendos.

Era só que faltava. A viúva não se conteve. Perdeu a calma. Num assomo insopitado de ira, atirou-lhes na cara toda a sopitosa revolta que a sacudia. Depois, chamou o filho para perto da mesa e falou-lhe vivamente assim:

- Meu filho, tu como homem, ocuparás o lugar do falecido pai. Hoje tu vais aprender a viver. Se quiseres triunfar na vida, se quiseres ser alguém na sociedade moderna aprende esta grande lição: Tu deves roubar. Roubar o mais que puderes. Roubar sem parar. Roubar de todos. E se encontrares uma viúva com sete filhos menores, tombada na miséria, rouba ainda o que lhe resta. Meu filho, já sabes, é só roubando que te tornarás grande. Ouviste

bem?

Gabriel, fortemente impressionado, julgava que a mãe havia enlouquecido. Os membros da diretoria entreolhavam-se e sorriam, com um aceno de cabeça, como quem diz: Coitada, já está louca!

Em seguida, D. Rosália despiu o casacão, que depositou sobre a cadeira. Abriu a bolsa e dela sacou a rabo-de-tatu. Aproximou-se do cunhado, que estava escrevendo ou fingindo de escrever, e vibrou-lhe a mais violenta chicotada na cabeça, atingindo-lhe a orelha direita e o rosto, que ficou marcado de cima a baixo. Aplicou-lhe mais três valentes chibatadas, fazendo o mesmo para os demais membros do conselho, que empunhavam o revólver.

- E não me toquem! - berrava a terrível mulher, enquanto com invulgar habilidade, pegava de surpresa a cara dos severos figurões. Fingia que vergastava a um, que se esquivava, e o azorrague estalava na face do outro. Depois, virou o chicote e com a argola continuou a distribuir os mais terríveis golpes, procurando sempre alvejar a cara ou a cabeça. Depois, voltando-se para o filho:

- E agora, meu filho, escuta o que te digo: Se quiseres seguir o exemplo destes ladrões, se na vida tocares naquilo que não te pertence, se oprimires viúvas e órfãos, eis o que te acontecerá: Sofrerás a suprema vergonha por que agora passa esta corja de ladrões, o vexame de apanhar em público de uma mulher. Para que isto não te aconteça, jamais toques nas coisas alheias, mesmo que vejas aura em tua frente. Jamais.

E, dirigindo-se à mesa:

- E vocês fiquem sabendo que se na próxima reunião, daqui a quinze dias, não me derem uma mesada para eu poder viver e educar meus filhos, eu aqui estarei de novo, não já com um rabo-de-tatu, mas com essa arma que vocês têm na mão, e

fulminarei a todos, um depois do outro. E passem muito bem.

-0-0-0-

No mesmo dia, toda a cidade comentava e aplaudia, entre gargalhadas gostosas, o fantástico baile em ritmo de samba, ao som harmonioso de um rabo-de-tatu, no salão de reuniões da Antoniazzi S.A.

Choveram parabéns de todos os lados à nova Judite que enfrentara, valorosamente Holofernes e seu exército. A casa da viúva encheu-se de pessoas que a felicitavam calorosamente, declarando:

- Muito bem, D. Rosália. Bem feito para estes tubarões sem alma e coração. Insensíveis diante do sofrimento de uma viúva e sete filhos menores!

Pois até que as marcas dos relhaços não desapareceram do rosto dos cinco membros da diretoria, não houve quem visse um só deles na rua. Ninguém. Não saíram de casa, nem para o emprego.

Faltavam poucos dias para a próxima reunião, quando um inspetor da Polícia compareceu à casa da viúva. Depois de rir a valer, ao comentar aquele famoso show, transmitiu-lhe um recado do sr. Delegado para comparecer à Delegacia de Polícia.

- D. Rosália - diz-lhe então o sr. Delegado, a torcer-se de rir, - mas é verdade que a senhora até virou o chicote e bateu com o cabo?

- Olhe, sr. Delegado, no meio daquela confusão, eu até não me lembro o que fiz: Mas não garanto que não o tenha virado...

- Escute, D. Rosália, tenho aqui uma denuncia contra a senhora. Afirmam que a senhora é mulher violenta e perigosa e que prometeu matar os membros da diretoria da firma. Pense bem, D. Rosália. Veja o que vai fazer. Pense em seus filhos. Seria a pior

desgraça. Não faça isso.

- Sr. Delegado, não tenha medo. Sei o que faço, porque Deus está comigo. Nosso Senhor sempre me defendeu e me amparou. Se eu não tivesse fé em Deus, eu já teria praticado há tempo a loucura de matar não os outros mas a mim mesma, e desgraçar meus filhos. Várias vezes, sr. Delegado, me deu vontade de acabar com a vida. Deus não quis. E não será desta vez que, ele me abandona.

E prosseguindo disse D. Rosália: Eu precisei, sr. Delegado, lançar mão de tais ameaças, para não morrer de fome. Porque, sr. Delegado, eu não desejo ao pior cachorro do mundo o sofrimento e a desgraça que venho curtindo há tanto tempo. Eles mataram o meu marido, sr. Delegado, e agora querem matar a mim e a meus filhos...

O Delegado, apesar de ser pessoa habituada a ver cenas de sangue, chegou a comover-se diante das palavras dessa mulher. E refletiu: Esta pobre viúva está sendo vítima de prevaletimentos. Mas ela sabe onde tem o nariz. Defende legalmente seus direitos. É incapaz de praticar a menor injustiça. Parece até instrumento nas mãos de Deus. Vou deixar correr o marfim. Veremos então outro show maravilhoso...

-0-0-0-

Sem apoio da Polícia, Osvaldo e seus companheiros careciam agora defender-se com as próprias mãos. Resolveram contratar dois possantes negros para guardar a entrada do edifício e impedir a passagem da terrível mulher. Mas os convidados não aceitaram, nem a preço de ouro. O recurso foi contratar dois empregados, sob ameaça de serem despedidos, caso deixassem passar a mulher.

Pois no dia 15, D. Rosália colocou na bolsa o rabo-de-tatu e o revólver, um velho e grande trabuco 44 da Brigada Militar. E dirigiu-se para o edifício das reuniões. Notou, ao chegar, a

presença dos dois guardas. Parou. Abriu a bolsa. Retirou o chicote que suspendeu pela alça no pulso do braço direito. Os guardas tremiam, brancos de pavor. Ela avançou, deu-lhes a mão: Bom dia, bom dia.

Entrou triunfalmente, topando logo com o vice-presidente, a quem falou:

- Aqui estou eu, sr. Antônio. Aqui está o meu trabuco. E se agora vocês não fizerem justiça, passarão todos a bala.

Nisto chega o gerente. D. Rosália volta-se para ele, de arma em punho.

- Não tenho medo de morrer - exclama Osvaldo.

- Pois é. Não tens medo de morrer, porque nem o demônio te quer no inferno. Já três vezes estiveste à morte, e o diabo não te quis. Tu és um ladrão, um assassino, um grandessíssimo assassino, um fraticida, opressor de viúvas e órfãos. Miserável! Eu não te mato porque não vales uma bala. E fica sabendo que a maldição do céu caíra sobre os opressores das viúvas e dos órfãos.

O escatológico sermão prosseguiu nesta tonalidade por mais quinze minutos. A voz estentórea ecoava na sala. Ninguém ousou retrucar. Passados alguns minutos de silêncio, serenados os espíritos, a sessão prosseguiu com calma.

Ficou então resolvido que D. Rosália receberia 6% dos dividendos a que fazia jus, de acordo com o seu capital. Representava cerca de treze mil cruzeiros mensais.

Foi na realidade um triunfo, apesar de andar ainda longe a vitória completa. Aquela importância, naquela época, desafogava o aperto da família. Poderia enfrentar as despesas ordinárias e saldar alguma continha atrasada. Mas como pagar as grandes dívidas? Dívidas que somavam centenas de milhares de cruzeiros. Dívidas no armazém, na loja, no colégio. Dívidas com o advogado... Como fazer face a novou gastos? E o enxoval da

segunda filha, em vésperas de noivado?

Se, ao menos, pudesse vender parte de suas ações. Mas a firma, a esta altura, andava desacreditada. Empréstimos naquele tempo? Quantas vezes tentara obtê-los! Sempre inutilmente. É verdade que nas horas mais angustiantes, havia sempre um padrinho. Lá vinha Santo Antônio com graças extraordinária.

-0-0-0-

Pois as coisas andavam neste pé, quando D. Rosália foi a Porto Alegre. Valeu-se da oportunidade para visitar a igreja de Santo Antônio do Partenon, que gozava de fama em assunto de milagres.

Foi. Entrou na igreja. Ajoelhou-se diante do altar de Santo Antônio, o terço na mão. Era um terço bento pelo Padre Pio, o capuchinho estigmatizado de S. Giovanni Rotondo.

Estava lá rezando, quando, de repente, distraído-se, limpa uma unha com a cruzinha do rosário. A seguir implorou: Santo Antônio, valei-me outra vez. Tirai-me dos ombros esta cruz tão pesada. Vinde em meu auxílio. Tende compaixão desta viúva e de seus filhos.

Vai senão quando, em meio da prece, ouve uma voz, voz clara, distinta, inconfundível, que diz: A tua cruz ficará aqui.

Impressionada, aturdida, olha em derredor. Ninguém. Ela sozinha na amplidão daquele majestoso templo.

Continua a reza, o terço na mão. De repente, por acaso, observa que a cruz do rosário havia desaparecido. Busca pelo chão. Procura. Procura. Nada. Mas a cruzinha estava aqui agora - diz ela. - Limpei a unha com ela há bem pouco. Não pode ser.

O fato é que, a cruzinha daquele rosário nunca mais apareceu. D. Rosália guarda até hoje aquele terço sem a cruz, tal qual o trouxe de Porto Alegre, saindo da igreja matriz de Santo Antônio.

Relacionando entre si os dois misteriosos acontecimentos - o desaparecimento da cruzinha do rosário e a voz que dizia “a tua cruz ficar aqui” - a viúva chegou à conclusão de que aquele poderia ser um fato simbólico. Quem sabe - pensava - que Santo Antônio, desta vez, me liberte realmente do peso da minha cruz. Vamos aguardar.

Volvida uma semana, um velho e pobre casal de vizinhos intimado a comparecer ante o Promotor de Justiça a fim de responder por dois netos ao seu cuidado os quais recusam pagar uma conta ao alfaiate, implorou o amparo de D. Rosália.

A viúva, acompanhando o casal, na Promotoria, ouviu longas considerações acerca dos deveres dos tutores. Que eles devem dedicar 10% da herança para a honesta manutenção e indispensável instrução dos menores...

D. Rosália, muito atenta as palavras do Promotor, tinha impressão de que falava para ela. No final, a viúva expôs o seu caso. O Promotor ficou pasmado:

- E a senhora ainda não tomou providências? - perguntou ele. - Pois a senhora deve exigir o que lhe toca de justiça, para si e seus filhos. Isto é dez por cento dos dividendos de todo o seu capital. A senhora deve agir imediatamente.

E o Promotor indicou o caminho curto e reto para a solução do caso.

Mas era mister muito dinheiro para mover a questão judicial. Cerca de 300 mil cruzeiros, naquele tempo. Longas semanas e longos meses de preces, de promessas, de pedidos de empréstimos, de tentativas de vendas de seus lotes.

No dia 13 de junho, festa de Santo Antônio, D. Rosália recebeu a visita do Pe. Paulo, conterrâneo e companheiro de infância, residente em Lagoa Vermelha. Relatou ao visitante a sua longa e dolorosa história. Por fim solicitou o favor de obter-lhe entre os fazendeiros o empréstimo de 50 mil cruzeiros até o dia três e

mais trezentos mil depois, oferecendo bom juro sob a hipoteca de um terreno no centro da cidade de Caxias do Sul, no valor de 500 mil cruzeiros.

O Pe. Paulo, falando com seu amigo Antônio Dal Molin, madeireiro e pecuarista, soube que este desejava transferir-se para Caxias do Sul, precisando para tanto adquirir uma casa ou um lote.

Ao cabo de trinta dias de tratativas, precisamente no dia 13 de julho, ajeitou-se o negócio da venda do lote. Como sinal de contrato, a viúva recebeu 50 mil cruzeiros, que no mesmo dia entregou a um credor. Este, que já contava com o terreno da hipoteca, relutou em receber a soma.

Uma semana depois, Antônio Dal Molin efetuava o pagamento da segunda prestação, no valor de 1.500 cruzeiros.

No mês seguinte, mais trezentos mil da terceira prestação.

A seguir apareceu um interessado no aluguel da casa onde morava a viúva. Ela, na certeza de que a pessoa não aceitaria a alta proposta, pediu sete mil cruzeiros mensais pelo aluguel.

- Negócio feito, por três anos - foi a resposta.

D. Rosália caiu das nuvens e corrigiu:

- Mas os preços dos aluguéis vão subindo sempre...

- Pois a cada ano lhe daremos um aumento de dez por cento.

- Mas eu não tenho onde morar.

- Eu vou ajeitar-lhe um construtor que em pouco tempo lhe dará pronta uma casa aqui nos fundos do lote. Isto em troca do lote da fábrica.

- Está bem - disse D. Rosália - enquanto isso posso morar no porão.

Entretanto, o construtor não permitiu que ficasse morando

no porão. Cedeu-lhe gratuitamente uma casa até a entrega da nova.

-0-0-0-

Agora Osvaldo soube das intenções da cunhada de processar a firma, e prometeu cortar-lhe a mesada, caso executasse o plano. Visto como a situação financeira da viúva passara a sorrir, D. Rosália pode contemporizar o processo. As coisas iam melhorando a olhos vistos. Casou a segunda filha. No dia 13 de dezembro sempre o dia de Santo Antônio, o Pe. Paulo benzeu-lhe a casa.

Filha de farmacêutico, irmã de médicos, desde jovem D. Rosália lidou com doentes e remédios. Começou agora a preparar um chá de nove ervas, que denominou "chá de Santo Antônio":

Distribuía-o aos que sofriam de estômago, fígado, intestinos... Parecia um chá milagroso. Curava todo mundo. Os clientes pagavam o que bem entendessem. O fato é que D. Rosália ganhou cinco mil cruzeiros no primeiro mês, oito no segundo, doze no terceiro, dezoito no quarto, vinte e cinco no quinto...

Aos poucos, os juízes da cidade favoráveis à firma Antoniazzi, os quais podiam opor-se ao bom andamento do processo, foram transferidos. Um excelente advogado de Porto Alegre prontificou-se a tomar conta da demanda, sem cobrar nada. Encerrada a questão, D. Rosália pagaria as despesas e mais o que bem entendesse.

O caso dos pinheiros do Estado de Santa Catarina foi se elucidando. Destrinchou-se e o sr. Antônio Dal Molin acabou comprando a metade deles.

Por fim, no dia 10 de janeiro, Osvaldo veio a falecer, repentinamente. No enterro, as pessoas amigas diziam:

- D. Rosália, não sabemos se temos de dar-lhe pêsames ou parabéns.

- Olhem - respondia - se o Osvaldo necessita do meu perdão para entrar no céu, ele já está no céu.

Na missa de sétimo dia, houve apenas uma pessoa que se acercou da mesa da Eucaristia. Era D. Rosália, que oferecia a sagrada comunhão por alma do cunhado.

Osvaldo morreu sem deixar filhos. Aos sobrinhos, filhos de Rosália, tocou boa parte da fabulosa herança.

Daí por diante a Antoniazzi S.A. equilibrou-se. Prosperou. Duplicou o capital e aumentou os dividendos.

Finalmente, no dia da extração da rifa dum automóvel Sinca Chambord, D. Rosália sentiu irresistível vontade de adquirir um número, na plena convicção de ser premiada. Parecia uma tentação, a que procurou resistir. Não conseguiu. Deu-lhe até palpite no número 57. Fez questão de assinar o talão, deixando o número do telefone, para que lhe anunciassem que fora premiada.

E foi assim que Santo Antônio presenteou mais uma vez a sua devota, dando-lhe agora um carro bem maior, de acordo com as novas exigências da família.

Comovida até às lágrimas, D. Rosália desmanchava-se agora em atos de gratidão a Deus e a Santo Antônio. Pagou inúmeras promessas. Mandou celebrar missas de ação de graças e resolveu dedicar o resto da vida à prática do bem, como hino de eterno reconhecimento.

-0-0-0-

9-O ANJO BRANCO

A estreia jurídica de Ricardo foi um triunfo. Retumbante sucesso, confirmando cabalmente o futuro brilhante que prediziam acerca do talentoso rapaz. Inteligência perspicacíssima, destacou-se durante os estudos, conquistando a simpatia geral e transformando-se num líder.

A cidade inteira comentava agora o estonteante resultado daquele júri. O réu, defendido pelo jovem causídico, fora absolvido por unanimidade. Os demais advogados, alguns de consagrado renome, encanecidos nas lides forenses, esbugalharam os olhos, espantadíssimos. O rapazola dava estupefacientes lições de oratória em tribuna judiciária. Que voz maviosa! Que mímica insinuante, sedutora, perfeita! Olhos de veludo, acariciando na súplica, e olhos de fogo, fulminando relâmpagos na acusação.

E a estrela de Ricardo deu de brilhar com crescente fulgor, levando-o de triunfo em triunfo, com espantosa facilidade. Ganhando rios de dinheiro, frequentando os clubes mais elegantes, participando de festas pomposas, a pasmante revelação tribunícia guindara-se ao pináculo da glória, na conquista dos primeiros lugares em todas as rodas da sociedade local.

Solteiro, bonito, simpático, transformou-se em ídolo da mocidade feminina, que o cortejava como um príncipe. Boêmio desde o tempo dos estudos, atirava-se agora es mais extravagantes aventuras.

Um dia, enamorou-se por Viviane Casagrande, uma encantadora garota de candura angélica, recém-saída do internato em colégio de freiras. Apesar de sua vida desregrada e de sua irreligiosidade, acomodou-se aos piedosos sentimentos da namorada, acabando, ao cabo de seis meses por noivar, para, pouco depois, casar civil e religiosamente.

Continuou respeitando as convicções da esposa, deixando-lhe total liberdade na prática da religião. Mas que ela não lhe falasse em igreja, em missa, em rezas, em padres e freiras. Principalmente em padres e freiras. Odiava essa tenebrosa espécie de gente, como ele dizia. Inimigos da sociedade e do progresso, pregadores da liberdade das consciências, subjugadores de almas...

A esposa sofria com as ideias materialistas do marido. Mas não podia abrir a boca. Nem falar. Já fizera experiência. Limitava-se a suportar resignada, rezando com ardoroso fervor pela sua conversão.

Um dia o Dr. Ricardo adoeceu gravemente. Encontrava-se às portas da morte. D. Vicente propôs a visita do sacerdote, que ele recusou terminantemente, blasfemando, espumando ódio contra Deus, que o castigava tão rudemente.

Afinal restabeleceu-se. Retomou a vida profissional, sempre mais triunfante. Sua fama de advogado invencível, que jamais perdia causa por mais difícil que se apresentasse, espalhou-se pelas cidades vizinhas, atingindo a própria Capital do Estado.

-0-0-0-

Uma ocasião, dois senhores compareceram em sua casa, convidando-o para advogado de defesa num dos mais momentosos processos dos últimos anos. Eram duas famílias da alta sociedade de Porto Alegre, dispostas a dispensar milhões em favor de sua causa.

Ricardo viu uma excelente oportunidade de exibir suas qualidades à população da Capital do Estado, onde atuaria pela primeira vez. Extremamente ambicioso, sentindo-se envaidecido com o convite, não hesitou. Aceitou de pronto, sem pestanejar, sabendo embora que deveria enfrentar dois temíveis adversários, renomados tribunos forenses do Rio de Janeiro, então Capital da

República.

Não, não era ele tolo para deixar escapar a primeira ocasião de se impor à admiração do grande mundo gaúcho e criar asas para elevar-se bem alto, alcandorando-se no pico da glória nacional. Era chegado enfim o momento decisivo de mostrar ao público forense de Capital do Estado o seu portentoso talento, a sua fabulosa tarimba de advogado que desconhece derrota.

Levou meses preparando a monumental defesa. Processo apaixonante e escabroso de ambos os lados. Esta circunstância enchia o Dr. Ricardo de orgulho e contentamento. Quanto mais dura a batalha, mais clamorosa fulgirá a vitória.

-0-0-0-

Em vésperas do memorável debate jurídico, Ricardo estivera em São Paulo. Retornava agora seguindo diretamente para a Capital dos Pampas. O mês de julho decorria extremamente frio e proceloso no sul do País. O inverno mais rigoroso dos dez últimos anos. A espessa camada de neve, que então vestiu de branco o nordeste gaúcho e o sudeste catarinense, levou quinze dias para se derreter totalmente.

O avião, que trazia o jovem advogado, veio de Curitiba sob violenta trepidação, sempre em meio a denso nevoeiro, sacudido por trovões soturnos. Durante duas horas sobrevoou a Capital do Estado do Paraná tentando aterrissagem. Alguns passageiros, ao par das perigosas condições atmosféricas do sul, suspenderam o resto da viagem, receosos de grave acidente.

Ricardo não podia perder tempo. O júri era no dia seguinte. O bimotor decolou com apenas cinco passageiros abordo, dois tripulantes e a aeromoça. Veio voando em meio de nuvens negras, truculentas, pejudas de raios e cuspidos relâmpagos. Selvagem ventania soprando sem jeito de parar. O letreiro luminoso sempre aceso, com os dizeres: Use o cinto e não fume.

O aparelho tentou em vão alcançar a pista do aeroporto de

Florianópolis, que se encontrava interditado, envolto em densa neblina. Por mais de uma hora o avião roncou lá no alto, girando, girando. De repente, encontrando enorme vácuo de ar, o aparelho despenca-se num violento safanão, fazendo voar em seu bojo todos os pacotes dos passageiros. Estes, amarrados aos cintos, sentiram aquele tremendo impulso para cima, enquanto eram arrastados para baixo, no abismo invisível, no meio da procela. O avião foi descendo verticalmente algumas centenas de metros. Firmou-se por instantes, para tombar logo após e equilibrar-se, prosseguindo sua rota rumo sul.

Todos os ocupantes do bimotor vinham convencidos da iminência da hora fatal do desastre. Todos rezavam. Todos menos o Dr. Ricardo, que já perdera a fé. Sentiu vontade de rezar. Pensou na esposa: Talvez ela esteja rezando por mim.

O avião tentou debalde pousar em Tubarão, em Lages e Vacaria. E rumou para Porto Alegre. Ao atingir a altura da serra do rio das Antas, a tormenta desatou-se rugidora, envolvendo e arrebatando o aeroplano nas fúrias eólicas como folha de papel, precipitando-o, em seguida, contra o solo montanhoso, a duzentos metros da casa de uma família de agricultores.

Os bons colonos estavam no paiol desfolhando milho, cantando canções italianas. Ouviram aquele estrondo horrível. Saíram alarmados. Viram logo o aparelho sinistrado. Correram para ele. Removeram destroços. Retiraram as vítimas, todas mutiladas, sem vida.

Súbito, notam que o pulso de um dos passageiros ainda batia. Jazia inconsciente, com fraturas dos braços, o rosto sangrando. Transportaram-no para casa, onde o medicaram do melhor modo possível. Retiraram do bolso a carteira de identidade. Leram: Ricardo Vasconcelos, advogado.

Foi o único sobrevivente. Da cidade vizinha de Caxias do Sul, avisada, chegou uma ambulância, que o transportou para o Hospital Pompéia. Além de fratura dos dois braços, vinha com

graves lesões internas. O seu estado de saúde apresentava-se melindroso e preocupava os médicos.

-0-0-0-

Quando Ricardo deu acordo de si no quarto do hospital, deparou com um rosto lindo e sorridente de uma freirinha, toda vestida de branco, que lhe falava meigamente. Aquele anjo branco mostrou-se interessado pela saúde daquela vítima do acidente aéreo, como se ele fosse um seu irmão, fato que emocionou vivamente o enfermo.

Aos poucos, Ricardo foi se dando conta da verdadeira situação em que se encontrava. Lembrou-se logo da sessão do júri. Àquela hora, devia ele encontrar-se em Porto Alegre advogando apaixonante a causa, num inesquecível processo que o tornaria famoso em toda a metrópole gaúcha.

Agora, no momento exato do sensacional prélio judiciário, no instante decisivo de galgar o pedestal da glória, recebe ele de chofre aquela cruel vergasta dos fados, matando no nascedouro o tão acalentado triunfo. Ricardo revoltou-se. Revoltou-se contra Deus. Violentamente. Sanhuda procela rugiu dentro daquele coração de ímpio, espumando ódio satânico. Bramante revolta de um materialista! A mais bárbara e furibunda contra os céus!

Imóvel, cravado no leito de dores, brutalmente mordiscado de raiva, parecia uma fera em jaula, faminta, sem poder abocanhar apetitosa ração exalando perfume ali, a um metro, fora das grades da prisão. Não esboçava um sorriso para ninguém. Para ninguém? Minto. O tigre se acalmava como cordeirinho e sorria ao sorriso insinuante da irmãzinha, a encantadora freirinha que ele vira diante de si quando acordou da inconsciência em que prostrara o mortal acidente.

Ricardo odiava padres e freiras. Mas ele mesmo se admirava da sua inexplicável simpatia por aquela freirinha da congregação de São José, a Irmã Dulce Maria. Jovem, linda,

rostinho oval, de acetinada tez muito clara, olhos grandes, castanhos e cintilantes, cílios e sobrancelhas negras, num contraste a realçar a celestial formosura. Dentadura alvíssima e perfeita. E um sorriso à flor da boca pequena e graciosa. O lábio superior vinha naturalmente, suavemente, perenemente, arregaçado, sorrindo, sempre sorrindo. Nunca ninguém vira jamais poema de tamanha sedução cantando em rosto de mulher.

-0-0-0-

Já em criança a todos encantava a divinal beleza do seu semblante angélico. Aos 15 anos, mocinha feita, quando os requintes da graça e da formosura floresciam num deslumbramento infinito, quando sua expansiva alacridade e fascinante simpatia atraíam os olhares de todos, a garota disse adeus ao mundo e suas vaidades, para fechada entre as quatro paredes do convento, abraçar-se com o Divino Esposo das Virgens.

Na congregação religiosa, completou os estudos, emitiu os votos, diplomou-se enfermeira e farmacêutica, entregando-se, a seguir, à vocação a que Deus a destinava - no ambiente sombrio dos hospitais, derramar nas feridas do corpo e da alma o suave lenitivo do bem.

Os singulares atrativos físicos refletiam a beleza, a candura, a generosidade, a grandiosidade e tantas outras virtudes que primorosamente exornavam a alma daquela eleita do Senhor. Dir-se-ia um anjo vindo à terra para alívio dos que sofrem. Um encantador anjo branco cujo ideal, cujo prazer, cuja felicidade, era tornar felizes a todos quantos dela se aproximavam.

Quando, em seu imenso hábito branco, branco com a alvura de sua alma, penetrava no quarto frio do enfermo, o sorriso cantando nos lábios de carmim, os olhos de cristal brilhando como rubis, o poema da beleza do rosto clareando como o sol, - as dores desapareciam como por encanto.

Um bem-estar físico e moral inundava então a alma sofredora. As sombras da tristeza se desfaziam batidas por intenso clarão. Os miasmas infetos das horrídas pústulas sumiam-se, diante da suavidade dulcíssima de um frasco de perfume inebriante, derramado à flux. A garganta em febre, sitibunda, sorvia em largos haustos o licor gelado do refrigério.

O ambiente gélido de cruel inverno transformava-se em primavera em flor, à bênção cálida do coração em fogo. O ânimo prostrado em desespero pela tormenta atroz, ressurgia alegre, sorrindo, entoando jubilosos cânticos. Maravilhosas flores brotavam logo em tropel pelo soalho e passarinhos, pousando em bando no beiral da janela, cantavam lépidos a canção da felicidade.

Mas o festival das almas superava sempre a orgia do corpo exangue. O espírito sucumbido sentia verdadeira volúpia com a presença da irmãzinha. Sua voz de mel entoava, com música do céu, ao coração desesperado, o cântico sublime do Consolador dos aflitos: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados". "Vós que andais afadigados, vós que gemeis sob o peso de fardo pesado, vinde todos a mim. Eu vos aliviarei". "Tomai o meu jugo sobre vós, aprendei de mim que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu peso é leve".

Aos infelizes, cuja estrela da fé se apagara, andando perdidos pelas estradas da vida, sem rumo certo, repetia com doce acento de voz o admirável estribilho divino: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".

-0-0-0-

O melindroso estado físico e moral de Ricardo reclamava a presença constante da freirinha, toda solicitude, toda carinho, toda diplomacia.

- Doutor, sabe por que o senhor não pereceu naquele

desastre? É por que Deus lhe quer muito. É por causa da sua santa esposa, que ficou rezando pelo senhor quando viajava. É por que o senhor é um grande homem e possui importante missão a realizar.

Todas as religiosas e serventes do hospital faziam novenas para converter e salvar aquele preclaro enfermo. A Ir. Dulce Maria lançava mão de todos os expedientes ao seu alcance. Chegava a colocar sob o travesseiro do doente, enquanto dormia, relíquias de santos, relíquias da Madre Justina Inês, do Padre Réus.

E, quando o Dr. Ricardo já fora de perigo e apto às leituras, a freirinha ofereceu-lhe o livro "Confetor" de Paulo Setúbal.

- Doutor, trago-lhe este livro. É a autobiografia de um grande advogado como o senhor. A vida dele é muito semelhante com a sua. Não quer ler?

- Quaro, sim, meu querido anjo branco. Por que não?

Principiou a leitura. Atraiu-o logo o estilo brilhante do autor. Encantou-se com a veemência e convicção com que o escritor narrava os fatos. Empolgou-se pela encantadora e impressionante história de sua conversão prodigiosa. Havia momentos, durante a leitura, em que chegava a derramar copiosas lágrimas, feito criança.

Às vezes, cansado e fraco, pedia à esposa que lhe lesse alguns capítulos. D. Viviane encontrava-se ali auxiliando o trabalho exaustivo e difícil da freirinha.

Era bem verdade - confirmava ele - a existência daquele notável escritor, a vida agitada daquele ímpio que se converteu, daquele advogado famoso, era o retrato de sua própria vida.

A freira deu-lhe depois outros livros, como as "Confissões" de Santo Agostinho;" A vida de Charles Foucauld", de René Bazin; "A Psicologia da Fé", de Leonel França; "O Drama do Ateísmo" e "Os Problemas da Vida", de Fulton Sheen, e, finalmente, o maior de todos os livros - o Santo Evangelho.

A leitura destes livros transformou a alma e coração de Ricardo. Reconheceu que ele andava caminhando por estrada oposta àquela que é “O caminho, a verdade e a vida”. Reconheceu que existe um jugo mais suave do que aquele que impõe a impiedade, o gozo, o materialismo. Convenceu-se de que Deus não é nenhum tirano, que é um pai, o melhor de todos os pais. Reconheceu que o sofrimento é dádiva do céu...

Ele mesmo, sem que a freirinha ou a esposa sugerissem ou aconselhassem, ele mesmo pediu a presença do capelão do hospital, com o qual - dizia - necessitava expor uns problemas e dirimir dúvidas. Passou várias horas conversando com o sacerdote, que, por fim, diante da confissão do penitente, deu-lhe a absolvição.

No dia seguinte, fez um esforço e levantou-se. Foi à capela para comungar ao lado da esposa. As freirinhas haviam enfeitado profusamente a capela e sobretudo o altar.

Durante toda a missa, as freirinhas entoaram os mais lindos cânticos. Era um hino de gratidão, um hino de ação de graças, pela conversão daquele extraordinário causídico. Ricardo chorava, chorava a esposa, chorava a Ir. Dulce Maria.

-0-0-0-

Ao cabo de um mês, completamente restabelecido, o Dr. Ricardo voltou à atividade profissional. Realizou-se então a sessão do júri em Porto Alegre que fora adiada. Durante a longa e monumental defesa, descreveu pateticamente o pavoroso desastre aéreo, do qual se salvara por milagre. Contou o drama comovente da sua conversão. Narrou, com lágrimas nos olhos e na voz, como fora levado até Deus pela mão virginal e santa de uma obscura freirinha de hospital.

Hoje, enquanto a Ir. Dulce Maria, superiora de outra casa de saúde muito importante, continua conduzindo almas para Deus. O Dr. Ricardo empolga as multidões, transformando a tribuna

forense em púlpito da verdade, do amor, da justiça, a palavra inflamada cortando o dragão do vício e do pecado, pregando o bem e a verdade, a escada luminosa e abençoada que conduz ao céu todo o homem que vem a este mundo.

-0-0-0-

10-O PINHEIRO

Era um pinheiro belíssimo, o estípite reto, torneado a capricho, sem nenhum galho perdido a macular sua envolvente formosura. A sombrinha da copa, aiosamente aberta, redonda, no alto.

Imponente pinheiro-araucária, erguia-se ali a 150 metros da estrada, bem no topo da coxilha, como de encomenda, em missão decorativa.

Posto ali sozinho, no alto da colina, sem outro vulto arbóreo, na imensa desolação dos campos, era uma epopeia estonteante, em meio à paisagem deserta.

A coxilha, bem redonda, redonda como um seio, romanticamente revestida pelo veludo verde da grama nativa.

Não havia passante que não se empolgasse diante daquele poema bucólico, diante daquele atordoante deleite, daquele pinheiro solitário, sozinho no régio isolamento, derramando poesia na amplidão da campina, esbanjando emoção.

-0-0-0-

Fora plantado ali, certamente, por uma gralha azul, quem sabe há quantos anos, cem talvez. A ave, obedecendo a um instinto natural, enterrara ali o pinhão, para comê-lo um dia, depois da safra.

Mas esqueceu o lugar. O pinhão, passado o inverno, germinou. O pinheirinho cresceu humilde, escondido no meio da grama, para, aos poucos, transformar-se num lírico ornamento da paisagem, daquela paisagem órfã de vegetação arbórea.

Abençoado esquecimento! Providencial esquecimento! Prodigioso capricho da natureza! A gralha, esquecendo o local do esconderijo, cumpria uma nobre missão em benefício de centenas

de outras gralhas, suas descendentes remotas de futuras gerações.

Acontece que por trás da coxilha, longe, negrejava um viçoso capão, dominado por altos pinheiros, fazendo sombra a um olho d'água cristalina e refrescante.

Era ali, ao redor daquela edênica fonte, no chão limpinho, sobre um tapete de folhas secas, que o caçador, vindo um busca de água, costumava descansar.

Pois daqueles pinheiros, durante a primavera, partia, voando nas asas do vento, o pólen fecundante, que fazia frutificar o solitário pinheiro, no alto da coxilha, à beira da estrada.

Então, no inverno, era aquela fartura de pinhão. Um pinhão enorme, de meio palmo de comprimento. Agora, as gralhas, aos pares, fazendo algazarra, vinham se banquetear nos galhos do pinheiro, plantado há tantos anos por outra gralha azul. Pra ver, no que deu aquele esquecimento.

Gralhas vinham aos pares, poucas; mas os papagaios chegavam em bando. Devoravam o pinhão, debulhavam a pinha, deixando cair punhados de pinhões, para um pequeno rebanho de bovinos, que todas as tardes se congregavam ali, ao redor do tronco, aproveitando a substanciosa ração.

-0-0-0-

A estrada, de ambos os sentidos, corria reta, bem na direção do pinheiro, antes de formar a curva que contornava a coxilha.

Então, qualquer transeunte, mesmo o mais insensível, mesmo sem querer, recebia nos olhos aquele tremendo chicoteço de luz, que era uma mensagem de otimismo, de beleza, da poesia.

Uma tarde, eu retornava para casa rumo do poente. Vinha cansado, entediado e adoentado. O sol descambava fulgurante por trás dos coxilhões, incendiando o horizonte.

O pinheiro, naquele momento, recortava-se romântico, sublime, como uma cruz em T, contra o ocaso em chamas, num espetáculo apoteótico que me transformou espiritualmente, deixando-me num maravilhoso estado de hígidez.

Quis, então, levar uma recordação daquele instante de bem-estar supremo e de soberba majestade. Estacionei o carro e colhi, numa foto colorida, aquela emocionante epopeia de esplendor.

Em seguida, observo que um lindo carro azul, com placa de Rio de Janeiro, estaciona ali no acostamento. Dele salta, festivo e radiante, um jovem casal. O marido, de filmadora em punho, coloca a esposa em cena, contra aquele fundo esplêndido. Faz rodar a máquina e grava um emocionante capítulo da história de sua viagem de lua-de-mel.

Outros passantes, muitos passantes, diante daquela irresistível fascinação, paravam a beira do caminho, para fotografar ou filmar o impressionante espetáculo daquele monumento da natureza.

-0-0-0-

Aquela maravilha da natureza merecia continuar ali a deleitar os olhos cansados dos transeuntes, com sua régia presença no meio da desolação da campina. Todos, mas sobretudo o proprietário da fazenda, deveriam zelar com carinho pela conservação daquele inédito enfeite da paisagem, que tanto comovia os viajantes da BR-285, nos campos gaúchos de Cima da Serra.

Entretanto, um dia, passando por lá, senti no peito uma tremenda coraçoadada. O lindo pinheiro solitário havia desaparecido. Desaparecera da noite para o dia, misteriosamente, aquele incomparável quadro bucólico, que tão pitorescamente engalanava as margens da rodovia deserta, com sua majestosa presença no alto da coxilha.

Agora, sempre que passo por lá, densa tristeza toma conta de mim, ao contemplar a coxilha nua, tragicamente despida de sua finíssima joia. A indignação, a revolta, ruge dentro de mim, contra o crime praticado. Uma raiva terrível contra o autor de tamanha maldade...

-0-0-0-

Numa de minhas viagens ulteriores, cruzando por ali, avistei, desde o extremo da rodovia, avistei junto daquele capão, o capão do olho de água cristalina, uma casa nova, de madeira, coberta de tabuinhas.

Fiquei sabendo, ao depois, que o filho do capataz da fazenda, resolvendo casar, fora quem deitara por terra aquele enorme e lindo pinheiro, para, com sua madeira, edificar o palácio encantado do seu amor.

Com as tábuas de primeira, erguera as paredes, distendera o telhado, repartira a cozinha, a sala, os quartos. Com a madeira de segunda, fabricara a mobília, a pequena mesa da cozinha, a mesa de jantar, a cama, o guarda-roupa, o guarda-louça, os bancos, as prateleiras. Com a madeira de terceira, ainda construía um pequeno galpão, o galinheiro e o chiqueiro.

Lá está hoje o Bonifácio com a Maria, felizes, no palacete construído com a madeira do lindo pinheiro, que durante tantos anos fizera a delícia dos viajantes, erguido no topo da coxilha, como festiva saudação.

Lá fui um dia, disposto a desabafar minha revolta, despejando uma torrente de desacetos contra o Bonifácio, por haver praticado o crime de destruir o maravilhoso pinheiro.

Entretanto, vendo a felicidade do jovem casal de moradores da casinha, edificada com a madeira do majestoso pinheiro da beira da estrada, esqueci-me da ladainha de desaforos que havia preparado. Esqueci-me porque naquele instante passei a partilhar da alegria do filho do capataz da fazenda, vivendo com

sua querida Maria, no conforto macio daquele ninho quente, que ainda exalava o perfume de resina.

Pois é, plantado por uma gralha azul no topo da coxilha, depois de festejar tantos viajantes da paisagem deserta, depois de alimentar gerações de gralhas, papagaios e bovinos, depois de morto, tombado no seu campo de luta, cumpria outra bela missão, dando abrigo carinhoso ao jovem casal e, daqui a alguns anos, aos seus filhos.

-0-0-0-

Volvidos dois anos, no topo da coxilha deserta, que durante anos fora o verde pedestal daquele monumento vivo, que gemia ao sopro do minuano, começou a crescer um vulto arbóreo diferente. Um eucalipto.

Crescendo igualmente sozinho, sem companheiro algum, estendera galhos desordenados por todos os lados, revestindo o tronco de cima a baixo, sem outra beleza a não ser a beleza natural de todas as árvores.

Nem gralhas, nem papagaios, nem pássaro algum, vinham pousar em seus galhos. Nem bovino em busca de seus frutos.

Era uma planta exótica. Uma planta infrutífera, incapaz de substituir a nobre missão do pinheiro. Uma árvore que nenhuma gralha azul plantaria em chão brasileiro.

-0-0-0-

11-OS CHIQUITUS

Pioneiros fundadores de Lagoa, os Chiquitus moravam no Turvo, região formada pela bacia do rio do mesmo nome.

O rio nasce aqui, na quietude dos campos. Engrossa com as águas do Santa Rita, do Saltinho e do Telha. A seguir, torrencioso e rompante, precipita-se entre fragas e grotões para descambar, encachoeirado, no rio da Prata, afluente do caudaloso rio das Antas.

De águas turvas, que lhe deram o nome, foi durante longos anos o paraíso dos pescadores. Dos pescadores e dos caçadores, porque suas margens, de densa mataria, e seus campos vinham outrora fartamente povoados de aves e animais selvagens.

Os campos, primitivamente cobertos de pastagens nativas, acabaram, em grande parte, transformados em lavouras mecanizadas, de trigo, soja e trigo mourisco.

Os campos do Turvo acolheram, por volta de 1840, os primeiros povoadores de Lagoa Vermelha, atraídos pela beleza da paisagem e dos rincões. Terreno ondulado em coxilhas e coxilhões, espraiando-se em largos banhados. Paisagem lírica, enfeitada por negros capões de guamirins, sob o carinhoso acolhimento da umbela do altivo pinheiro. Ao longo das sangas, restingas de mata, ensombrando as margens aprazíveis.

Pastando nestes campos, os tropeiros paulistas encontraram rebanhos de gado bravo, de que se adonaram, domesticando-o, formando estâncias das quais se tornaram os primeiros proprietários.

-0-0-0-

Chiquitu era o apelido da família Nunes da Silva. Apelido que alguns de seus descendentes chegaram a adotar, pospondo-o

ao sobrenome de Nunes da Silva.

O patriarca, José Nunes da Silva, o Juca Chiquitu, emigrou para os campos da Vacaria ainda solteiro, procedente de Santa Maria da Boca do Monte, iniciando a vida junto com tropeiros paulistas, a tocar mulas para a feira de Sorocaba.

Casou com uma jovem vacariana, herdeira de muitas léguas de campo no Turvo. Donaciana Borges Vieira, filha de João Borges Vieira e neta de um dos fundadores de Vacaria, o lisboeta Antônio Borges Vieira, que era casado com a lagunense Teresa Rodrigues de Jesus.

Casando, tomou conta da herança da esposa. A Fazenda São José era um enorme latifúndio, de cento e dez milhões de metros quadrados de campo. Fazenda lindaça, a mais linda de toda a região do Turvo. Fartura de pastagens, de aguadas, de capões e restingas.

Limitava com a Fazenda São João, do seu cunhado, o paulista João Mariano Pimentel, audacioso tropeiro, casado com Bárbara Borges Vieira.

João Mariano explorou o rio das Antas, dando-lhe este nome, como também batizou com no nome de sua esposa o Passo de Santa Bárbara, na foz do rio Carreiro. Tornou-se famoso, sobretudo, por causa do sangrento assalto que sofreu sua família, praticado pelos índios Coroados, quando ele se encontrava tropeando para São Paulo.

No dia 5 de setembro de 1851, os indígenas, orientados por um negro conhecido pelo nome de João Grande, bateram na Fazenda São João e cometeram o mais cruel barbarismo.

A flechadas, mataram o irmão do dono da fazenda, o Serafim Mariano Pimentel. Mataram os filhos Manuel Mariano e Marcos Mariano, além de dois peões. A seguir, invadiram a casa, roubaram quanto puderam levar. Sequestraram duas filhas, a Francisca e a Perpétua, dois filhos menores, o João Mariano e o

Antônio Mariano, e mais uma escrava, deixando em paz, desmaiada, apenas D. Bárbara. Núncia, a caçula, salvou-se porque naquele dia, providencialmente, encontrava-se na Fazenda São José, do tio José Nunes da Silva Chiquitu.

-0-0-0-

A Fazenda São José limitava também com a Fazenda Sarandi da família Fogaça. Outra fazenda muito linda, conhecida também por Fazenda Velha.

Com estes vizinhos da família Fogaça, os Chiquitus não foram bem sucedidos. Sobreveio lamentável revés que acabou na morte do filho primogênito do pioneiro José Chiquitu, do mesmo nome - José Nunes da Silva Filho.

Foi o caso que na Fazenda Sarandi vivia uma criatura adorável, da família Fogaça. Uma tentação! Linda demais, com dois olhos negros, capazes de engambelar qualquer cristão.

Pois o José Chiquitu Filho caiu um dia de amores por esta mulher. Apaixonou-se perdidamente. Uma desgraça! Quando o Chiquitu, trajando vistosas bombachas franjadas, chapéu de aba larga, presa num barbicacho de borlas morrudas, lenço encarnado no pescoço e cavalgando fogoso lobuno, atravessava o capão grande, a pistola do vizinho roncou.

Foi uma espera armada a capricho. Dois balaços certos derrubaram do cavalo aquele vivente como se derruba passarinho do galho. Dias após, o corpo da vítima foi encontrado boiando no Poço Redondo do Rio Turvo.

Como naquele tempo vingança era lei, os Fogaças trataram de pôr-se ao fresco, emigrando para outros pagos. Transferindo-se para Cima da Serra, permutaram a Fazenda Sarandi com a fazenda de Ismael Nunes de Mesquita, fazendo este nesta transação excelente negócio.

E foi assim que em São Francisco de Paula teve início a grande e ilustre família Fogaça, tão ilustre que até deputado federal

deu.

E foi assim que em Lagoa Vermelha surgiu a numerosa e não menos ilustre família Mesquita, tendo mesmo alguns de seus membros arranjado casamento com as Chiquitus, seus novos vizinhos.

-0-0-0-

Maria Chiquitu, filha do patriarca José Nunes da Silva, casou em 1852 com Joaquim Antônio Fernandes, Quinzote, outro pioneiro dos campos de Lagoa Vermelha, que trouxe valiosa contribuição ao desenvolvimento da região.

Nessa família, como para não desmentir a tradição, correu sangue, com a trágica morte do próprio Quinzote, durante a Revolução Federalista de 1893. Ele que se escapara de morrer nas garras de uma onça, veio perecer nas mãos das feras humanas.

Um dia, andando a cavalo nos campos de sua fazenda no Turvo, Quinzote viu um tigre negaceando seu rebanho. Como se encontrava desarmado, resolveu laçar a onça. Bom laçador, não errou a armada.

Preso, a fera investiu contra o laçador e seu cavalo. Este, dizem que por instinto de defesa, deitou-se ao solo, para evitar que o tigre montasse a cavalo, e, montando, fugisse para longe do perigo.

Por sorte, dois cachorros da fazenda, que andavam por perto, vendo o risco que corria o seu dono, lá se foram a defendê-lo, dando começo a uma briga muito feia. A briga foi acabar no capão, perto, logo que o Quinzote despresilhou o laço dos arreios.

Escapou de morrer nas garras da fera, para vir a ser, mais tarde, degolado na então colônia de Alfredo Chaves, antigo distrito de Lagoa Vermelha, hoje cidade de Veranópolis, para onde o Quinzote, entregando a lida da fazenda ao filho Sático, acabava de se transferir.

Sátiro, que se encontrava em companhia do pai quando este foi degolado, escapou-se de sofrer a mesma sorte fatal, porque, no momento de ser amarrado, conseguiu desvencilhar-se e deitar a correr, sendo apenas ferido numa perna.

Pois o Sátiro deu um grande homem. Foi quem introduziu o gado Devon em Lagoa Vermelha, trazendo-o da Fazenda Pedras Altas do Dr. Assis Brasil. Foi quem introduziu aqui o banheiro carrapaticida e as primeiras sementes de eucaliptos.

Deixou numerosa e ilustre descendência. Seu neto, o Dr. Ivo Rodrigues Fernandes, hoje residente em Porto Alegre, foi consultor jurídico do Banco Central e do Banco do Brasil em Brasília.

Sátiro, escapando de morrer degolado durante a Revolução de 93, só veio a findar seus dias avançada idade de 93 anos. Morreu na sua Santa Cecília, então município de Passo Fundo e hoje município de Tapejara.

-0-0-0-

A história mais curiosa de todos os Chiquitus aconteceu com o Antônio, filho do pioneiro Antônio Nunes da Silva e de Donaciana Borges Vieira.

Antônio Chiquitu era o taura mais macanudo dos Campos de Cima da Serra. Alto e gordo, pesava mais de cem quilos. Forte como um touro, derrubava um boi como se derruba um guaieca.

Ele, que podia viver cem anos, morreu novo, vítima de sua força e de sua valentia. Morreu por traição, assassinado pelas costas, aos 35 anos de idade, no ano de 1883, precisamente no dia 18 de fevereiro.

Quando morreu seu pai, ele, que era o mais forte dos dez filhos, recebeu herança menor. Antônio não gostou da decisão do juiz, que naquele tempo decidia as partilhas na própria casa dos herdeiros.

Vendo-se roubado, Antônio, com aquela sua força monstruosa, desferiu violentíssimo murro sobre a mesa, que esta se partiu ao meio. A seguir, entrou a sorrir o magistrado e seus acompanhantes, que não tiveram outra volta senão fugir correndo, extremamente humilhados.

A mesa depois o Chiquitu consertou com uma placa de prata, naquele tempo em que prata era moeda corrente. Tudo era de prata, desde os talheres até os arreios.

Nunca jamais juiz algum levou tamanha surra. Um vexame! Vexame que não podia permanecer impune por muito tempo. Era preciso vingar aquela tremenda surra.

Então, um dia, saiu da vila de Vacaria uma escolta para prender o valente Chiquitu, lá na sua Fazenda do Barreiro, no Turvo. Mas quem é que pensa que aquele gigante iria se deixar prender assim nomás como se prende uma rês no campo ou no curral? Só morto mesmo.

A escolta, andando a cavalo durante todo o dia, só chegou à Fazenda do Barreiro altas horas da madrugada. Bateram na porta do rancho. Antônio levantou da cama, entreolhou por uma fresta da janela e reconheceu os guardas.

- Quem vai lá? - perguntou.
- Gente amiga, seu Antônio.
- Que é que vocês querem?
- Queremos falar com o senhor.
- Está bem. Quando clarear o dia, eu abrirei a porta.

Antônio sentou-se a mesa, ao lado do lampião, fumando e tomando chimarrão, enquanto sua esposa, por sua ordem, continuava deitada na cama.

O rancho era de barro. Os guardas resolveram abrir um buraco na parede. Foram abrindo com a faca, devagar, sem ruído.

Quando, pela fresta, viram Chiquitu à luz do lampião, sentado de costas para eles, trovejou o fuzil. Foi assim que o mais forte de todos os gaúchos dos campos de Lagoa Vermelha veio a perecer naquela madrugada de verão de 1883.

As ruínas do rancho de barro, à beira do banhado, ainda podem ser vistas hoje, na velha tapera da Fazenda do Barreiro, atualmente na Fazenda "Paradeiro dos Índios", do pecuarista Garibaldino Lourenço de Lima, irmão do comendador Érico Lourenço de Lima, falecido em Porto Alegre no dia 11 de maio de 1983.

-0-0-0-

12-SEBASTIÃO PIRES

O fato, rigorosamente histórico, aconteceu por volta de 1950, com Luís Dihl, irmão de Artur, aquele tio e este pai de D. Avina Dihl Guerreiro, esposa de Valdomiro Guerreiro, dono da Fazenda da Pedreira, no município de Ciríaco.

Encontrava-se Luís em Davi Canabarro, então município de Passo Fundo, quando desapareceu seu cavalo de montaria, um lindo cavalo tordilho, emprestado. Desapareceu misteriosamente.

Saiu andando pelas estradas à procura do cavalo. Procurou, procurou, indagando de casa em casa. Nada. Ninguém que lhe desse uma pista do cavalo desaparecido.

No outro dia, encontrando-se já no Passo das Pedras, lembrou-se do Bastiãozinho, o Sebastião Pires, que fora cruelmente martirizado e cuja sepultura se transformara em ponto de romaria. Dizem que visitando a sepultura e levando lá velas ou outras oferendas, a pessoa alcança o que deseja.

Foi o que fez Luís. Comprou um maço de velas e dirigiu-se à Fazenda da Pedreira, a três quilômetros do Passo das Pedras, no atual município de Ciríaco. Penetrou no campo e foi caminhando em terreno ondulado. Uma linda fazenda, com muitos capões, e, naquela época, ainda com grande quantidade de pinheiros.

Lá do alto da fazenda, descortina-se a paisagem pitoresca do pequeno vale do Passo da Taipa. Por toda aquela extensão de campos e granjas não se vê até hoje uma só moradia.

Pois nesse risonho rincão silencioso, na restinga do mato, beirando a sanga, divisa da Fazenda da Pedreira com a da família Boeira outrora, hoje de Segundo Bertolin, encontra-se a sepultura de Sebastião Pires, a poucos metros da sanga.

Luís vai descendo a encosta, penetra no mato, levando na mão o maço de velas, na esperança de obter do céu a suspirada graça, de encontrar o cavalo desaparecido.

Ao penetrar no mato, tem ele a maior surpresa da vida. Não pode acreditar no que vê. Sim, o cavalo, o belo cavalo tordilho que havia desaparecido há dias, longe daqui lá no outro município, encontra-se agora ali, encilhado, amarrado a uma árvore, perto da milagrosa sepultura.

-0-0-0-

Em 1947 a família de Pacífico Bonamigo, de Ciriaco, obteve uma graça extraordinária, atribuída à intercessão de Sebastião Pires. A esposa de Luís Bonamigo, residente em Mata Grosso, jazia enferma, vitimada por câncer na garganta. Se fosse operada, perderia a fala. Foi então visitar a sepultura de Sebastião. Fez promessa e curou-se.

O menino Luiz Carlos Schenatto, filho de Arduíno Schenatto, gravemente enfermo, foi levado a Porto Alegre quase morto. Estava desenganado. O pai e o tio Ângelo Schenatto, donos de uma olaria no Passo das Pedras, fizeram promessa, visitando a sepultura de Sebastião. O menino, hoje, em 1983, com 15 anos, reside em São Leopoldo, são e salvo.

As famílias Bonamigo e Schenatto, cumprindo promessa construíram uma capela e um túmulo para Sebastião Pires, lá no local onde foi morto e sepultado. Um pequeno oratório, de alvenaria, diante do túmulo, dentro do capão, perto da sanga. O túmulo raso está cercado com grade de ferro e presidido por uma cruz igualmente de ferro.

Dentro da capelinha, entre várias imagens de Nossa Senhora e uma de Santo Antônio, uma imagem de São Sebastião. Urna placa de ferro diz: "Duas graças alcançadas em 1947 e 1972 da família de Pacífico Bonamigo".

Por trás da sepultura, garrafas e garrafões amontoados. Os

devotos, sabendo que Sebastiao, antes de morrer sofreu fome e sede, levam para junto da sua sepultura leite, comida, remédios.

A última vez que o autor deste livro visitou o lugar, no dia 5 de fevereiro de 1983, um sábado, por volta das cinco horas da tarde, ardiam sobre o pequeno túmulo seis velas de cera, ao lado de três pães caseiros, uma garrafa de cerveja e um cacho de bananas.

A primeira visita do autor, junto com o Dr. Milton Euclides Tumelero, deu-se no histórico dia 13 de maio de 1981, dia do atentado ao Papa João Paulo II. A segunda vez aconteceu no dia 29 de novembro do mesmo ano, por ocasião da festa, com missa celebrada pelo Pe. Avelino Heck, Vigário de Ciríaco.

Todos os anos, no último domingo de novembro, celebra-se a romaria à sepultura de Sebastião Pires. Grande multidão de devotos ocorre então. Por vezes acontece ser necessário sacrificar dez vacas para alimentar a todos.

O local, junto da sepultura, à sombra acolhedora do mato, é ameno e convidativo. Há lá uma comprida churrasqueira de tijolos. Tendas para jogos, quermesse. Bancos para sentar. Enfim, um recanto edênico.

A sepultura e a capelinha ficam na referida fazenda da Pedreira, outrora de Inácio Ribeiro, a seguir de Artur Dihl e hoje de Valdomiro Guerreiro, natural de Vacaria, casado com a filha de Artur Dihl, D. Avina. Do Passo das Pedras, na BR-285, a pequena distância da encruzilhada para Tapejara, a Fazenda da Pedreira dista três quilômetros, pela estrada que leva à pequena cidade de Ciríaco.

-0-0-0-

Sebastião Pires era de família humilde, filho de Lauro e Angelina Pires, agregados de Manuel Ribeiro e depois de Hildebrando Machado, no Passo das Pedras. Rapaz de conduta exemplar, religioso e de toda a confiança. Os patrões confiavam

nele, incumbindo-o de efetuar pagamentos.

Em outubro de 1932, órfão de mãe e com 18 anos, morava com o pai e as irmãs: Francisca, Sebastiana, Tânia, Aurora e Lica.

O Vizinho Felisberto Boeira era boa pessoa, mas quando se embriagava tornava-se briguento e mulherengo.

Um dia Berto Boeira quis dar um susto ao jovem Sebastião:

- Bastião, - falou Berto - sabe que vou levar teu pai a São Paulo, para combater na revolução?

- Não, Berto, meu pai o senhor não leva.

Felisberto, embriagado, começou a surrar o rapaz. Bastião fugiu para o campo, indo avisar o patrão Hildebrando Machado. Quando as dois chegavam à casa de Lauro Pires, viram Felisberto seminu, tentando seduzir as moças.

Sebastião entrou na luta corporal com o Berto. A seguir, vendo que este continuava perseguindo as moças, Sebastião entrou em casa, agarrou a pistola e disparou um tiro, atingindo a cabeça de Felisberto, acima da sobrancelha esquerda. O ferimento, que atingiu os miolos, provocou a paralisia da mão e da perna esquerda, para o resto da vida.

Hildebrando, que acabava de chegar, ordenou que o rapaz fugisse, refugiando-se no mato. Sebastião agarrou o revólver de Felisberto, que jazia caído, e correu.

Brás Boeira, João Boeira, irmãos de Felisberto, e o pai deles, Antônio Boeira, e mais o sobrinho Olímpio Duarte, saíram em perseguição do rapaz. Acabaram por encontra-lo em casa de um amigo, na localidade de Pessegueiro.

Pediram então que entregasse o revólver de Berto, um 38. Sebastião jogou a arma no pátio, provocando a detonação de um disparo, sem, contudo, atingir alguém.

Sebastião foi preso, amarrado à cincha do cavalo mediante uma corda laçando-o pelo pescoço. Conduzido entre dois cavaleiros, o rapaz seguia arrastado e pisoteado nos pés pelos cascos do cavalo, a ponto de lhe serem arrancados pedaços de carne. Açoitado e pisoteado, seguiu no percurso de uns dez quilômetros, até a Fazenda da Pedreira, então de Inácio Ribeiro.

Nesta fazenda, Sebastião foi amarrado a um pinheiro, permanecendo ali durante três dias, sofrendo dores horríveis, fome e sede.

Vendo que o rapaz não morria, os perseguidores contrataram um carrasco, o negro Miguel Fernandes, vulgarmente conhecido por Nego Picareta.

Sebastião foi então desamarrado do pinheiro e conduzido cerca de mil metros abaixo, numa restinga de mato, no Passo da Taipa, onde o amarraram a um espinilho.

O rapaz, depois de haver pedido água para matar a sete, disse que sofria com prazer, pois Nosso Senhor sofrera mais do que ele.

O carrasco tentava inutilmente disparar a winchester. Não posso - dizia. - Sinto um grande arrepio que não me deixa disparar a arma. Como pode acontecer isto? Matei tanta gente na Revolução de 23 e agora não posso matar este rapaz amarrado numa árvore.

- Que é isso, Bastião? - perguntou.

- É por que eu levo comigo uma oração que me defende.

Procurando nos bolsos, encontraram então uma oração de Santa Catarina, que colocaram debaixo de uma pedra, ali perto.

Só então o Nego Picareta pode disparar dois tiros, um na cabeça e outro no corpo, matando o rapaz.

Em seguida, deitaram o corpo numa poça d'água, perto da sanga. Cobriram com terra, pedras e madeira.

-0-0-0-

O filho do dono da fazenda, João Batista Ribeiro, atualmente (1983) com 67 anos, residente na cidade de Ciriaco, assim contou ao autor a descoberta do cadáver.

"Na hora do crime, meu pai, Inácio Ribeiro, ouviu dois tiros. Passados nove dias, chegando eu na casa comercial de Segundo Bertolin, no Passo das Pedras, ouvi a balconista, Gil Monteiro, conversando com Calimério Lourenço de Lima e dizendo que haviam matado o Bastião Pires.

Sem comentar nada a ninguém, pensei nos dois tiros que o pai ouvira e resolvi dar uma busca pela fazenda. Sai para o campo junto com o cunhado Frederico Dihl. Saímos levando a espingarda.

No campo vimos um graxaim roendo a caveira de uma rês. Daí descemos para junto do Passo da Taipa. Ali voou jacu, que meu cunhado foi perseguindo até caçá-lo.

Entre no mato. Achei logo o rumo do calçado da bota. Adiante 50 metros, uma árvore esfolada. No chão, restos de palha de milho, denunciando haver alguém feito ali um cigarro. Depois, no meio das folhas, vi sangue, miolos e formigas.

Naquilo o Frederico disparou a espingarda, matando o jacu. Foi quando eu vi uma cava, com terra desbarrancada. Com uma vara, removi uma pedra e apareceu um braço humano. No dia seguinte, a nossa família, parentes e vizinhos, fomos lá, retiramos o corpo da poça e o sepultamos no seco, onde hoje ainda se encontra a sepultura.

Foi então que Núncia de Oliveira, removendo uma pedra por acaso, encontrou a oração de Santa Catarina, que o Sebastião costumava levar sempre consigo e que fora colocada lá debaixo da pedra pelos assassinos.

Levada a notícia ao conhecimento da Polícia de Passo Fundo, Antônio Boeira e os filhos, precipitadamente, venderam a fazenda a Segundo Bertolin, que em 1983 ainda vive, ora em

Passo Fundo, ora no Passo das Pedras.

Felisberto Boeira, embora paralítico do braço e perna, continuou trabalhando, andando a cavalo. Mais de transferiu-se para o Oeste do Estado do Paraná".

13-O VESTIDO AZUL

Insinuante, sublime, plena de mistério, a encantadora história de Maria Elizabeth de Oliveira, a garota passo-fundense, tragicamente falecida no dia 28 de novembro de 1965, em vésperas de completar 15 anos, e cuja sepultura se transformou em ponto de intensa romaria.

Filha de Alcides de Oliveira, então gerente da Gaúcha Madeireira S. A. em Lagoa Vermelha, e de Leda Morandi de Oliveira, Maria Elizabeth nasceu e morreu no Hospital São Vicente, em Passo Fundo, embora seus pais residissem naquela época na cidade gaúcha de Lagoa Vermelha.

Com poucos meses de idade, a menina foi levada pelos pais a Marcelino Ramos, onde, junto ao Santuário de Nossa Senhora da Salete, a colocaram aos pés da imagem da Virgem, numa consagração, a implorar as bênçãos do céu sobre sua filhinha, no futuro incerto e insidioso dos tempos atuais.

Em criança, linda como uma boneca, era um poema de graça, que a todos fascinava. Mas, já aos quatro anos, principiou a manifestar um sintoma que a tornava misteriosa e diferente das outras garotas de sua idade. Algo estranho que a acompanhou até momentos antes de sua morte.

Inteligente, vivaz, desenvolvia-se precocemente, no corpo e na mente, sendo, por isso, de estranhar essa circunstância anormal. Era assim. Estava lá alegre e feliz, quando de repente entrava numa espécie de arrebatamento, de arroubo. Desviava o olhar para longe e não prestava atenção a mais ninguém, a mais nada. Era então preciso gritar com ela ou bater-lhe no ombro. Ela acordava, sobressaltada, e perguntava: Ah! Que é que você disse?

Apaixonada por rosas. Vivia com rosas na mão. Gostava de receber e gostava de oferecer rosas. Vivia cantando a canção

das rosas - rosas vermelhas para uma dama triste, de Kleber. No domingo de sua trágica morte, passou a manhã a cantar: Rosas para mim. Rosas para o papai. Rosas pra mamãe. Rosas pra todo mundo.

No dia da sua morte, começaram a chegar rosas para enfeitar seu lindo ataúde. Sua sepultura, sua capela vivem inundadas de rosas. Alguém reza pedindo uma graça e, muitas vezes, surge de repente, misteriosamente, uma rosa. No dia 13 de março de 1982, chegavam a Passo Fundo dois jovens vindos de Mato Grosso do Sul, trazendo duzentas dúzias de rosas naturais, de todos os matizes, em fardos de dez dúzias. Era um hino de gratidão por uma grande graça alcançada por intercessão dessa santinha das rosas.

No dia 13 de novembro de 1965, na barragem do Capingui, pereceu afogado um colega de Maria Elizabeth, Arno Koop. Durante o velório, diz a menina para Edmar Antônio Lusa e para outras pessoas: Domingo que vem quem vai morrer sou eu! Dito e feito. Morreu tragicamente no domingo seguinte e foi sepultada ao lado da sepultura do colega.

Quinze dias antes de sua morte, Maria Elizabeth foi à penteadeira junto com a colega e íntima amiga Marilda, filha de um funcionário da Viação Férrea. Ao sair do instituto de beleza, diante da Drogabir, na avenida Brasil, um automóvel, em alta velocidade, por um triz não atropela Maria Elizabeth.

- Viu, Bete, se eu não te puxasse, você estaria morta.

- Deixa. Então você não sabe que eu vou morrer atropelada?

No dia 24 de novembro, quarta-feira anterior à sua morte, Maria Elizabeth, retornando da escola com a mesma colega, ao passar diante da casa funerária Cogo, diz:

- Marilda, vamos entrar. Quero escolher o meu caixão.

Estava lá exposto um lindo ataúde, cor de pérola, de

marfim metálico dourado. Diz ela: Este é o meu caixão. Olha bem, Marilda, tu vais me ver dentro deste caixão.

No dia 28, o pai, sem saber dessa preferência da filha, vai e escolhe este caixão, que achou muito lindo, para sepultura de sua inesquecível filha. Segunda-feira, Marilda vai ao velório. Vendo a colega dentro daquele caixão, solta um grito aterrador e quase desmaia.

Dias antes de morrer, Maria Elizabeth vai visitar D. Augusta Graeff Carrão, mãe de Maria Carrão, sua colega. D. Augusta jaz enferma, desenganada, vítima de câncer.

- Dona Tuxa, eu vou me despedir da senhora e desejar-lhe Feliz Natal.

- Por quê, Bete? Você não vem mais me visitar?

- Não. Eu vou morrer. Por isso, vim me despedir.

- Morrer você, Bete? Onde se viu? Uma jovem tão forte, tão sadia, tão bonita, como você.

- Sim, D. Tuxa. Eu vou morrer antes da senhora. D. Augusta ainda viveu um ano, vindo a falecer no dia 18 de janeiro de 1967.

-0-0-0-

Todos riam das “brincadeira” da mocinha. Todos sabem que ela gosta de “brincar” sempre se refere à sua morte.

Naquele fatídico domingo, dia 28 de novembro de 1965, ela devia ir à casa do Dr. Tadeu Nedeff pegar um ingresso do Cine Teatro Pampa. Visto como era muito quente, não foi. A mãe ficou contente, porque lembrou-se do elevador. Não vá acontecer o que sucedeu para a tia da cunhada que caiu do elevador e morreu.

Maria Elizabeth, depois de tomar banho, pediu licença para ir à rua conversar com a Maria Inês Busatto, moradora da mesma avenida, no outro lado. Lá juntaram-se com esta, mais a Jandira

Zanotto e Nair Dallagnese, às quais daí a pouco reuniu-se Osmar Ferlin, namorado da Maria Inês.

Era uma tarde esplendorosa, muito quente. O firmamento esmagadoramente azul, bordado, aqui e acolá, por algum enfeite branco de nuvens erradias. Flores em profusão nos canteiros das ruas, nos jardins diante das casas, perfumando o ar. Grupos de crianças e jovens, em trajas leves e coloridos, passeando, rindo, namorando.

Maria Elizabeth é uma das jovens mais alegres. Interrompe a conversa com as amiguinhas para cantar a canção das rosas: Eu vou mandar rosas. De repente, deixa de cantar, para dizer que vai ganhar uma grande viagem como presente de seus 15 anos. Uma grande viagem, a viagem da eternidade.

Ela saíra à rua vestindo a blusa de rosinhas, presente de sua madrinha. Uma blusa que havia tempo estava guardada. Agora, no momento supremo da vida, na hora de se apresentar diante do Senhor, quer estar vestida de rosas.

Súbito, uma camioneta Kombi, subindo a avenida Getúlio Vargas em alta velocidade, desgoverna, invade a calçada e bate no muro das casas, desvia-se do poste da esquina para disparar pela travessa, a rua Padre Valentim, onde colhe pelas costas a filha do gerente da Gaúcha Madeireira S.A., atirando-a violentamente contra outro poste, deixando-a prostrada.

Levada às pressas ao Hospital São Vicente, tem apenas tempo de receber a Extrema-Unção e um rápido atendimento médico, apenas para confirmar que dentro de poucos minutos estaria morta.

Logo que expirou, seu rosto que estava desfigurado, transfigurou-se. Ficou normal, lindo, lindo. Parecia viva, a sorrir.

-0-0-0-

Dorvalina Sartori, que auxiliou a levá-la ao hospital, vai agora vestir aquele corpo inerte. Em questão de vestuário, a

mocinha nunca foi exigente. Exigente mesmo só foi uma vez. Pediu com insistência um vestido azul. Ela tinha adoração por vestido azul. Encontrar uma colega vestida de azul, era uma festa. Que linda você está nesse vestido azul! Eu gosto tanto! Mas um dia eu terei o meu vestido azul, que estarei num domingo de grande gala.

A mãe satisfaz-lhe o desejo. Comprou-lhe um vestido azul. Um maravilhoso trajinho da cor do céu, mangas três quartos. Agora ela não cansa de declarar as colegas que também tem um vestido azul, presente da mãe. "Quero estreá-lo num domingo de grande gala".

O lindo vestido azul lá está bem guardado, à espera do anunciado domingo de grande gala. Os domingos passam, vão passando, passando. A mãe reclama:

- Mas, Bete, você não vai hoje botar o vestido azul?

- Ah, mãe , eu vou deixar para outro domingo.

Vem outro domingo. Outro. Três domingos. Quatro domingos. Cinco domingos. E o lindo vestido azul lá no guarda-roupa, à espera do domingo de grande gala, para a estreia no corpinho escultural da garota morena, de olhos negros e alucinantes.

Três meses de espera. Quatro meses. Cinco meses. Os domingos desfilam.

Os meses vão desfilando. Um ano. Imaginem: Louquinha por envergar o lindo vestido azul e aparecer em público numa festiva exibição, num domingo de grande gala...

E a mãe reclamando:

- Mas, Bete, você não vai estrear o vestido azul que tanto querias?

- Ah, mãe , eu vou deixar para outro domingo.

Os domingos passam, vão passando, e ela morre sem

estrear o seu lindo vestido azul, o vestido de sua adoração. Que pena! Morreu sem vestir um dia o seu tão querido vestido azul.

D. Dorvalina Sartori vai agora vestir a menina para a sepultura. Vai colocar-lhe um vestido que nunca mais há de tirar.

Ela nada sabe acerca da cor predileta da garota. Ela não sabe que há tempo o vestido azul se encontra guardado para a estreia num domingo de grande gala.

Chega na casa da família. Sobe ao quarto bem arrumado. Abre o guarda-roupa, onde há muitos vestidos. Sem que ninguém lhe dê palpite, sem que alguém lhe diga palavra, D. Dosalina vai direto ao vestido azul. O vestido azul que há mais de um ano aguarda o dia de estreia, no anunciado domingo de gala de Maria Elizabeth.

Por sobre o vestidinho azul, O. Dosalina arma um belíssimo tecido leve azul-claro, e um manto de renda branca, com fios prateados. Nas mãos, um rosário azul-claro, com água de Lourdes na primeira conta. Nos pés, os sapatinhos, nunca usados, que naquela tarde ela haveria de inaugurar, por ocasião da missa vespertina.

Ficou linda, linda! Toda coberta de azul, deitada, a sorrir, no caixão amarelo, de marfim dourado, o caixão escolhido por ela, no vestido que mais apreciava, o vestido que ela prometera estrear num domingo de grande gala.

Não faltou que comentasse: Esse vestido azul, a mãe tinha mandado confeccionar para a festa dos seus 15 anos. Seria o mais lindo vestido que já se apresentou talvez nos elegantes salões do Turis Hotel.

No dia de seus 15 anos, o corpinho de Maria Elizabeth encontrava-se vestido com o traje que fora escolhido para a sua Festa de 15 anos. O vestido azul para celebrar no céu a festa de seus 15 anos...

Consta que o corpo da santinha encontra-se incorrupto.

Isto por que, sete anos após a morte, por ocasião da transladação para a capela, o caixão tinha o mesmo peso que tinha no dia do funeral...

-0-0-0-

São sem conta as graças e milagres atribuídos a Maria Elizabeth de Oliveira. Um apenas. Depoimento de Romilde Ribeiro Cardoso, de Lagoa Vermelha, RS:

"Foi no dia 2.9.1978, na vila São José dos Ausentes, Bom Jesus, Rio Grande do Sul. Eu tinha 20 anos e fazia apenas 15 dias que estava casada com Francisco de Oliveira Cardoso, de 21 anos, filho do pecuarista Eulim dos Santos Cardoso e Iolanda de Oliveira Cardoso, proprietários da Fazenda Tabuleiro, distante oito quilômetros da vila. Meu marido fazia parte do conjunto musical "Som Cinco". Naquele dia, quando tocava durante um baile no salão paroquial, foi assassinado, ao tentar apartar uma briga.

Fiquei em desespero e pedi forças a Maria Elizabeth de Oliveira. Rezei com fervor. Emprestei o livro "Uma Estrela no Céu" para minha sogra, que também se encontrava desesperada. Ela leu o livro, a novena e ficou impressionada com os milagres. E fez logo um pedido a Maria Elizabeth que se o Francisco se encontrasse no reino celeste, ela desse alguma demonstração, para que nós tivéssemos um pouco de sossego, sabendo que ele não estaria sofrendo.

No dia 9 daquele mês, saímos todos de tarde para a missa de 7º dia, na vila. A casa do meu sogro, onde eu morava, ficou bem fechada. Quando voltamos, com a maior surpresa, vimos sobre o sofá da sala um arranjo lindo de flores, que antes se encontravam pela casa, em lugares diferentes, e, entre elas, uma foto minha e do marido que havíamos tirado ainda quando éramos namorados e que se encontrava numa gaveta dentro da caixa de fotografias.

Ninguém poderia ter entrado lá, uma vez que a porta ficou

fechada à chave e as janelas têm grade de Ferro. Minha sogra disse então que seria decerto o sinal que havíamos pedido a Maria Elizabeth, que vinha nos consolar, dando-nos a boa notícia de que Chico não estava sofrendo. Eu fiquei muito confusa e não podia acreditar. Pedi então a Maria Elizabeth que se tivesse sido ela a autora daquele arranjo, me desse um sinal.

Montei a cavalo e saí pelo campo a espairecer. Distante um quilômetro da casa, em lugar bem deserto, par onde ninguém podia ter andado, encontrei no meio da grama uma linda rosa vermelha, natural, recém-colhida, com haste longa. Visto como eu já sabia que a rosa é sinal de Maria Elizabeth, fiquei satisfeita. Colhi a flor, que ainda guardo comigo como uma preciosa relíquia.

No dia seguinte, mandamos bater uma foto colorida do arranjo. Outra surpresa: a foto, somente esta foto de todo o filme, apareceu um halo de esplendor bem no centro do arranjo. Reproduzimos muitas cópias. Todas elas trazendo o estranho esplendor".

-0-0-0-

14-O CACIQUE DOBLE

Pertencia à tribo dos índios Guainás, mais conhecidos por Coroados, nome oriundo do antigo costume de cortar os cabelos em forma de coroa.

Eram vulgarmente conhecidos por Bugres. A partir de 1882, por iniciativa de Telêmaco Borba, passaram a ser designados pelo nome de Caingangues, palavra indígena que significa morador do mato.

Na tribo levava o nome de *Iu-Tuhaé*. Os civilizados O batizaram com outro nome - CACIQUE DOBLE.

Era, a princípio, um cacique subalterno. Mas, tornando-se amigo dos civilizados, transformou-se no mais famoso chefe indígena da região da atual Lagoa Vermelha. Uma das cidades da Grande Lagoa Vermelha leva hoje seu nome.

Nesta região, o Cacique Doble nasceu, viveu e morreu.

Contrariando a característica da raça de estatura mediana, ele "era um índio alto, simpático e elegante. Já montava bem a cavalo e fazia montado parte de suas excursões" (Jacques).

"Doble não era um simples chefe, mas um verdadeiro déspota, cujas ordens eram executadas sem a menor objeção. Tinha direito de vida e morte sobre os membros da horda. E tinha ao mesmo tempo funções religiosas e civis. Era ele quem fazia os casamentos, mas permitia que fossem confirmados depois pelos missionários católicos, que de vez em quando visitavam a aldeia" (Schaden).

"Mais de uma vez apresentou-se em Porto Alegre, para discutir a situação de sua gente com os mais altos funcionários do governo da Província. Estes, por sua vez, o tratavam com bastante consideração, conferindo-lhe A título de brigadeiro. Doble

compreendera muito bem que o governo precisava de seus serviços e considerava-se, por isso, no direito de exigir mantimentos, roupas, utensílios de ferro, sementes e outras coisas mais. Recebia tudo isto com grande facilidade, prontificando-se, de seu lado, a contribuir com todos os seus homens para a segurança do Posto Militar de Caseiros. Prometia, além disso, estabelecer perto de sua aldeia os índios bravios que andavam nas florestas, constituindo sério perigo para as colônias...

Em tudo isso, Doble revelava bastante astúcia. É verdade que trazia índios do interior das matas. Certa ocasião voltou mesmo com um grupo de 30 para dessa maneira patentear a sua boa vontade, dirigindo-se, em seguida, a Porto Alegre, a fim de receber, para si e seus homens, a recompensa prometida pelo governo. Mas cumpria a sua promessa somente aos pouquinhos, para que não se esgotasse a preciosa fonte de rendas. Todavia cabe-lhe o mérito de ter contribuído de modo eficiente na pacificação dos Ca-águas, cujos últimos grupos, cansados da perseguição que se lhes movia, afinal se submeteram as autoridades" (Schaden).

-0-0-0-

O engenheiro belga Afonso Mabilde, naturalizado brasileiro, fora encarregado da abertura da atual rodovia BR-470, a antiga estrada ligando Pontão (Barracão) a São Sebastião do Caí. Durante suas incursões pela região, Mabilde, procurando entrar em contato com os índios Coroados, acabou ficando presa por eles, que o mantiveram cativo cerca de dois anos. Durante esse tempo, Mabilde aprendeu a língua dessa tribo, inteirou-se de todos os seus hábitos, escrevendo, ao depois, o mais completo tratado que se conhece acerca desses indígenas.

Mabilde era amigo do Cacique Doble, tendo-lhe prestado numerosos e valiosos serviços. Conta Mabilde que Doble, de 1848 a 1849 estava subordinado ao Cacique Braga, cuja área de ação eram as florestas do Mato Português, do Mato Castelhana e da

Serra dos rios das Antas e Caí.

Nesses Matos Português e Castelhana, os indígenas costumavam assaltar as tropeiros, fazendo com que esse passagem se tornasse perigosíssima. Por isso, os tropeiros, em geral, serviam-se de um bugreiro. O mais temível desses bugreiros foi José Domingos Nunes de Oliveira, que morava junto do Mato Castelhana. Era tão temido dos indígenas que, para afugentá-los, costumava ceder sua capa de gaúcho aos chefes das caravanas de tropeiros. Os índios, vendo a capa do temível bugreiro, fugiam.

Uma ocasião, a tribo do Cacique Braga matou dois tropeiros e um negro escravo, na passagem do Mato Castelhana. O êxito dessa correria da gente do Braga marca o início da luta entre este e o Cacique Doble. Como resultado o grupo dividiu-se e passou a ter dois chefes.

Quando a tribo do Braga festejava o assalto aos tropeiros, acima referido, ocorreu sangrento confronto, no qual Doble perdeu quase a metade de sua gente.

Doble, formando um novo grupo, usurpou as matas do Braga, porque eram mais abundantes em caça e frutas do que as que ele ocupava. Mas, daí por diante, Doble e seu grupo não tiveram mais sossego. Acossado por todos os lados, forçado pelas circunstâncias, saiu do mato, meio a contragosto, e apresentou-se aos civilizados, tendo-se aldeado nos lugares que lhe foram indicados pelo Governo Provincial, nos fundos de Nonoai e de Guarita.

Entretanto, quando se dirigia para Nonoai, foi atacado com seu grupo por índios desconhecidos, que julgou tratar-se de Pedro Nicofé, seu inimigo. Decidiu, então, fixar-se no Aldeamento do Pontão e, a seguir, de Santa Isabel, junto à Colônia Militar de Caseiros, a 20 Km da cidade de Lagoa Vermelha, junto é atual BR-285.

Nessa luta entre Doble e Braga, foi decisiva a intervenção

de Mabilde: "Foi preciso o meu encontro nas matas com aqueles indígenas selvagens e com o seu cacique Braga, em março de 1850 (como consta na minha correspondência com o Governo Provincial daquela época) para, à vista da colisão em que os tinha posto, que saíssem das matas em número de 304 de ambos os sexos e de várias idades, e que se aldeassem, porém, com a condição de nunca estarem nas imediações do lugar onde estivesse o seu traidor companheiro, o cacique Doble, com o qual nunca aqueles Coroados quiseram tornar a antiga amizade, não obstante os empenhos que fez mais tarde o Cacique Doble para conciliar-se com o cacique Braga.

Se não fosse aquela traição do chefe Doble, um dos chefes subordinados ao cacique principal Braga, traição essa que motivou a guerra de vingança e de extermínio, em que aqueles selvagens se achavam envolvidos, podemos estar certos que até hoje aqueles indígenas não se teriam apresentado, nem se aldeado tão pacificamente, porque os Coroados pela sua volubilidade e natural inconstância de que são dotados, custam muito a sujeitar-se às condições de vida civilizada, porquanto para eles o melhoramento do estado social, acostumados como estão com uma liberdade sem limites e a um sistema governamental muito simples - produz o mesmo efeito que um cativo rigoroso: "Pessoalmente reconheci mais tarde entre aqueles indígenas retirados das selvas e aldeados sob a forma civilizada".

No Toldo de Cacique Doble, no município do mesmo nome, cujo chefe é descendente de Doble, existem indígenas provenientes do grupo de Braga e do grupo de Doble. Pois até hoje reina entre eles uma certa animosidade, fruto da velha briga.

-0-0-0-

Por volta de 1853 o Cacique Doble residia no Pontão, conforme se observa através dos Relatórios da Presidência a Assembleia Legislativa. Um desses relatórios, de 2.10.1854, reza: "...Tendo-me dito o Cacique Doble que com uma jornada de três

dias poder-se-ia vir dos fundos de Vacaria (no Pontão, atual município de Barracão) até a Colônia de São Leopoldo, atravessando o rio das Antas em lugar baixo, e sem descidas rápidas, e constando-me que Francisco de Paula Felipe, que também mora naquele sertão, havia feito tentativas para esse fim, encarreguei a este de proceder a uma exploração em companhia do mesmo Cacique Doble no trilho, e seguindo a direção que por ele lhe fosse indicada. O resultado não correspondeu às esperanças.

Francisco de Paula Felipe diz que Doble, tendo reconhecido traços de índios desconhecidos que erravam naquelas vastas florestas, abandonara a verdadeira direção, e por isso seguiram num trilho tortuoso e de grandes descidas. O fato é que tomaram as fraldas do rio Taquari para saírem na serraria dos Irmãos Brochior, em vez de saírem na bacia do Caí junto à Picada Feliz. Com essa operação gastou-se 202\$360 réis".

Relatório de 1855 diz: "... A tribo do Cacique Doble está reunida nos campos do Pontão, no município de Vacaria, mantendo nesses lugares pacíficas relações com as autoridades e com os moradores vizinhos".

No dia 26.12.1856, o governo da Província criou oficialmente o Aldeamento do Pontão, nomeando como diretor Francisco Inácio Ferreira (Chico Furriel). Este diz em relatório que "não foi possível reunir os índios do Cacique Doble, que estão arranchados ao pé da fazenda do diretor, que pede ferramentas e roupas para eles e a presença de missionários".

Do Pontão o Cacique Doble passou para o Aldeamento de Santa Isabel no lugar do atual distrito lagoense de Caseiros, a 20 Km da cidade, junto do Mato Português.

O Aldeamento de Santa Isabel, conforme Antônio Eleutério de Camargo, foi fundado em 5.4.1849, do qual em 1857 foi nomeado diretor Alberto Marques de Almeida.

O Relatório de 1859 reza: O estado em que paravam os indígenas dos caciques Doble e capitão Chico, por antonomásia, Nariz Comprido, desde que tomei posse da administração desta província, atraiu minha atenção. Nomeei o cidadão Alberto Marques de Almeida para diretor destes infelizes e pedi ao governo imperial que os tomasse sob sua proteção.

Estas providências obtiveram felizes resultados. O governo imperial mandou criar uma Colônia Militar no distrito de Lagoa Vermelha pra proteção da população dos lugares vizinhos, e autorizou-me para mandar para ali um missionário catequizar esses infelizes. Por outro lado, o diretor nomeado envidou todas as suas forças para conseguir plantar no lugar do Mato Português esse aldeamento, e reunir as duas tribos.

No dia 14 de agosto deste ano, seguiu aquele diretor para o posto indicado com 182 índios de ambos os sexos e de diferentes idades, da tribo Doble, para fundar o aldeamento de Santa Isabel, ficando uma porção da tribo do Cacique Doble no lugar denominado Campo do Meio, para concluir as colheitas das roças.

Pelo estado de penúria em que viviam, estes indígenas cometiam depredações em alguns lugares e especialmente sobre a serra. Os esforços do digno diretor vão sendo coroados de feliz sucesso, conforme últimas informações.

O novo aldeamento de Santa Isabel acha-se situado na entrada da Picada do Mato Português, em terreno fértil e abundante de água. Já conta 29 ranchos e um grande galpão coberto de palha. Ali se fizeram os primeiros trabalhos de lavoura, há prontos cerca de 15 alqueires de terra no mato virgem, à espera de tempo idôneo para serem semeados. Os índios já se vão habituando e tomando gosto ao trabalho".

O Aldeamento de Santa Isabel foi extinto em 26.2.1862. Nessa ocasião, "apresentaram-se ao Diretor da Colônia Militar de Caseiros o Cacique Doble e outros com suas tribos em número de

25 homens e 33 mulheres, declarando ser sua intenção aldearem-se dentro dos limites da Colônia e aplicarem-se aos trabalhos agrícolas, pois não queriam transferir-se para o aldeamento de Nonoai".

"Em 1863 foi recolhido ao aldeamento o índio velho José Francisco, sogro do Cacique Doble, com sua família composta de nove pessoas, que viviam nos matos do Pontão".

R.F.Hensel (1826 - 1881), em 21.5.1865, visitou os índios da Colônia Militar de Caseiros. Em seu relatório menciona a visita que alguns índios desse aldeamento, chefiados por Cacique Doble, fizeram a Porto Alegre em 1864 a fim de receber do governo a recompensa por serviços prestados na captura de indígenas coroados, feito que valeu ao Cacique Doble o título de Brigadeiro.

-0-0-0-

O Cacique Doble prestou colaboração decisiva ao trabalho de resgate da família de João Pimentel, assaltada e sequestrada pelo bando de João Grande.

João Grande em 1851 praticou vários assaltos no Turvo, atual distrito lagoense de André da Rocha. A família de Bernardino Fialho de Vargas, em sua fazenda do Prata, em cuja área assenta hoje a vila de André da Rocha, depois de assaltada, costumava colocar um escravo no alto de um morro a fim de observar uma eventual aproximação dos indígenas. O morro, desde então, passou a ser conhecido por Morro da Vigia.

O assalto à família de João Mariano Pimentel verificou-se no dia 5.8.1851. Nessa ocasião, os índios mataram Serafim Mariano Pimentel, irmão de João Mariano; os filhos Marcos Manuel e Manuel e mais três peões. Além disso, levaram sequestradas, duas filhas e dois filhos estes menores: Francisca, Perpétua, João Mariano Filho e Antônio, estes de 8 e 3 anos, e mais uma velha escrava. Foi poupada D. Bárbara Borges Vieira Pimentel, esposa do dono de fazenda, porque caiu desmaiada. Salvou-se ainda

Núncia, a filha menor, por se encontrar na fazenda São José do tio José Nunes da Silva.

O fato vem narrado por Mabilde e por vários historiadores. Em torno do acontecimento, criou-se uma lenda absurda, que chega a figurar em livros e jornais. Diz a lenda que as filhas de João Mariano foram resgatadas "cada uma com um filho no colo".

Ora sabemos por documento oficial da Câmara de Vereadores de Vacaria que o cativo dos filhos de João Mariano durou apenas 31 dias, tendo sido resgatados, com auxílio do Cacique Doble, no dia 6 de setembro daquele ano de 1851.

Diz Mabilde: "Os Coroados que têm mulher são geralmente muito sóbrios no que se refere a prazeres carnavais... parecendo precisar das mulheres apenas para a propagação da sua raça.

No cativo - continua Mabilde – "no cativo das moças e mulheres brancas como no das de cor aprisionadas pelos Coroados, é mui notável a brandura com que esses homens selvagens e brutais as tratam..."

Confirmando Mabilde, afirma Antônio Serrano: "As mulheres prisioneiras, não índias, mereciam também um tratamento diferenciado: não eram aproveitadas pelos Coroados para atos sexuais".

A lenda afirma ainda que João Mariano Pimentel teria matado os dois netos espúrios, como também o negro João Grande, ao qual arrancou o couro, estaqueando-o. Aos visitantes dizia: Eis aí a pele da fera.

Conforme o historiador Leopoldo Petry, sabemos como e quando foi morto João Grande, que reunia um grupo de duas dezenas de índios, entre os quais um genro do próprio Cacique Doble.

Depois de haver praticado um assalto em Mundo Novo (Taquara), no dia 8.1.1852, João Grande, por ordem do governo da Província, passou a sofrer dura perseguição, vindo a ser morto

com a colaboração do Cacique Doble.

Escreve Leopoldo Petry: "Era inspetor daquela zona o capitão Francisco Müller". Este reuniu às pressas vários colonos e convidou também o grupo chefiado pelo Cacique Doble, que casualmente ali se encontrava, para encetarem a operação e que foi iniciada logo que estavam concluídos todos os preparativos.

Dirigiu-se a escolta primeiramente à casa do estancieiro, do qual falamos e levamos para guiá-la a ex-prisioneira, tomou o rumo do mato.

Narra o cap. Francisco Müller: "Já eu tinha deliberado o que havia de fazer com respeito ao famigerado João Grande, o chefe do bando.

Poderia talvez prendê-lo e entregá-lo a sou dono... Mas o preto, muito esperto, teria fugido de novo para recomeçar a sua vida de bandido e dar largas ao seu ódio contra a raça branca. Por isso julguei melhor deixar plena liberdade dos bugres do Cacique Doble.

Entramos no mato. Os bugres se espalharam e apesar de saber que não estavam longe de mim, não podia avistar nenhum deles. Só de vez em quando aparecia um subindo com agilidade numa árvore, ou descendo por um cipó. Nós, brancos seguíamos o trilho, conforme indicações da Maria.

... Não demorou muito que fossem pressentidos pela gente do Doble. O acampamento foi cautelosamente cercado e o círculo apertado cada vez mais. Nós que seguíamos pelo trilho do gado, chegamos a tempo de podermos assistir ao renhido combate, que já tinha começado.

A filha e o negro de Doble, que não queriam render-se, caíram sob as cacetadas dos nossos bugres. Doble a princípio queria poupar os seus netinhos, mas, como estes se portassem quais gatos furiosos, o velho matou-os igualmente a porrete.

João Grande levou uma cacetada na cabeça e caiu.

Conhecendo a resistência dos crânios africanos, fiquei um pouco desconfiado com o crioulo e adverti o velho cacique de que ele ainda não estava morto. Mas Doble, rindo-se, disse: Este não levanta mais.

Para provar o contrário, puxei da espada e com um golpe cortei fora a orelha do preto, justamente com um pedaço de crânio. Ligeiro, como um raio, levantou-se o pseudo-morto. Então os bugres novamente puseram em ação os seus cacetes e reduziram em pouco tempo a um a massa informe a cabeça de João Grande. Feito isso, Doble me disse: Mas agora acho que esta morto.

O Cacique Doble, seu bando, juntamente com as duas mulheres e os dois meninos, foram apresentados ao Presidente da Província. O intérprete apontou o Cacique Doble, que tanto se havia distinguido na morte de João Grande e extinção de sua horda. Então, o cacique, sabendo que estavam falando dele, meteu, todo faceiro, a mão no bolso das calças e, tirando um objeto que se parecia um tanto com um pedaço de couro seco, apresentou-o aos presentes, dizendo que se tratava da orelha direita de João Grande, guardada por ele como lembrança...”

Entretanto, a morte de João Grande custou a vida de quase todos os integrantes do grupo. É o próprio Leopoldo Petry que narra: "Tendo sido presenteados pelo governo provincial com fardamento usados por soldados atacados de varíola, os pobres índios do Cacique Doble, muito satisfeitos, vestiram-nos, sendo atacados igualmente do mesmo terrível mal. Não conhecendo, julgavam que com banhos de água fria poderiam curar-se; mas o contrário aconteceu. Quase todos morreram".

-0-0-0-

Quando e onde morreu o Cacique Doble? Mabilde diz que morreu antes de 1866. Serrano declara que, depois de aldeado, morreu, tendo sido sepultado com arco e flecha ao lado, vasilha de barro e apito de madeira.

Doble morreu certamente no antigo Aldeamento de Santa Isabel, junto à Colônia Militar de Caseiros, onde ele residia nos últimos anos de vida.

O Coronel Libório Pimentel, filho de João Mariano Pimentel Filho, que fora sequestrado pelo bando de João Grande, declarou ao autor que conheceu o filho do Cacique Doble, o General Faustino. Na Revolução de 93, deram-lhe uma farda de coronel. Então ele chegava na vila de Lagoa Vermelha com dois ou três bugres de capangas, vinha com aquela farda surradinha, de pé no chão. No tempo do Faustino havia no Toldo de Cacique Doble mil e tantos bugres.

O Cacique Faustino Ferreira Doble, filho do Cacique Doble, é avô do atual chefe do toldo, o General Faustino Ferreira Doble.

O agrimensor João Lúcio Nunes, compadre de Hipólito José de Paula, irmão de Franklin José de Paula, foi quem batizou a nova colônia com o nome do Cacique Doble.

João Lúcio Nunes era o sogro do Coronel Libório Pimentel. Os Irmãos Hipólito e Franklin de Paula herdaram a grande fazenda de Francisco de Paula Filipe e resolveram colonizá-la, convidando agricultores de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Antônio Prado.

O próprio João Mariano Pimentel transferiu-se do Turvo para a Fazenda do Silvério, capataz de João Jacinto Ferreira, genro do velho João Mariano. Esta fazenda ficava no atual município de Cacique Doble. Aqui veio a morrer D. Bárbara, esposa de João Mariano. Este, em sinal de luto pintou a casa de preto. Aqui também faleceu João Mariano, com mais de 90 anos, no 18 de agosto de 1888.

-0-0-0-

15-NA ENCHENTE DE 83

O velho Anastácio é um mendigo de sorte. Acomodado. Inteiramente conformado com a sua condição de mendigo.

Sem ambições, não inveja os colegas que têm um rancho para morar. Os colegas que tem família, que tem parentes.

Ele não tem família. Não tem parentes. Não tem rancho para morar. Mora na rua e dorme debaixo da ponte. De dia anda pela cidade assobiando, cantarolando, feliz como um passarinho.

Comida? Um prato da esposa do caminhoneiro Felisbino, ou na primeira casa em que bater.

Não inveja os colegas mais ou menos bem vestidos e calçados. Ele anda sempre de pé no chão e se veste de molambos, que ele mesmo lava no rio, debaixo da ponte.

-0-0-0-

Vivia feliz o velho Anastácio, dormindo debaixo da ponte. Mas em julho de 83 aconteceu um desastre. Uma tragédia. Veio a enchente, a enchente mais dramática, mais catastrófica da história do sul do Brasil.

Com fúria diabólica, o rio transbordou. Saiu do leito e andou solto, impetuoso, por ruas e praças.

A água entrou nas casas sem pedir licença. Subiu, subiu, encobrendo os telhados e transformando a cidade num mar tumultuoso.

Casas eram arrancadas de seus alicerces e seguiam arrastadas pela torrente, rodopiando, em teatral cortejo.

Árvores, cercas, muros, tudo sucumbia à fúria iconoclasta dos elementos em rebelião. Galinheiros, chiqueiros, currais, bois, cavalos, ovelhas, porcos, rolavam na crista das ondas, num bailado

macabro.

Empoleirado na cumeeira do galinheiro sinistrado, um galo, viajava de graça, cantando. Cantava aquela soberba epopeia de destruição, aquela tragédia que merecia ser cantada em prosa e verso.

Um gato branco, agarrado à porta arrancada da casa do seu dono, miava, fuzilando seus olhos de fogo.

Trepado num caixote, aos rodopios, uivava um enorme cachorro.

-0-0-0-

A população, tomada de pânico, mal pôde agarrar as crianças e fugir para o monte, de onde, com lágrimas nos olhos, contemplava o dramático submergir de suas casas.

Andando, alucinada, sob a chuva torrencial e contínua, desalojada de seus lares, refugiou-se no salão paroquial, providencialmente erguido no ponto mais elevado da cidade.

Sem se dar conta, Anastácio viu-se no meio daquela multidão flagelada e enlouquecida. No meio daquela multidão em desespero, mas bem vestida, bem calçada, ele de pé no chão, vestindo molambos.

No dia seguinte, deram-lhe um par de sapatos e uma roupa bonita. Deram-lhe comida. Roupa bonita abundante enviada pelos irmãos de todo o Brasil.

Não deu lá grande importância aquele par de sapatos. Preferia continuar descalço. Não se impressionou com a roupa bonita. Ele gostava mais da sua roupa esfarrapada de todos os dias. Não lambeu os lábios depois de saborear a gostosa refeição que lhe deram. O prato de feijão e arroz que recebia da mulher do Felisbino era mais apetitoso.

-0-0-0-

Ali, no meio da multidão em desespero, Anastácio ouvia as lamentações de um pai de família: Meus filhos, nós perdemos tudo. Não foi possível salvar nada, nem os documentos.

E a mãe: Perdemos a nossa casa, filhos. Perdemos a roupa, os móveis, a louça, as joias, o dinheiro, tudo.

- Mãe , - acrescentava a garotinha - eu perdi meu gatinho.

- Mãe , eu perdi o meu cachorrinho e o papagaio.

Anastácio, escutando aqueles gemidos, vendo aquelas lágrimas, ficou triste. Triste por ver a desgraça de toda aquela gente que antes vivia feliz e que acabava de perder tudo da noite para o dia.

E o mendigo, contagiado, também começou a chorar.

- Por que chora, Anastácio?

- Choro porque vocês perderam tudo.

- E você, Anastácio, não perdeu nada?

- Nada. Perdi apenas o leito debaixo da ponte. Mas provisoriamente. Logo que as águas baixarem, terei outra vez minha cama.

- Feliz de você, Anastácio, que não perdeu nada. Você tem sorte, Anastácio.

- Sim, muita sorte. Eu não perdi nada, enquanto vocês perderam tudo. Tenho pena de vocês.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Fidélis Dalcin Barbosa nasceu no município gaúcho de Montenegro, no dia 14.12.1915. Fez seus estudos principais nas escolas dos Padres Capuchinhos. Professor e Jornalista, iniciou suas atividades na Faculdade de Ciências Econômicas do Colégio Gonzaga, em Pelotas. Lecionou depois em Caxias do Sul, Portugal, Lagoa Vermelha e Canela. Foi vice-diretor e secretário durante 18 anos do antigo Ginásio Duque de Caxias, de Lagoa Vermelha. Lecionou na Escola Estadual Danton Correia da Silva, Escola Técnica de Comércio e Ginásio Maria Imaculada de Canela; na Escola Normal Rainha da Paz e Escola Estadual "Lagoa Vermelha" de Lagoa Vermelha, onde reside.

Como jornalista, foi redator de vários jornais e revistas no Brasil e Portugal. Continua como correspondente e colaborador do "Correio do Povo", "Correio Riograndense" e de vários outros jornais e revistas.

Estreou nas letras com o livro "Semblantes de Pioneiros", vultos e fatos da imigração italiana, obra pioneira no gênero, com prefácio de Mansueto Bernardi, que o encaminhou na literatura. Apreciando um conto seu, Paulo Rónai e Aurélio Buarque de Hollanda, escreveram na revista "A Cigarra" de março de 1960: "Vocação autêntica de escritor".

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

de Fidélis Dalcin Barbosa

Escreve Moacyr Flores no prefácio: “A tarefa de Fidélis Dalcin Barbosa, elaborando a história do Rio Grande do Sul, é uma busca de nossa realidade através do estudo do passado realmente vivido, em que o autor analisa acontecimentos irrepetíveis com um estilo sóbrio, mas que às vezes se deixa levar pelo amor à nossa terra, extravasando seu entusiasmo em palavras candentes e ritmo de linguagem. Assim, sua “História do Rio Grande do Sul” ganha um tratamento especial, escapando da monotonia de listagem de acontecimentos que seguem uma cronologia. A inserção de leituras no fim de cada capítulo, com textos de autores consagrados, possibilita que o livro também seja usado como manual didático, na aprendizagem da nossa história, preenchendo uma lacuna que existe neste setor.

A obra é fundamentada em copiosa bibliografia, mas o autor não confiou neste ou naquele livro, havendo dúvidas ou encontrando dados contraditórios, consultou amigos, escritores e pesquisadores do Estado e de além fronteira, através de correspondência indagadora. É difícil escrever no interior do província, distante das grande bibliotecas e dos arquivos. Aqui está o grande mérito do autor, ele não se fechou na torre de marfim de sua erudição, solicitou auxílio, pediu dados, confirmou fontes, discutiu afirmações consagradas, buscou a verdade.

Acredito que esta obra de Fidélis Dalcin Barbosa contribuirá para o conhecimento do presente, estabelecendo um traço de união com o passado através de narrativas, dos fatos históricos, das referências à nossa tradição e dos valores que se encontram ao longo do texto. É de recomendar-se este livro pela grande seriedade intelectual com que foi elaborado e também por que despertará entre as novas gerações o respeito pelo nosso patrimônio cultural, ligado pelas gerações anteriores”.

O livro traz a relação completa de todos os governantes do Estado, com a respectiva data de posse, desde Silva Pai a Jair Soares. Contém ainda a relação completa dos 244 municípios, com data de criação, área, população de 1970 e 1980 e código postal.

ACABA DE SAIR a 2ª edição de

OS FANÁTICOS DE JACOBINA, a história expurgada dos MUCKERS. Saiu também a 8ª edição de UMA ESTRELA NO CÉU, a maravilhosa história de Maria Elizabeth de Oliveira, a milagrosa santinha de Passo Fundo.

Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
ACQUAVIVA



978-85-8326-047-9